

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA URBANA

SISTEMAS DE INDICADORES DE QUALIDADE DE VIDA
ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE BELO HORIZONTE, ONTÁRIO,
PORTO E CHILLÁN E OVALLE

JUAN CARLOS GUILLÉN SALAS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Engenharia Urbana.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Siloto da Silva

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G958si

Guillén-Salas, Juan Carlos.

Sistemas de indicadores de qualidade de vida: análise das experiências de Belo Horizonte, Ontário, Porto e Chillán e Ovalle / Juan Carlos Guillén Salas. -- São Carlos : UFSCar, 2005.

139 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2005.

1. Planejamento urbano. 2. Qualidade de vida urbana - índice. 3. Indicadores de qualidade. 4. Métodos de avaliação. I. Título.

CDD: 711 (20^a)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DE TECNOLOGIA
Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana
C. P. 676 – 13.560-970 – São Carlos - SP
Fone/FAX: (16) 260-8295
e-mail: ppgeu@power.ufscar.br
Home-page: www.ufscar.br/~ppgeu



PPGEU / UFSCar

FOLHA DE APROVAÇÃO

JUAN CARLOS GUILLÉN SALAS

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM 31/08/2005

PELA COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Ricardo Siloto da Silva

Orientador (DECiv:UFSCar)

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Pedrosa Nahas

(IDHS/PUC-Minas Gerais)

Prof. Dr. Bernardo Arantes do Nascimento Teixeira

(DECiv:UFSCar)

PROF. DR. BERNARDO ARANTES DO NASCIMENTO TEIXEIRA

Presidente da CPG-EU

Aos meus pais, Juan e Alejandrina,
e irmãos, Bernabé, Edgard e Yessenia.

Meus modelos de vida e grandes parceiros nos meus projetos.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial ao Prof. Dr. Ricardo Siloto da Silva, orientador e amigo, quem me brindou, gentilmente, a oportunidade de adquirir maior conhecimento sobre a gestão urbana, no mestrado de Engenharia Urbana, neste país (Brasil); sob sua constante motivação à revisão e reflexão crítico-analítico do material consultado para a execução deste trabalho.

Aos Drs. Maria Inês Pedrosa Nahas e Bernardo Arantes do Nascimento Teixeira, participantes da minha banca de Defesa, pela dedicação na leitura e análise deste documento; assim como, pelas suas importantes contribuições e sugestões para a sua melhoria.

Aos Drs. Maria Inês R. Mancuso e Nemésio Neves B. Salvador, participantes da minha banca de Exame de Qualificação, pelas contribuições, críticas e sugestões para o desenvolvimento deste trabalho.

À instituição CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida no período de Março/ 2004 a Fevereiro/2005.

Aos Profs. Drs. do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana (PPG-EU), Ademir Pacelli Barbassa, Adail R. L. Gonçalves, Bernardo A. Nascimento Teixeira, João Sergio Cordeiro, Reinaldo Lorandi, Marcos A. Garcia Ferreira, Nemésio Neves B. Salvador, Sérgio A. Rohm, Ioshiaqui Shimbo e Suely da Penha Sanches, pelos conhecimentos transmitidos nas disciplinas dadas no mestrado.

Aos Profs. Drs. Bernardo Arantes do Nascimento Teixeira, Ioshiaqui Shimbo e Ricardo Siloto da Silva, coordenadores do projeto de extensão: Jabotical Sustentável, pela oportunidade oferecida de participar nesse projeto; o que me permitiu tirar importantes aprendizados sobre a construção de indicadores e sua aplicação na formulação de políticas públicas.

À Dra. Carolina Maria Pozzi de Castro, professora da disciplina Desenvolvimento Urbano e Regional do Programa de Graduação do Departamento de Engenharia Civil - ênfase em Engenharia Urbana, pela oportunidade de realizar o Estágio de Capacitação Docente nessa disciplina, na que adquiri valiosos conhecimentos sobre a montagem, enfoque e ditado de uma disciplina.

À pesquisadora Dídima Olave Fariás, professora do *Departamento de Ciencias Sociales, Facultad de Educación y Humanidades, Universidad del Bio – Bio, Cbillán (Chile)*, pelo apoio em me enviar informação sobre o *Sistema de Indicadores de Calidad de Vida en Ciudades Intermédias en Chile*.

Às pesquisadoras Maria Gómez-Vela e Eliana N. Sabeh, pesquisadoras no tema da Qualidade de Vida do *Instituto Universitario de Integración en la Comunidad, Facultad de Psicología, Universidad de Salamanca* (Espanha), pela valiosa ajuda na minha busca de informação referente aos estudos sobre a Qualidade de Vida no Meio Urbano.

A Sônia Guimarães, encarregada da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Urbana, pela ajuda oferecida nas gestões realizadas.

Aos amigos: Luis Fernando, Aldicio e Marcos, pela sua amizade e ajuda inestimável na procura de atingir meu objetivo.

Aos amigos: Eduardo, André, Luciano, Luciana, Marly, Michela, Michelly, Patrícia, Karina, José Antonio, Alexandre, Tissyana, Otávio (peço que me desculpem os que não foram citados), pelo companheirismo e bons momentos compartilhados durante minha estada no país.

Aos amigos: Alex, Eduardo e Lizandro (mestre e candidatos a doutor na Universidade de São Paulo – Campus de São Carlos); por suas contribuições no desenvolvimento deste documento e pelos bons momentos compartilhados durante os quatorze meses que moramos juntos.

Aos meus pais e irmãos, que me deram todo apoio para que fosse possível mais esta etapa na minha vida.

RESUMO

Pesquisadores, funcionários públicos e técnicos encarregados do Planejamento Urbano, cada vez mais, necessitam de instrumentos que sirvam de apoio no processo de tomada de decisões na formulação de estratégias e políticas destinadas à preservação ou melhoramento do bem-estar social. Nesse sentido, considerando a potencialidade que apresenta o estudo da Qualidade de Vida para o desenvolvimento desses instrumentos, o presente trabalho tem como objetivo analisar e criticar algumas experiências que tentaram operacionalizar o estudo da Qualidade de Vida quando é aplicado na atividade de Planejamento Urbano. Para atingir tal objetivo, foi realizada a revisão da literatura técnico-científica sobre Qualidade de Vida com a finalidade de se formar um referencial teórico sobre o tema, referencial necessário para realizar-se a análise-crítica pretendida. Ainda, foi realizada a identificação e apresentação de quatro instrumentos que se propunham analisar e avaliar a Qualidade de Vida no Meio Urbano, contemporâneos, localizados em contextos diferentes: Brasil, Canadá, Portugal e Chile. Concluiu-se o estudo com uma crítica dos mesmos, tendo utilizado-se as seguintes categorias de análise: gestores, objetivo, conceituação, dimensões, forma de elaboração do instrumento, estrutura e abrangência espacial. Como resultado do trabalho foi encontrado que, nas experiências analisadas, o estudo da Qualidade de Vida no meio urbano tem sido uma preocupação da parceria entre o setor público e setor acadêmico com o objetivo de avaliar o bem-estar social para apoiar o processo de tomada de decisões na formulação das estratégias e políticas necessárias para a preservação ou melhoramento desse bem-estar. A Qualidade de Vida no meio urbano, nessas experiências, tem sido conceituada como sinônimo das condições de vida da população ou como a combinação das condições de vida e satisfação, com essas condições, da população. Conceituações que têm abordado uma dimensão objetiva-material-quantificável (condições de vida da população) e outra subjetiva-imaterial-qualificável (satisfação da população), as que têm sido produto de uma visão tecnocrata ou academicista. Os instrumentos têm sido operacionalizados através de diferentes

domínios, variáveis e indicadores; no caso dos indicadores cabe ressaltar que, principalmente, têm sido desenvolvidos com um caráter objetivo-quantitativo, os que têm sido apoiados em alguns casos com uma pesquisa de satisfação - caráter subjetivo-qualitativo -. Os instrumentos, principalmente, têm sido desenvolvidos com capacidade de aplicação em forma desagregada espacialmente em função da homogeneidade dos grupos populacionais. Esses resultados têm sido contrapostos com o referencial teórico montado a partir da revisão da literatura técnico-científica sobre Qualidade de Vida, os que mostram algumas observações no respeito da conceituação, complementaridade das dimensões e participação da população na construção dos instrumentos. Sendo que a Qualidade de Vida, na literatura, é apontada como “o nível de satisfação da população em função de sua condição de vida, a que é avaliada desde o quadro de valores da mesma população em um contexto físico”. O que assinala a satisfação e condição de vida da população como as duas dimensões (dimensão objetiva e dimensão subjetiva) da Qualidade de Vida, as que têm que ser simultaneamente examinadas, as que têm que referir os mesmos assuntos e; o quadro de valores da população como o aspecto pelo que se podem captar as prioridades da mesma, através de sua participação na construção desses instrumentos.

Palavras Chaves: Planejamento urbano; Qualidade de vida urbana - índice; Indicadores de qualidade; Métodos de avaliação.

ABSTRACT

Researchers, public employees and technical person in charge of the Urban Planning, more and more, need instruments that serve as support in the process for taking decisions in the formulation of strategies and politics destined to the preservation or improvement of the social well-being. In that sense, considering the potentiality that presents the study of the Quality of Life for the development of those instruments, the present work has as objective to analyze and to criticize some experiences that tried to operate the study of the Quality of Life when it is applied in the activity of the Urban Planning. In such objective, a revision of the technician-scientific literature about Quality of Life was accomplished with the purpose of being formed a theoretical referential on the theme, referential necessary for taking place the persecuted analysis-critic. Still, it was accomplished the identification and presentation of four instruments that intended to analyze and to evaluate the Quality of Life in the environment urban, contemporaries instruments, located in different contexts: Brazil, Canada, Portugal and Chile. The study was concluded with a critic of the same ones, having used the following analysis categories: managements, objective, conception, dimensions, form of elaboration of the instrument, structure and spatial reach. As resulted of the work was found that, in the analyzed experiences, the study of the Quality of Life in the urban environment has been a concern of the partner between the public management and academic research with the objective of evaluating the social well-being to give support the process for taking decisions in the formulation of the strategies and politics necessities for the preservation or improvement of that well-being. The Quality of Life in the urban environment, in such those experiences, it has been considered as synonym of the conditions of life of the population or as the combination of the conditions of life and satisfaction of the population with those conditions,. Conceptions that have been approached through a dimension objective-material-quantitative (conditions of life of the population) and other subjective-immaterial-qualitative one (satisfaction of the population), dimensions that have

been resulted of a vision technical or academic. The instruments have been operated through different domains, variables and indicators. The indicators, mainly, they have been developed with an objective-quantitative character, the ones that have been leaned in some cases with a satisfaction research - subjective-qualitative character -. The instruments have been developed with capacity of application in form spatially disaggregated in function of the homogeneity of the groups of people. Such resulted have been opposed with the theoretical referential showed from the revision of the technician-scientific literature about Quality of Life showing some observations in the conception, complementarity of the dimensions and participation of the population in the construction of the instruments. The Quality of Life, in the literature, it is pointed as "the level of satisfaction of the population in function of their condition of life, the one that is evaluated from the particular values of the same population in a physical context". Situation that distinguish the satisfaction and condition of life of the population as the two dimensions under the which it has to be examined (dimensions objective and subjective), dimensions that have to refer the same subjects and; the particular values of the population as the aspect under which the priorities of the same population might be reflected with the participation the same one in the construction of the instruments.

Key words: Urban planning, Quality of urban life - index, Indicators of quality, Methods of evaluation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Conceituação da Qualidade de Vida (Modificado de FELCE; PERRY, 1995, p. 55).	29
Figura 2:	Classificação do Nível de Aproximação dos Estudos sobre a Qualidade de Vida. .	32
Figura 3:	Relações entre o Processo de Desenvolvimento, Qualidade de Vida e Planejamento Urbano.....	41
Figura 4:	Dimensões da Qualidade de Vida. (Interpretação própria).....	43
Figura 5:	Abordagem da Qualidade de Vida usando indicadores objetivos e subjetivos.	44
Figura 6:	Definição do Nível ou Unidade de Análise. (Interpretação própria).	44
Figura 7:	Operacionalização do estudo da Qualidade de Vida. (Interpretação própria).	45
Figura 8:	Variáveis do Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil. [Elaboração própria a partir de Nahas (2002, p. 94)].	50
Figura 9:	Dimensões do Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá.	60
Figura 10:	Domínios do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal. [Modificado de Santos; Martins (2002, p. 15.); Martins; Santos (Coord.) (2003, p. 13.)].	65
Figura 11:	Dimensões do Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile.	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Componentes por Variável do Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil. [Elaborado a partir de Nahas (2002, p. 117-119)].	51
Quadro 2:	Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil (NAHAS, 2002, p. 117-119).....	52
Quadro 3:	Dimensões e Indicadores do Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá. (elaborado a partir de Shookner (1998, p. 9-10.)	61
Quadro 4:	Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá (SHOOKNER, 1998, p. 9-10.)	62
Quadro 5:	Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.....	66
Quadro 6:	Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.....	68
Quadro 7:	Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.....	68
Quadro 8:	Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal (SANTOS; MARTINS, 2002, p. 16-20.).....	70
Quadro 9:	Variáveis por Dimensão do Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile.....	82
Quadro 10:	Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile	83
Quadro 11:	Síntese dos modelos analisados.....	117
Quadro 12:	Comparação dos domínios e variáveis nos modelos analisados.....	118

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	14
1 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA.....	16
1.1 SURGIMENTO DA EXPRESSÃO “QUALIDADE DE VIDA” E SEU ESTUDO	17
1.1.1 SURGIMENTO DA EXPRESSÃO.....	17
1.1.2 ESTUDO E RIGOR CIENTÍFICO.....	19
1.2 O QUE É QUALIDADE DE VIDA?	21
1.2.1 DEFINIÇÃO	22
1.2.2 DIMENSÕES	24
1.3 MODELOS CONCEITUAIS	28
1.4 NÍVEIS OU UNIDADES DE ANÁLISE PARA SEU ESTUDO	31
1.5 NECESSIDADE DA MEDIÇÃO OBJETIVA E AVALIAÇÃO SUBJETIVA	33
1.6 SINGULARIDADE	37
1.7 IMPORTÂNCIA DO SEU ESTUDO.....	38
1.8 RELAÇÃO COM O PLANEJAMENTO URBANO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO	40
1.9 SÍNTESE.....	43
2 MODELOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA	46
2.1 ÍNDICES.....	48
2.1.1 ÍNDICE DE QUALIDADE DE VIDA URBANA (IQVU) DA CIDADE DE BELO HORIZONTE DO ESTADO DE MINAS GERAIS NO BRASIL	48
2.1.1.1 Generalidades da cidade de Belo Horizonte.....	48
2.1.1.2 Descrição do sistema de informação	48
2.1.1.2.1 Gestores.....	48
2.1.1.2.2 Objetivos	49
2.1.1.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano	49
2.1.1.2.4 Metodologia de construção	50
2.1.1.2.5 Estrutura do índice	51
2.1.2 ÍNDICE DE QUALIDADE DE VIDA (IQV) DA PROVÍNCIA DE ONTÁRIO NO CANADÁ. 58	
2.1.2.1 Generalidades da Província de Ontário.....	58
2.1.2.2 Descrição do Sistema de Informação	58
2.1.2.2.1 Gestores.....	58
2.1.2.2.2 Objetivo.....	59
2.1.2.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano	59
2.1.2.2.4 Metodologia de construção	60
2.1.2.2.5 Estrutura do índice	61
2.2 SISTEMAS DE INDICADORES.....	63
2.2.1 SISTEMA DE MONITORAMENTO DA QUALIDADE DE VIDA URBANA (SMQVU) DA CIDADE DO PORTO NO PORTUGAL.....	63
2.2.1.1 Generalidades da cidade do Porto.....	63
2.2.1.2 Descrição do sistema de informação	63

2.2.1.2.1 Gestores.....	63
2.2.1.2.2 Objetivos	64
2.2.1.2.3. Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano	65
2.2.1.2.4 Metodologia de construção	65
2.2.1.2.5 Estrutura do sistema.....	66
2.2.2 SISTEMA DE INDICADORES DA QUALIDADE DE VIDA EM CIDADES INTERMEDIÁRIAS (SIQVCI) DAS CIDADES DE CHILLÁN E OVALLE NO CHILE	78
2.2.2.1 Generalidades das cidades de Chillán e Ovalle	78
2.2.2.2 Descrição do Sistema de Informação	78
2.2.2.2.1 Gestores.....	79
2.2.2.2.2 Objetivos	79
2.2.2.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano	80
2.2.2.2.4 Metodologia de construção	81
2.2.2.2.5 Estrutura do sistema.....	81
3 ANÁLISE CRÍTICA DOS MODELOS.....	89
3.1 ÍNDICES.....	90
3.1.1 MATRIZ DE ANÁLISE-CRÍTICA:.....	90
3.1.2 MATRIZ DE ANÁLISE-CRÍTICA:.....	98
3.2 SISTEMAS DE INDICADORES	104
3.2.1 MATRIZ DE ANÁLISE-CRÍTICA:.....	104
3.2.2 MATRIZ DE ANÁLISE-CRÍTICA:.....	110
3.3 SÍNTESE.....	115
4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES.....	122
REFERÊNCIAS	125
FONTES RECOMENDADAS.....	131
LEITURAS DE APOIO.....	142
APÊNDICE.....	143
ANOTAÇÕES: REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA	143

INTRODUÇÃO

A “Qualidade de Vida” é um tema que tem sido uma preocupação, no cotidiano das pessoas e em todas as esferas da sociedade, ao longo do tempo e nas diferentes culturas.

A preocupação pelo tema que, no primeiro momento, foi exclusiva de alguns estudiosos, aos poucos, vem chamando a atenção dos níveis mais altos da sociedade organizada.

No passado, pensadores e pesquisadores de diversas áreas do conhecimento humano já mostraram interesse no estudo desse tema, procurando identificar os fatores que influenciavam o bem-estar social. Esse tema, hoje em dia, tem se convertido no foco da atenção de organizações internacionais, governos, organizações não governamentais, prefeituras, universidades, dentre outros.

As entidades têm prestado maior atenção no tema, devido à relevância que esse apresenta no processo de tomada de decisões para a formulação das estratégias e políticas destinadas a preservar ou melhorar o bem-estar social.

Embora, a relevância do tema, cada vez mais, seja maior entre as diferentes entidades, ainda hoje, não há acordo entre os pesquisadores sobre sua conceituação, definição, domínios, variáveis, indicadores e metodologias para seu monitoramento e/ou avaliação.

Apesar de tal situação, alguns instrumentos - denominados índices ou sistemas de indicadores - têm sido propostos. Esses instrumentos foram desenvolvidos como suportes à tarefa do Planejamento Urbano.

Nesse sentido, vista a necessidade de instrumentos de suporte para a tarefa do Planejamento Urbano é necessário, previamente a sua construção, estabelecer alguns delineamentos para operacionalizar o conceito “Qualidade de Vida” no meio Urbano.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar e criticar alguns instrumentos que tentam operacionalizar o estudo da “Qualidade de Vida” quando aplicado no meio Urbano.

E como objetivos específicos: Conceituar a “Qualidade de Vida” no meio Urbano, identificar suas dimensões e determinar o papel da participação da população na construção dos instrumentos.

Dessa maneira, o trabalho foi estruturado em três capítulos. No capítulo primeiro, conforme esclarece o seu título: “Revisão da Literatura sobre Qualidade de Vida”, procura se a apropriação da discussão produzida sobre o tema, buscando a definição, dimensionalidade, modelos conceituais, níveis de análise para seu estudo, necessidade de medição objetiva e avaliação subjetiva, singularidade de seu estudo, importância do seu estudo e a relação com o planejamento urbano e desenvolvimento econômico; trazendo à tona, a relação entre o indivíduo, sociedade, os valores e o meio no seu entendimento.

Sob a denominação de “Modelos de Avaliação da Qualidade de Vida no meio Urbano”, segundo capítulo, traz: o Índice de Qualidade de Vida urbana (IQVU) de Belo Horizonte, o Índice de Qualidade de Vida da província de Ontário no Canadá, o Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto em Portugal e o Sistema de Indicadores de Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) que foi aplicado em Ovalle e Chillán no Chile; apresentando generalidades da cidade onde foram desenvolvidos, gestores, objetivos, conceituação, metodologia de construção e estrutura do instrumento.

O desenvolvimento do trabalho encerra-se com a análise-crítica dos modelos referidos, capítulo terceiro, que recebeu o nome de “Análise Crítica dos Modelos”; onde se pretendeu identificar os gestores, objetivos, conceituação, dimensões, metodologia de construção, estrutura e desagregação espacial, os que foram criticados a partir do referencial montado no capítulo primeiro.

1 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE A QUALIDADE DE VIDA

A Qualidade de Vida é um tema que tem chamado a atenção de muitos pensadores desde tempos imemoriais da história da humanidade (DIENER; SUH, 1997¹; BOWLING; WINDSOR, 2001²; HAGERTY, *et al.*, 2001³). Pesquisadores de várias disciplinas a têm estudado desde os inícios da década dos anos 30 do século passado, mas seu estudo científico vem desde meados da década dos anos 60 do mesmo século (século XX).

Apesar das múltiplas propostas e diferentes enfoques com que foi abordado seu estudo, ainda hoje, não se tem acordo entre os pesquisadores sobre sua definição, domínios, indicadores e metodologias usadas para avaliá-la.

O presente capítulo tem por objetivo formar um referencial teórico para a abordagem do estudo da Qualidade de Vida, a fim de fornecer uma base conceitual para se desenvolver uma análise da operacionalização de seu estudo no meio urbano.

Nesse sentido, uma revisão da literatura sobre alguns aspectos como o surgimento da expressão, definição, modelos conceituais, níveis de aproximação para seu estudo, necessidade de medições objetivas e avaliações subjetivas, caráter singular, importância de seu estudo e relação com o planejamento urbano e desenvolvimento econômico, serão apresentados a seguir.

¹ DIENER, E.; SUH, E. **Measuring quality of life:** economic, social, and subjective indicators. *Social Indicators Research*, v. 40, n. 1, p. 189-216, 1997. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

² BOWLING, A.; WINDSOR, J. **Towards the good life:** a population survey of dimensions of quality of life. *Journal of Happiness Studies*, v. 2, n. 1, p. 55-81, 2001. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 26 maio 2003.

³ HAGERTY, M. R. *et al.* **Quality of life indexes for national policy:** review and agenda research. *Social Indicators Research*, v. 55, n. 1, p. 1-96, 2001. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

1.1 Surgimento da Expressão “Qualidade de Vida” e seu Estudo

1.1.1 Surgimento da expressão

A expressão “Qualidade de Vida” tem sido utilizada pelos autores, ao longo dos tempos, como sinônimo de diferentes termos. Entre esses termos, comumente, encontram-se “Bem-estar”, “Felicidade”, “Qualidade de Vida Subjetiva” e “Satisfação de Vida” (ANDREWS, WITHEY, 1976; SHIN, JOHNSON, 1978; CUMMINS, 1999; DIENER, LUCAS, 2000, citados por BRAMSTON; PRETTY; CHIPUER, 2002, p. 261.)⁴ dentre outros.

Quando surgiu a expressão “Qualidade de Vida”?... A resposta a essa questão é um assunto que suscita muita polêmica. Os autores, na literatura, têm apresentado diversos posicionamentos, sem chegar a um acordo; todavia, a maioria tem apontado a década dos anos 60 do século passado (século XX) como o momento de seu surgimento como tal.

Na década de 80, autores como Szalai (1980, citado por DISSART; DELLER, 2000, p. 136.)⁵ e Myers (1987, p. 110.)⁶ apresentaram diferentes posturas sobre a época do surgimento da expressão “Qualidade de Vida”. Szalai indicou que não se tem clareza sobre o surgimento; entanto que, Myers assinalou os meados da década dos anos 60 como o momento em que surgiu a mesma. Myers associou esse surgimento aos estudos científicos sobre o “bem-estar” do indivíduo e da sociedade, no marco do “Movimento dos Indicadores Sociais”. Esse movimento teve como ponto de início a publicação do relatório “*Social Indicators*” em 1966 por Raymond Bauer nos Estados Unidos de Norte América. Esse relatório foi produto do projeto

⁴ BRAMSTON, P.; PRETTY, G.; CHIPUER H. **Unravelling subjective quality of life: an investigation of individual and community determinants.** *Social Indicators Research*, v. 59, n. 3, p. 261-274. 2002. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2003.

⁵ DISSART, J. C.; DELLER, S. C. **Quality of life in the planning literature.** CPL Bibliography 360. *Journal of Planning Literature*, v. 15, n. 1, p. 135-161, 2000. Disponível em: <<http://jpl.sagepub.com/cgi/reprint/15/1/135>>. Acesso em: 7 maio 2004.

⁶ MYERS, D. **Community relevant measurement of quality of life: a focus on local trends.** *Urban Affairs Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 108-125, 1987. Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/community.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

patrocinado pela “*National Aeronautics and Space Administration*” (NASA) que teve como propósito determinar as conseqüências do Programa Espacial norte-americano na sua sociedade (COBB; RIXFORD, 1998, p. 9.⁷; NAHAS, 2002, p. 23.⁸).

De outro lado, Gómez-Vela e Sabehe (2000)⁹, no final do século XX, indicaram que o surgimento da expressão remeteu-se às décadas dos anos 50 e início dos anos 60. As autoras assinalaram essa época como o momento a partir do qual se intensificou o trabalho no aperfeiçoamento dos indicadores sociais. Elas salientam que a expressão “Qualidade de Vida”, como tal, surgiu nesse momento como parte do debate, dos administradores das cidades, sobre a formulação de estratégias e políticas destinadas para reduzir os impactos negativos do processo de industrialização no “ambiente” e, por conseguinte na vida da população no “meio urbano”.

Assim, embora não se tenha acordo entre os autores sobre o surgimento da expressão “Qualidade de Vida” como tal, a maioria deles associa esse fato ao Movimento dos Indicadores Sociais. Movimento que, como já dito, teve seu apogeu nos meados da década dos anos 60 (1966) do século passado, com a publicação do relatório *Social Indicators*.

Em tal sentido, a expressão “Qualidade de Vida” como tal surge, nos meados da década dos anos 60 associada ao Movimento dos Indicadores Sociais, vinculada à preocupação dos administradores públicos sobre o bem-estar do indivíduo e da sociedade em volta dos impactos negativos, no meio ambiente, do processo de industrialização da sociedade. Preocupação que veio se firmando no período pós-guerra (II guerra mundial), nos países centrais e especialmente nos Estados Unidos, exigindo, cada vez mais, abordagens mais rigorosas.

⁷ COBB, C. W.; RIXFORD, C. Lessons learned from the history of social indicators. *Redefining Progress*. 1998. 36p. Disponível em: <<http://www.redefiningprogress.org/publications/pdf/SocIndHist.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2003.

⁸ NAHAS, M. I. P. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de Belo Horizonte**. 2002. 373 f. tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2002.

⁹ GÓMEZ-VELA, M.; SABEH, E. N. **Calidad de vida: evolución del concepto y su influencia en la investigación y la práctica**. *Integra*, v. 3, n. 9, p. 1– 4. 2000. Disponível em: <<http://www3.usal.es/~inico/investigacion/invesinico/calidad.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

1.1.2 Estudo e rigor científico

O estudo da Qualidade de Vida, como indicador da vida mesma da população, não remete só ao momento do começo do Movimento dos Indicadores Sociais. O interesse e a preocupação em seu estudo, já tinham chamado a atenção de pensadores e pesquisadores desde a época de Platão. Porém, diversos autores têm observado que, a partir do início do Movimento dos Indicadores Sociais, o estudo da Qualidade de Vida tem sido abordado de forma sistemática e científica. Essa abordagem levou a diferenciar, a partir dos meados da década dos anos 70 e começo dos 80, os indicadores dos assuntos sociais e os da Qualidade de Vida mesma (GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000).

Pensadores da antiguidade (400 a.C.) e da era moderna (século XVIII), já tinham tratado o tema na procura de identificar os fatores pelos quais se podia alcançar a “boa vida” e “boa sociedade”. Platão (428 a 347 a.C.) em sua obra “A Republica” referiu a questão de como conseguir uma “boa sociedade” (HAGERTY, *et al.*, 2001, p. 1.); Aristóteles (384 a 322 a.C.) em seu conceito de “Eudemonismo” sustentou que os indivíduos para atingir a “boa vida” deveriam desenvolver a totalidade de suas potencialidades e; Kant (1724 a 1804) em seu “Imperativo Categórico” assinalou que para os indivíduos atingirem uma “boa sociedade”, eles deveriam agir, de maneira tal, que suas ações fossem base de leis universais (ARISTÓTELES; KANT, citados por DIENER; SUH, 1997, P. 189.) (ARISTÓTELES, citado por BOWLING; WINDSOR, 2001, p. 55).

Estudiosos de finais do século passado (século XX) e do começo do presente século (século XXI), em seus trabalhos, não assinalam uma época em particular do início do estudo da Qualidade de Vida. Wish (1986, citado por TÜRKSEVER; ATALIK, 2001, p. 114¹⁰;

¹⁰ TÜRKSEVER, E. N.; ATALIK G. Possibilities and limitations for the measurement of the quality of life in urban areas. *Social Indicators Research*, v. 53, n. 2, p. 163-187, 2001. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

ÜLENGİN, B.; ÜLENGİN, F.; GÜVENÇ, 2001, p. 361.¹¹⁾ apontou que, o assunto tem sido estudado pelos pesquisadores de várias disciplinas, com diferentes enfoques, desde os começos da década dos anos 30¹²⁾. Entanto que para Gómez-Vela e Sabeh¹³⁾ e, Michalos (2004, p. 29-30).¹⁴⁾, essa abordagem remeteu-se à década dos anos 60, início do Movimento dos Indicadores Sociais.

Gómez-Vela e Sabeh¹⁵⁾, também, assinalaram que não foi até os meados da década dos anos 70 e começo dos 80, que os pesquisadores distinguiram entre os estudos dos assuntos sociais e os da Qualidade de Vida. As autoras apontaram a década dos anos 80 como a época do início definitivo da pesquisa sobre o tema e, que a partir desse momento a expressão “Qualidade de Vida” começou ser entendida como um conceito integral, produto de uma diversidade de fatores, que abrange todas as áreas da vida e faz referência tanto à “condição de vida” como “satisfação pessoal” dos indivíduos¹⁶⁾. As autoras, ao mesmo tempo, observaram que a inclusão da expressão “Qualidade de Vida” nas revistas *Social Indicators Research* (1974) e *Sociological Abstracts* (1979), nos Estados Unidos de América (USA), tem contribuído na difusão, conceituação e construção de metodologias para seu estudo¹⁷⁾.

É assim que, os pensadores e pesquisadores têm estudado a Qualidade e Vida ao longo do tempo sob diferentes enfoques, mas sua abordagem em forma sistemática e compreensão integral, não acontecem até os meados da década dos anos 60 e começos da década dos anos 80 do século passado, respectivamente. A compreensão de seu caráter integral levou à diferenciação entre os indicadores sociais e os da Qualidade de Vida mesma. Nesse sentido, os estudos da Qualidade de Vida, a partir da década dos anos 80, começaram abordar tanto as “condições de vida” como a “satisfação pessoal” do indivíduo¹⁸⁾.

¹¹⁾ ÜLENGİN B.; ÜLENGİN, F.; GÜVENÇ, Ü. **A multidimensional approach to urban quality of life: the case of Istanbul.** *European Journal of Operational Research*, v. 130, n. 2, p. 361–374, 2001. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 20 nov. 2003.

¹²⁾ Wish, possivelmente, relacionou o início dos estudos sobre a qualidade de vida com o relatório “*Recent Social Trends*”, o qual foi publicado em 1933 nos Estados Unidos de Norte América, o relatório tratou sobre várias condições sociais (demografia, saúde e educação), mas foi considerado insuficiente por não esclarecer as causas dos problemas sociais (COBB; RIXFORD, obra citada, p. 8).

¹³⁾ Obra citada.

¹⁴⁾ MICHALOS, A. C. Social indicators research and health-related quality of life research. *Social Indicators Research*, v. 65, n. 1, p. 27-72, 2004. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

¹⁵⁾ Obra citada.

¹⁶⁾ Mesmas autoras e na mesma obra.

¹⁷⁾ Mesmas autoras e na mesma obra.

¹⁸⁾ Mesmas autoras e na mesma obra.

1.2 O que é Qualidade de Vida?

As tentativas em definir Qualidade de Vida têm sido várias. Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento humano têm tentado defini-la utilizando diversos enfoques segundo seu campo de estudo.

Apesar dessas tentativas, na literatura não se encontra uma definição comumente aceita, mas os pesquisadores salientam que é um conceito “complexo” e de difícil definição porquanto é produto de vários fatores.

Embora os pesquisadores assinalem o complexo dessa tarefa, na maioria das definições, a Qualidade de Vida é apontada como o resultado de três aspectos importantes: satisfação, condição de vida e valores particulares.

Dessa maneira, a Qualidade de Vida é definida como “o nível de satisfação dos indivíduos em relação de sua condição de vida, avaliada a partir do quadro particular de valores dos mesmos”.

Definição que alude a uma distinção da dupla de dimensões que abrange a Qualidade de Vida. Dimensões subjetiva e objetiva, as que referem tanto a satisfação como a condição de vida do indivíduo, respectivamente. Onde a dimensão subjetiva relaciona-se com componentes imateriais próprios do imaginário do indivíduo e; a dimensão objetiva com elementos materiais presentes no contexto físico no que desenvolve sua vida o indivíduo.

1.2.1 Definição

Definir “Qualidade de Vida” é uma tarefa difícil... As tentativas para defini-la têm sido várias. Pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento humano têm tentado fazê-lo, sob diferentes perspectivas, sem chegar a uma única definição. Embora, os pesquisadores apontem que é uma tarefa complexa, a maioria deles observa três aspectos que são o ponto de partida para tentar defini-la. Esses aspectos relacionam-se a elementos materiais, componentes imateriais e valores particulares.

Na década dos anos 70 do século passado (século XX), alguns autores, como Liu, Baker e Intagliata (1976; 1982, citados por FELCE; PERRY, 1995, p. 52.)¹⁹, já tinham assinalado a diversidade de definições de Qualidade de Vida. Liu, Baker e Intagliata apontaram esse fato, assinalando que cada uma dessas definições reflete as diferentes formas de concebê-la segundo cada indivíduo.

[...] Liu (1976) apontou que há tantas definições como indivíduos e enfatizou no axioma que os indivíduos diferem no que acham importante. Baker e Intagliata (1982) assinalaram que há tantas definições quanto indivíduos estudando o tema [...] (FELCE; PERRY, 1995, p. 52., tradução própria).²⁰

Essa observação, de Liu, Baker e Intagliata, ainda no presente século, é apoiada por pesquisadores como Mitchel *et al.* (2001, citados por VAN KAMP *et al.*, 2003 p. 9.)²¹; Bowling e Windsor (2001, p. 55.); Bramston; Pretty; Chipuer (2002, p. 261.).

¹⁹ FELCE, D.; PERRY, J. **Quality of life: its definition and measurement.** *Research in Development Disabilities*, v. 16, n. 1, p. 51- 74, 1995. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

²⁰ [...] Liu (1976) stated that there were as many quality of life definitions as people, emphasizing the axiom that individuals differ in what they find important. Baker and Intagliata (1982) point to there being as many definition as a number of people studying the phenomenon....

²¹ VAN KAMP, I.; LEIDELMEIJER, K.; MARSMAN, G.; HOLLÄNDER, A. **Urban environmental quality and humanwell-being: towards a conceptual framework and demarcation of concepts; a literature study.** *Landscape and Urban Planning*, v. 65, n. 1-2, p. 5-18, 2003. Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/landurbplan>> Acesso em: 15 jan. 2004.

Na década dos anos 90, autores como Romney; Brown; Fry (1994, citados por DISSART; DELLER, 2000, p. 136.) tentaram explicar essa diversidade de definições, a partir dos três aspectos apresentados a seguir²²:

- Os processos de percepção dos indivíduos podem ser interpretados desde diferentes concepções;
- O conceito está sujeito a juízos de valor particulares; e
- As características do contexto físico e social desenvolvem um papel importante nesses juízos de valor.

Em tal sentido, esses autores deixam em claro o porquê que não existe uma única definição de Qualidade de Vida.

Apesar de tal situação, a maioria dos autores coincide em apontar a “satisfação” - componentes imateriais -, “condições de vida” - elementos materiais - e “quadro de valores” - valores particulares - do indivíduo, grupos de indivíduos ou população como os aspectos em volta dos quais se pode definir Qualidade de Vida. (WISH, 1986, citado por TÜRKSEVER; ATALIK 2001, p. 165.).

[...] Se examinarmos exaustivamente a maioria das definições do conceito, encontra-se entre elas uma grande semelhança [...]. Em outras palavras, todas as definições incluem uma situação ou **condição que é percebida** pelos residentes em uma **área determinada** e contrastada com os **valores particulares** que determinam seu sentido de bem-estar (WISH, 1986, citado por TÜRKSEVER; ATALIK 2001, p. 165., grifo próprio, tradução própria).²³

Essa observação, de Wish, pode ser conferida entre algumas definições dentre outras, como é mostrado a seguir: Szalai (1980, citado por DISSART; DELLER, 2000, p. 136.), Myers (1987, p. 108-109.) e Van Kamp *et al.* (2003, p. 7.), a expressaram como “o grau de

²² Romney; Brown; Fry (1994) attempted to explain why there is no universally accepted definition of quality of life: (1) psychological processes relevant to experiences of quality of life can be described and interpreted through many different conceptual filters and languages; (2) the concept of quality of life is to considerable degree value laden; and (3) the concept the quality of life embodies the understanding of human growth and developmental processes, the average life span of individuals within their communities, and the extent to which these psychological processes are influenced by environmental factors and individual value systems.

²³ If one examines the most commonly used definitions closely, one finds they are highly similar... In other words, they all include a situation or condition that is perceived by an area's residents and translated by them into varying degrees of a sense of well-being.

satisfação do indivíduo com a vida, em função de seus fatores exógenos e componentes endógenos”; Schumaker *et al.* (1990, citados por FAISHAL; WEI, 2003, p. 207.)²⁴ a definiram como “a satisfação do indivíduo com a vida” e Palomar (2000, p. 189.)²⁵, ao citá-la, como “o grau de satisfação do indivíduo com os aspectos da vida, segundo o nível de importância que ele lhes assinala em função de seus valores particulares”. Dessa maneira, essas definições referem Qualidade de Vida como resultado da percepção do indivíduo de um determinado contexto segundo suas prioridades. Onde, percepção, contexto e prioridades referem “satisfação pessoal”, “condições de vida” e “quadro de valores particulares”, respectivamente.

Assim, apesar das várias definições sobre Qualidade de Vida, os pesquisadores, na maioria dos casos, apontam-na como “o nível de satisfação dos indivíduos em relação de sua condição de vida, avaliada a partir de seu quadro particular de valores”. Nesse sentido, “satisfação”, “condição de vida” e “quadro de valores particular”, distinguem-se como os aspectos importantes para explicar a Qualidade de Vida dos indivíduos.

1.2.2 Dimensões

As dimensões da Qualidade de Vida é um assunto polêmico. Os pesquisadores, a respeito, encontram-se divididos comumente em três posturas. Essas posturas, as quais não têm sido apresentadas em forma seqüencial ao longo do tempo, assinalam uma “única dimensão”, “múltipla dimensão” e uma “dupla de dimensões”.

A postura que defende uma “única dimensão” sustenta que os fatores que podem modificar a Qualidade de Vida, simplesmente, constituem as causas às quais está sujeita a mesma.

²⁴ FAISHAL, M. I.; WEI S. C. Quality of life of residents living near industrial estates in Singapore. *Social Indicators Research*, v. 61, n. 2, p. 203–225, 2003. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

²⁵ PALOMAR, L. J. The development of an instrument to measure quality of life in Mexico City. *Social Indicators Research*, v. 50, n. 2, p. 187–208, 2000. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 14 ago. 2003.

Beckie e Hayduk (1997, p. 21-22.)²⁶ apontaram que, geralmente, as múltiplas causas - fatores - que intervêm na Qualidade de Vida são confundidas como sua “múltipla dimensão”. As autoras observaram que a Qualidade de Vida é o produto de várias causas ou fatores, os que não são independentes entre si, mas sim, são correlacionados. Sob essa perspectiva, as autoras defendem que a Qualidade de Vida não pode ser avaliada em função dos fatores por separado e; em consequência, devido a essa indivisibilidade dos fatores que interagem na Qualidade de Vida, é que elas aludem a Qualidade de Vida como unidimensional.

A “múltipla dimensão” da Qualidade de Vida é defendida, pelos autores, em volta aos vários domínios nos quais se pode decompor a mesma e, aos quais pertencem os fatores que interagem na vida do indivíduo. Os domínios, dessa maneira, segundo os autores, constituem as áreas da vida do indivíduo (saúde, educação, cultura, economia etc.) em função das quais, monta-se o conjunto de fatores que representaria cada uma dessas áreas (por exemplo, no caso do domínio saúde: número de hospitais para uma determinada quantidade de pessoas, número de médicos para uma determinada quantidade de pacientes etc.). Entre os que defendem essa postura, encontram-se Wish (1986, citado por ÜLENGIN, B.; ÜLENGIN, F.; GÜVENÇ, 2001, p. 362.); Palomar (2000, p. 189.); Bramston; Pretty; Chipuer (2002, p. 262.); Royuela; Suriñach, Reyes (2003, p. 52.)²⁷; Shin, Rutkowski, Park (2003, p. 7.)²⁸; Holmes (p. 284)²⁹. Esses autores referem os domínios como as diferentes dimensões e, por conseguinte sustentam a múltipla dimensão da Qualidade de Vida.

A postura da “dupla de dimensões” da Qualidade de Vida sustenta que os fatores que influenciam a mesma, apresentam tanto um caráter material como outro imaterial. Entre os que sustentam essa postura encontram-se Doyal e Gough; Dasgupta; Nausbaum e Sem, (1991,

²⁶ BECKIE, T. M.; HAYDUK, L. A. Measuring quality of life. *Social Indicators Research*, v. 42, n. 1, p. 21-39, 1997. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 abr. 2003.

²⁷ ROYUELA, V.; SURINACH, J.; REYES, M. Measuring quality of life in small areas over different periods of time. *Social Indicators Research*, v. 64, n. 1, p. 51-74, 2003. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 10 ago. 2004.

²⁸ SHIN, D. C.; RUTKOWSKI, C. P.; PARK, C. **The quality of life in Korea: comparative and dynamic perspectives.** *Social Indicators Research*, v. 62-63, n. 1-3, p. 3-16, 2003. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2004.

²⁹ HOLMES, T. P. Forest and the quality of life. Disponível em: <http://www.srs.fs.usda.gov/sustain/report/pdf/chapter_12c.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2004.

1993, 1993, citados por SCOTT; AL-ROUMI, 1999, p. 74.)³⁰, e Felce e Perry³¹. Esses autores assinalaram que os vários fatores que interagem na Qualidade de Vida, os que pertencem a vários domínios, têm a ver tanto com assuntos materiais - caráter objetivo - como imateriais - caráter subjetivo - que, embora sejam complementares não necessariamente são interdependentes (por exemplo: o fato de contar com uma grande quantidade de médicos - assunto material - para um determinado número de pacientes não significaria uma boa atenção para eles, já que, a boa atenção teria a ver com a percepção mesma do paciente. Essa percepção é sujeita a estados emocionais do paciente, o que não está relacionado a assuntos materiais). Assim, esses autores distinguem na Qualidade de Vida uma “dimensão objetiva” - elementos materiais - e uma “dimensão subjetiva” - componentes imateriais -. Onde, essas dimensões (objetiva e subjetiva) refletem a “condição de vida” e a “satisfação pessoal” do indivíduo.

Nessas posturas, os autores associam as dimensões da Qualidade de Vida às causas ou fatores, as áreas ou domínios da vida do indivíduo ou ao caráter dos fatores. Nas posturas de uma “única dimensão” e “múltipla dimensão”, os autores referem as dimensões como sinônimo de cada um dos fatores ou do conjunto de fatores agrupados em domínios (áreas da vida do indivíduo), mas não distinguem o caráter desses fatores. Entanto que, na postura que indica as dimensões da Qualidade de Vida como uma “dupla de dimensões” além de reconhecer os vários fatores e os domínios (conjunto de fatores), também distingue o duplo e diferente caráter desses fatores. Essa distinção, a que representa a essência da Qualidade de Vida, como já têm apontado os autores, ajuda a entender que a Qualidade de Vida é um assunto sujeito a elementos materiais e componentes imateriais pertencentes ao contexto do desenvolvimento da vida dos indivíduos, os que são priorizados a partir de seus valores particulares.

Assim, a Qualidade de Vida constitui-se tanto de uma dimensão objetiva - elementos materiais - como de outra dimensão subjetiva - componentes imateriais -. Dimensões

³⁰ SCOTT, F. R.; AL-ROUMI A. **Political democracy and the physical quality of life: the cross-national evidence.** *Social Indicators Research*, v. 47, n. 1, p. 73-97, 1999. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 20 maio 2003.).

³¹ Obra citada, p.51.

que abrangem domínios (conjunto de fatores por cada área da vida do indivíduo) e, esses domínios, fatores com duplo caráter (material e imaterial).

1.3 Modelos Conceituais

A Qualidade de Vida, ao longo do tempo, tem passado por um processo de conceituação, onde as tentativas têm sido várias e com enfoques diversos. Dentre essas, identifica-se a sistematização proposta por Felce e Perry (1995; GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000). Esses autores apresentaram quatro modelos conceituais da Qualidade de Vida, os que vão desde considerá-la como sinônimo da “condição de vida” até como a combinação da “condição de vida”, “satisfação pessoal” e o “quadro de valores” dos indivíduos.

No primeiro modelo, a Qualidade de Vida foi concebida como o sinônimo da “condição de vida” (BORTHWICK-DUFFY, 1992, citado por FELCE; PERRY, 1995; GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000) (ver figura 1, a). A “condição de vida” foi entendida como o conjunto dos elementos objetivos-materiais-quantificáveis presentes no desenvolvimento da vida dos indivíduos³². A consideração da “condição de vida” como o equivalente da Qualidade de Vida foi uma interpretação insuficiente, devido a que, nessa associação, os indivíduos não teriam direito à satisfação com sua “condição de vida”, senão só, à vida em igualdade de oportunidades.³³

No segundo modelo, a Qualidade de Vida concebeu-se como sinônimo da “satisfação pessoal” (BORTHWICK-DUFFY, 1992, citado por FELCE; PERRY, 1995; GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000)³⁴ (ver figura 1, b). Os defensores da proposta argumentaram que como a “satisfação” é o produto resultante da percepção dos indivíduos sobre sua “condição de vida”, esta se constituía como o único critério para estimar o “bem-estar” (ALLEN; BENTLER; GUTTEK, 1985, citados por FELCE; PERRY, 1995, p. 56.). Esse argumento foi

³² FELCE; PERRY, obra citada, p. 54. Os “elementos objetivos-materiais-quantificáveis” podem incluir saúde física, circunstâncias pessoais (riqueza, condição de vida, etc.), relações sociais, condições de trabalho e aspectos econômicos e sociais no nível da comunidade.

³³ Mesmos autores, na mesma obra, mesma página.

³⁴ No modelo, a “satisfação” se considerou como sinônimo da Qualidade de Vida porque podia refletir o nível de contento com os diferentes aspectos da vida (domínios) dos indivíduos, como: conforto material, saúde, emprego, instrução, segurança, religião, relações familiares, relações sociais, vizinhança, cidade, situação da nação, dentre outras.

observado apontando que a “satisfação” é um assunto que obedece mais às disposições internas dos indivíduos que às condições externas - condição de vida - nas quais desenvolvem suas vidas, além da independência existente entre elas (EDGERTON, 1990, citado por FELCE; PERRY, 1995, p. 56.). Brown *et al.* (1989, citado por FELCE; PERRY, 1995, p. 58.) entendendo a independência e importância da “satisfação” e “condição de vida”, já tinha sido levado a assinalar a necessidade de considerar ambas no modelo que conceitua a Qualidade de Vida. Esse fato induziu os pesquisadores formularem um terceiro modelo.

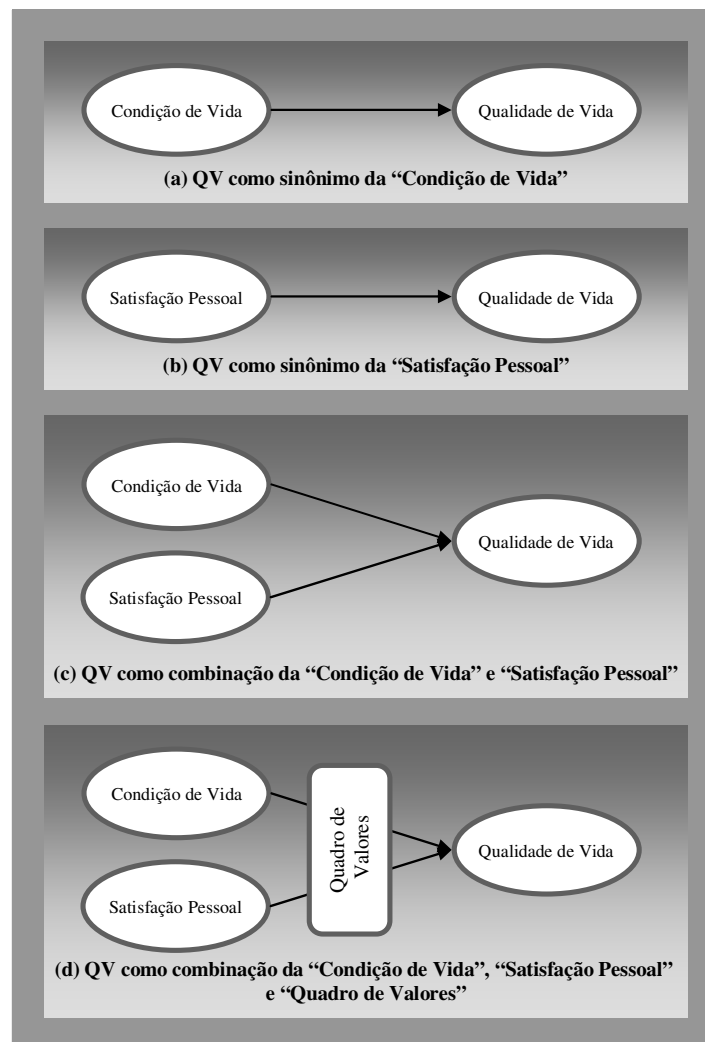


Figura 1: Conceituação da Qualidade de Vida (Modificado de FELCE; PERRY, 1995, p. 55).

Deste modo, o terceiro modelo apresentou a Qualidade de Vida como a combinação da “condição de vida” e “satisfação pessoal” (BORTHWICK-DUFFY, 1992, citado por FELCE; PERRY, 1995; GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000) (ver figura 1, c). No modelo reconheceu-se que tanto a “satisfação” quanto “condição de vida” eram temas importantes na conceituação da Qualidade de Vida e, que nem a uma e nem a outra isoladamente podia ser o critério único para estimá-la (BIGELOW, 1991, citado por FELCE; PERRY, 1995, p. 58.). O modelo ainda foi considerado insuficiente por não distinguir a significância desses elementos e componentes que constituem a “condição de vida” e “satisfação” dos indivíduos segundo seus “quadros de valores” (CUMMINS, 1992a, citado por FELCE; PERRY, 1995, p. 58.). Isso provocou a necessidade de se formular um quarto modelo.

O quarto modelo foi proposto por Felce e Perry (1995, p. 58.) levando em conta a observação feita por Cummins (1992a, citado por FELCE; PERRY, 1995, p.58.). Dessa maneira, a Qualidade de Vida foi conceituada como a combinação da “condição de vida”, “satisfação pessoal” e o “quadro de valores” dos indivíduos (FELCE; PERRY, 1995; GÓMEZ-VELA; SABEH, 2000) (ver figura 1, d). A inserção do “quadro de valores” dos indivíduos na combinação da “condição de vida” e “satisfação pessoal” trouxe consigo a compreensão de que a Qualidade de Vida é mais uma questão particular do que universal.

Assim, “condição de vida”, “satisfação pessoal” e “quadro de valores”, por fornecer informação diferente e particular de cada contexto social, têm-se constituído como os principais componentes da estrutura do conceito Qualidade de Vida, ao mesmo tempo em que, apontam-na como um assunto peculiar de um determinado contexto.

1.4 Níveis ou unidades de análise para seu Estudo

A Qualidade de Vida é um assunto que para ser estudado precisa-se estabelecer o objeto empírico de observação, objeto que pode ser entendido como o nível ou unidade de análise. Unidades de análise que podem referir desde um indivíduo até um agrupamento de indivíduos, agrupamentos que podem ter diferentes tipos de organização (família, comunidade, país etc.).

A Qualidade de Vida nesses níveis ou unidades de análise é concebida de maneira diferente, já que, a sua percepção das condições físicas nas que se desenvolve é o resultado de suas vivências. Vivências que constituem o referencial do seu quadro de valores particular e que distinguem um indivíduo, uma família, uma comunidade de outra.

Proshansky e Fabian (1986, citados por SIRGY *et al.*, 2000, p. 282.)³⁵, assinalando que a Qualidade de Vida é um assunto particular, argumentaram que para determinar os aspectos que representam a Qualidade de Vida de um determinado “nível” é necessário dar resposta, primeiramente, à seguinte questão: O que se entende por Qualidade de Vida?, questão que demanda atenção a mais outras duas; Para quem que é essa Qualidade de Vida? e, em que lugar é essa Qualidade de Vida?. Questões que remetem a Qualidade de Vida como a consequência da identificação da unidade de análise e o contexto no que se desenvolve essa unidade.

Dessa maneira, os autores, Proshansky e Fabian, deixaram em claro que a Qualidade de Vida é um assunto que não pode ser generalizado de um nível ou unidade de análise para outro, devido a seu caráter particular. Caráter que é produto das vivências de cada nível ou unidade de análise em um contexto físico-social determinado.

³⁵ SIRGY, M. J. *et al.* A method for assessing residents' satisfaction with community-based services: a quality of life perspective. *Social Indicators Research*, v. 49, n. 3, p. 279-316, 2000. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 18 jul. 2003.).

Nesse sentido, Sirgy *et al.* (1995, citados por SIRGY *et al.*, 2000, p. 281.) distinguiram dois fatos implícitos na literatura relacionados com as unidades de análise e as dimensões nas que têm sido abordados os estudos. As unidades de análise têm sido no nível do indivíduo, famílias, comunidades, estados e mundo e, em uma dimensão subjetiva e outra objetiva. O que se mostra na figura a seguir:

		Unidades de Análise				
		Indivíduo	Família	Comunidade	Estado	Mundo
Dimensões	Subjetiva					
	Objetiva					

Figura 2: Classificação do Nível de Aproximação dos Estudos sobre a Qualidade de Vida.
[Modificado de Sirgy *et al.* (1995, citado por SIRGY *et al.*, 2000, p. 281.).]

Assim, as diferentes categorias nas que se podem observar a Qualidade de Vida determinam os vários níveis ou unidades nas que se pode estudá-la. Cada unidade de análise apresenta características únicas que são produto de sua percepção das condições materiais nas que desenvolve sua vida, percepção que obedece ao acúmulo de experiências e crenças particulares.

1.5 Necessidade da Medição Objetiva e Avaliação Subjetiva

A Qualidade de Vida não pode ser avaliada diretamente. A natureza abstrata desse objeto de estudo faz com que seja necessária a montagem de um referencial, a partir do uso de “indicadores”³⁶. Os indicadores ajudam a representá-la nos elementos e componentes que podem constituir-la, elementos e componentes que referem assuntos materiais e imateriais da vida do indivíduo.

Os assuntos materiais e imateriais da vida dos indivíduos relacionam-se à condição de vida e satisfação pessoal dos mesmos, respectivamente. O diferente caráter desses assuntos faz que seja necessária uma abordagem diferenciada para seu estudo. Em tal fato, as medições sociais, medições de caráter objetivo-material e, as avaliações de percepção do indivíduo, avaliações de caráter subjetiva-imaterial, em forma combinada são necessárias para o referencial do que se entende por Qualidade de Vida.

Autores de fins do século passado e começos do presente (século XXI) têm assinalado essa necessidade, do enfoque combinado das medições objetivas e avaliações subjetivas, para abordar o estudo da Qualidade de Vida. Entre esses autores, encontram-se Diener e Suh no ano 1997³⁷, Cobb no ano 2000 (p. 5-6.)³⁸ e; três anos mais tarde - ano 2003 -, Shin - Rutkowski - Park³⁹. Esses autores argumentaram que nem uma medição objetiva e nem

³⁶ Atkisson *et al.* (1997, p. 2.) apontaram o indicador como “pequena informação que reflete o estado de maiores sistemas. [...] Em termos técnicos, o indicador é a apresentação de dados que mostram mudanças e tendências ao longo do tempo”. [...] [grifo próprio, tradução própria] (ATKISSON, A.; BESLEME, K.; MULLIN, M.; RIXFORD, C.; GENDEREN, H.; NORRIS, T.; PALMER, K.; CONLIN, R.; HATCHER, L.; AALFS, A. **The community indicators handbook: measuring progress toward healthy and sustainable communities.** *Redefining Progress*. 1997.). Cobb; Rixford (1998, p. 1.), Cobb foi membro do Conselho de Desenvolvimento Sustentável da administração Clinton nos Estados Unidos de América no ano 1995, assinalaram “o indicador, tecnicamente falando, como um conjunto de estatísticas que servem para representar um fenômeno que não pode ser medido ou avaliado diretamente; porém, o termo é utilizado comumente para referir a informação das condições sociais” [...] [grifo próprio, tradução própria]. Nahas (2002, p. 288.; artigo, p. 8.) definiu o indicador como “um dado, uma informação, valor ou descrição, que retrata uma situação, um estado de coisas” [grifo próprio]. (NAHAS, M. I. P. **Indicadores intra-urbanos como instrumentos de gestão da qualidade de vida urbana em grandes cidades:** discussão teórico-metodológica. (artigo). Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?q=IQVU&hl=pt-BR&lr=&start=20&sa=N>>. Acesso em: 03 jan. 2004). Newton (p. 16.) definiu o indicador como um “apontador sobre o estado desejável ou direção de uma ação”. [...] [grifo próprio, tradução própria] (NEWTON, P. *Urban indicators and the management of cities.* Disponível em: <http://www.adb.org/Documents/Books/Cities_Data_Book/02chapter2.pdf>. Acesso em: 15 maio 2003).

³⁷ Obra citada, p. 213.

³⁸ COBB, C. W. Measurement tools and the quality of life. *Redefining Progress*. 2000. 32p. Disponível em: <http://www.redefiningprogress.org/publications/pdf/measure_qol.pdf> Acesso em: 01 nov. 2004.

³⁹ Obra citada, p. 9.

uma avaliação subjetiva por separado poderiam refletir a Qualidade de Vida. A medição objetiva é arbitrária porque os pesquisadores tendem a determinar a Qualidade de Vida independentemente do nível ou unidade de análise (indivíduo ou agrupamento de indivíduos) em observação e; a avaliação subjetiva tende a ser provisória porque só enfoca-se na percepção do bem-estar do indivíduo, em um determinado momento da vida do mesmo, sem considerar os fatores que influenciam essa percepção.

Diener e Suh, também, observaram que apesar de serem necessárias essas medições e avaliações para o estudo da Qualidade de Vida, essas teriam que ser utilizadas cuidadosamente devido aos “pontos fortes e fracos” que apresentam:

No caso das medições objetivas - medições quantitativas - dos “indicadores sociais”⁴⁰, os autores identificaram como pontos fortes:

- “Objetividade”, que pode ser entendida como: aquilo que vai ser medido, a precisão com que será medido ou a independência da medição em relação às opiniões da população;
- “Refletir os ideais normativos da sociedade”, que se refere às normas de convivência que procuram o bem-estar da população;
- “Identificar os aspectos importantes da sociedade que não são refletidos nas medições econômicas”.

Entanto, entre os pontos fracos, eles distinguiram:

- “Imprecisão das medições”, visto que, embora sejam “objetivas” apresentam deficiências na quantificação dos dados, em geral, pela falta de registros;
- “Intervenção de decisões de caráter subjetivo na escolha e medição das variáveis”
- “Escolha das variáveis a ser medidas a partir de modelos padronizados”, o que cria controvérsia, entre os pesquisadores, sobre a importância das variáveis que se observam;

⁴⁰ CARLEY, M. **Indicadores Sociais**: teoria e prática. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES S. A., 1985. Land (1971, citado por CARLEY, p. 28.) definiu os indicadores sociais como **estatísticas** sociais, as que as que são componentes de um modelo de sistema social (incluindo componentes sócio-psicológicos, econômicos, demográficos e ecológicos)[...] [grifo próprio]. JANUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil**: conceitos, fontes de dados e aplicações. Campinas, SP: Editora Alínea, 141p, 2001. Januzzi (p. 15.) definiu o indicador social como uma **medida** em geral **quantitativa** dotada de significado social substantivo, usado para substituir, quantificar ou operacionalizar um conceito social abstrato, de interesse teórico (para pesquisa acadêmica) ou programático (para formulação de políticas) [grifo próprio].

- “Uso de um índice geral (combinação de indicadores) ou indicadores por separado”, fato que gera o debate, entre os pesquisadores, sobre a simplicidade ou detalhe da informação;
- “Limitação em refletir o ‘bem-estar’ experimentado pela população”, devido ao fato de que o “bem-estar” é uma questão complexa e determinada por uma multiplicidade de fatores que não são inteiramente externas ao indivíduo (ANDREWS, WITHEY, 1976; CAMBELL *et al.*, 1976, citados por DIENER; SUH, 1997, p. 199.)⁴¹

No que refere, às “avaliações subjetivas” - qualitativas -, Diener e Suh assinalaram como pontos fortes:

- “Identificar os fatores importantes para o ‘bem-estar’ do indivíduo”, o que permite avaliar a informação adquirida através dos indicadores no nível de interesse do indivíduo;
- “Facilitar a modificação da informação” pelo que se podem captar as variações do estado de “satisfação” do indivíduo, no momento em que seja requerido; e
- “Simplicidade das unidades de avaliação” pelo que se podem fazer comparações através dos diferentes “domínios” da vida da população.

Como pontos fracos, os autores indicaram:

- “Artifícios usados para sua avaliação” pelos que se assumem como válidas e precisas às respostas da população; e
- “Pouca capacidade de refletir os assuntos objetivos da sociedade”, o que se deve a sua estreita relação com os estados de ânimo do indivíduo.

Veenhoven (2002, p. 43)⁴², em relação às “avaliações subjetivas”, assinalou a necessidade de usá-las para avaliar a Qualidade de Vida, devido à possibilidade que essas oferecem na captação da percepção do bem-estar dos indivíduos, a que não é possível fazê-la com as medições objetivas. O autor apontou que através dessas avaliações pode-se determinar como o indivíduo se sente respeito às condições materiais nas que desenvolve sua vida.

⁴¹ Andrews, Withey, Campbell *et al.* apontaram esse ponto como o mais importante.

⁴² VEENHOVEN, R. Why social policy needs subjective indicators. *Social Indicators Research*, v. 58, n. 1, p. 33-46, 2002. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

Assim, o estudo da Qualidade de Vida requer uma abordagem dupla. Abordagem que demanda do uso combinado das medições objetivas e avaliações subjetivas. Medições e avaliações pelas que se pode captar informação das condições de vida e satisfação pessoal do indivíduo (nível ou unidade de análise). Condições e satisfação, que como já foi visto no item 1.2.2, constituem as dimensões da Qualidade de Vida.

1.6 Singularidade

A Qualidade de Vida por se conceituar como a combinação da “condição de vida”, a “satisfação pessoal” e o “quadro de valores” dos indivíduos, constitui-se como uma questão singular de cada nível ou unidade de análise. Essa singularidade é o produto do acúmulo de vivências dos indivíduos em um determinado lugar.

Myers (1987, p. 111.) assinalou a relação da Qualidade e Vida com as vivências dos indivíduos. O autor fez essa observação baseado em quatro aspectos que identificou nos estudos sobre Qualidade de Vida, estudos de caráter comparativo, nas cidades dos Estados Unidos de América⁴³; os quais foram:

- “Falta de informação subjetiva”, a que representa a “satisfação” dos indivíduos com sua “condição de vida”;
- “Tendenciosa escolha e hierarquização dos indicadores”;
- “Pobre disponibilidade de informação comparativa”; e
- “Falta de atenção aos aspectos locais”.

Nesse sentido, Myers sustentou que a Qualidade de Vida é uma experiência local sujeita aos julgamentos da população respeito a suas “vivências” ao longo do tempo.⁴⁴

Assim, a Qualidade de Vida, a que é produto das vivências, merece um tratamento particular em cada contexto devido á singularidade da satisfação do indivíduo em relação a sua condição de vida. Satisfação que envolve o quadro de valores do próprio indivíduo. Fato que induz uma abordagem específica para cada caso de estudo e não a uma abstração padronizada. Abstração que, desde 1979, Milbrant, citado por Myers (1987, p. 121.), já tinha assinalado.

⁴³ Estudos publicados por Bowman et al.; Boyer, Savageau; Conway, Liston; Marlin, Avery (1981; 1985; 1981; 1983, citados por MYERS, 1987, p. 110.). O estudo realizado por Boyer e Savageau (1985), *The Places Rated Almanac*, é o mais conhecido (MYERS, 1987, p. 110.).

⁴⁴ MYERS, 1987, p. 108.

1.7 Importância do seu Estudo

A expressão Qualidade de Vida está presente no cotidiano das pessoas e em todas as esferas. Essa expressão é utilizada em âmbitos diversos como em saúde, educação, economia, política, planejamento urbano etc. e, toma maior relevância quando se analisa a eficiência das estratégias e políticas desenvolvidas em procura do bem-estar social.

A eficácia das estratégias e políticas decorre do processo de identificação dos problemas e proposta das metas que se requerem atingir para assegurar o bem-estar social. O estudo da Qualidade de Vida insere-se nesse processo, podendo fornecer parâmetros para a proposição das estratégias e políticas quanto o monitoramento das mesmas, em função da percepção da sociedade sobre o que para ela significa bem-estar social.

Nessa linha, Myers (1987, p. 109.; 1988, p. 347.⁴⁵) ; Faishal e Wei⁴⁶; Schalock (2004, p. 204.)⁴⁷ ressaltaram a capacidade dos estudos sobre Qualidade de Vida na identificação dos problemas que enfrenta a população, assim como, as causas desses problemas e suas influências no bem-estar social; além de oferecer a possibilidade de monitorar as estratégias e políticas propostas para superar esses problemas. Entre outros aspectos relevantes desses estudos, Megone (1990, citado por ÜLENGIN, B.; ÜLENGIN, F.; GÜVENÇ, 2001, p. 361.), assinalou a possibilidade de alocar em forma eficiente os escassos recursos públicos.

Em tal sentido, o conceito Qualidade de Vida agrega características que possibilitam abarcar diferentes níveis de abrangência ao mesmo tempo. Ele é colocado como uma *noção sensível* aos aspectos principais do indivíduo; como *conceito social* que avalia o “bem-estar” da população; e, como um *conceito integral* orientado à aplicação de estratégias e políticas destinadas à

⁴⁵ MYERS, D. Building knowledge about quality of life for urban planning. *Journal of the American Planning Association*, v. 54, p. 347-358, 1988. Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/build.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

⁴⁶ Obra citada, p. 222.

⁴⁷ SHALOCK, R. L. **The concept of quality of life: what we know and do not know.** *Journal of Intellectual Disability Research*, v. 48, n. 3, p.203-216, 2004. Disponível em: <<http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1111/j.1365-2788.2003.00558.x/enhancedabs/>>. Acesso em: 26 maio 2004.

melhoria do “bem-estar” da população (SCHALOCK; VERDUGO, 2002, citados por SCHALOCK, 2004, p. 205.; VERDUGO; VICENT, 2004, p. 21.⁴⁸).

Por fim, o estudo da Qualidade de Vida apresenta-se como um assunto politicamente importante ao descrever a “satisfação” dos cidadãos perante diferentes variáveis que interferem em suas vidas, ao mesmo tempo em que, antepõe o conhecimento científico à simples opinião política, sem se opor aos diferentes “quadros de valores” dos indivíduos (MYERS, 1988, p. 347).

⁴⁸ VERDUGO, A. M. A.; VICENT, R. C. **Evaluación de la calidad de vida en empleo con apoyo**. Proyecto ALSOI. Publicações do INICO, Salamanca - 2004. Disponível em: <<http://sid.usal.es/idocs/F8/FDO7020/Investigacionalsoi.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

1.8 Relação com o Planejamento Urbano e desenvolvimento econômico

O Planejamento Urbano trata da organização e do ordenamento das atividades que se desenvolvem nas cidades. A organização e ordenamento dessas atividades são exigências decorrentes das constantes e complexas transformações das relações sociais nesse meio, transformações geradas pelo crescimento urbano. Crescimento que acontece pela maior oferta de possibilidades de desenvolvimento para os indivíduos

Essa maior oferta de possibilidades para o desenvolvimento do indivíduo gera, cada vez mais, maiores concentrações de indivíduos que, ao mesmo tempo, demanda maior infraestrutura e serviços em termos de quantidade e qualidade dos mesmos. Quantidade e qualidade que têm a ver com a Qualidade de Vida do indivíduo. Qualidade de Vida, que observada ao longo do tempo, pode ser um dos principais indicadores para identificar as mudanças que acontecem no processo de desenvolvimento das comunidades.

Myers, desde 1988, tem estudado as relações entre Qualidade de Vida, crescimento econômico e desenvolvimento urbano. O autor observou que, no tempo em que, algumas áreas do conhecimento humano podem estudar ou avaliar a Qualidade de Vida como um assunto estático; os planejadores urbanos podem tirar vantagem de desse estudo, acompanhamento desse tema ao longo do tempo, incorporando-o no processo de desenvolvimento da comunidade.

Nesse sentido, Myers (1988) apontou duas importantes relações do estudo da Qualidade de Vida com o Planejamento urbano (ver figura 3). A primeira relação, Qualidade de Vida com Qualidade de Vida, passando pela atração de negócios e crescimento urbano. Relação que reflete como a Qualidade de Vida alenta o desenvolvimento econômico que gera crescimento urbano, o que ao mesmo tempo, altera a Qualidade de Vida. A segunda relação, Qualidade de

Vida com os efeitos negativos do crescimento urbano. Relação pela que se mostra como os estudos sobre Qualidade de Vida podem assistir à área do planejamento urbano na identificação e prevenção das conseqüências desfavoráveis do crescimento das estruturas urbanas

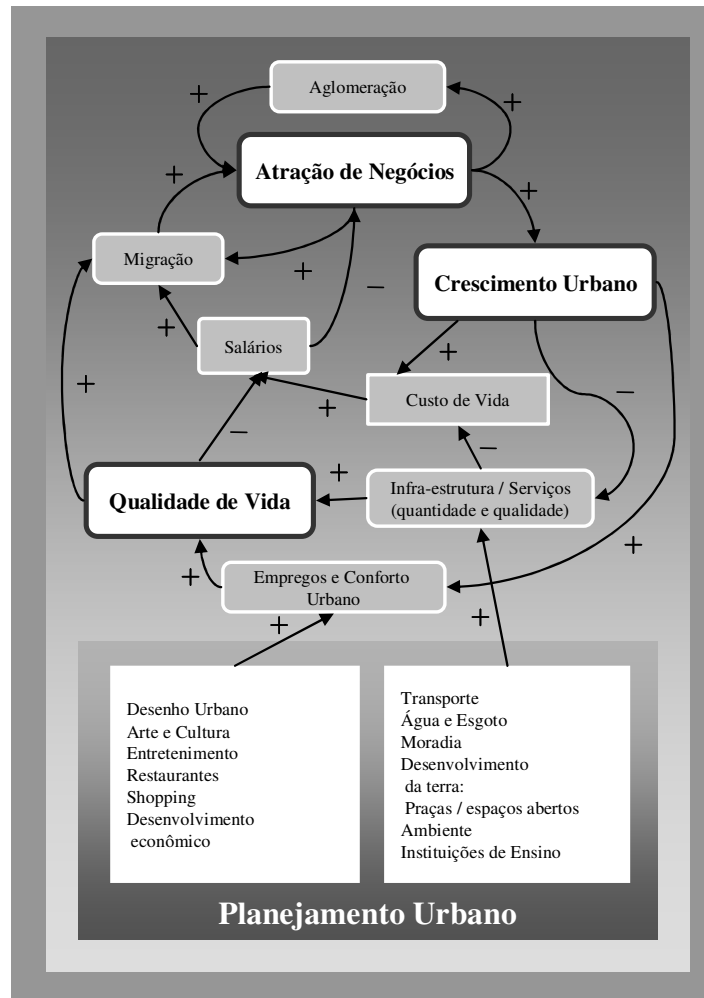


Figura 3: Relações entre o Processo de Desenvolvimento, Qualidade de Vida e Planejamento Urbano. [Traduzido de Myers (1988, p. 348)].

Na primeira relação, segundo Myers, uma boa Qualidade de Vida estimula altos salários e imigração da população, fatores que o autor assinala como importantes na conformação de centros de econômicos. No entanto, uma boa Qualidade de Vida também tende a reduzir os altos salários da população, em troca do oferecimento de maiores possibilidades de

desenvolvimento dos indivíduos. Em conseqüência, baixos salários e boa Qualidade de Vida atraem investimentos econômicos que criam novos postos de trabalho para os imigrantes.

A aglomeração de investimentos leva a que as atividades econômicas procurem expandir-se gerando um crescimento urbano acelerado - crescimento que em muitos casos não é planejado e responde a interesses particulares dos investidores-. Produto desse crescimento se dá uma alta no custo de vida, demanda por infra-estrutura e serviços - em termos de quantidade e qualidade - e oferta de emprego, assim como, possibilidades de desenvolvimento do indivíduo.

Nesse contexto, a Qualidade de Vida também sofre mudanças. Essas mudanças levam à segunda relação da Qualidade de Vida com o crescimento urbano. Relação pela que os estudos sobre Qualidade de Vida ajudam a enfrentar problemas em matéria de transporte urbano, rede de água potável, rede de esgoto, moradia, uso do solo urbano, espaços de lazer, dentre outros

Assim, a relação complexa entre a Qualidade de Vida, crescimento das atividades econômicas e crescimento urbano exige a participação do planejamento urbano como ferramenta medidora dessa relação, para previsão ou mitigação dos impactos negativos do crescimento, procurando atingir ou preservar o “bem-estar” da população.

1.9 Síntese

A Qualidade de Vida é um tema que tem sido de preocupação de vários pensadores desde tempos remotos, em geral, centrada na procura dos fatores pelos quais se poderia determinar uma “boa vida” e uma “boa sociedade”.

A noção da expressão “Qualidade de Vida” tem sido construída paulatinamente ao longo do tempo, com diferentes e múltiplas contribuições. A partir dos meados da década dos anos 60 do século XX, passou a ser considerada no âmbito do “Movimento dos Indicadores Sociais”.

Mais recentemente tem predominado o conceito de “Qualidade de Vida” como o “grau de satisfação da população em função de sua condição de vida, a que é avaliada desde seu quadro de valores particular em um determinado lugar”. Definição que será adotada neste trabalho.

Esse conceito está sujeito a influência de vários fatores, os quais comumente são tratados na literatura como “domínios”, referidos tanto a uma dimensão “objetiva” e outra “subjetiva”, as quais não são necessariamente interdependentes (ver figura 4).

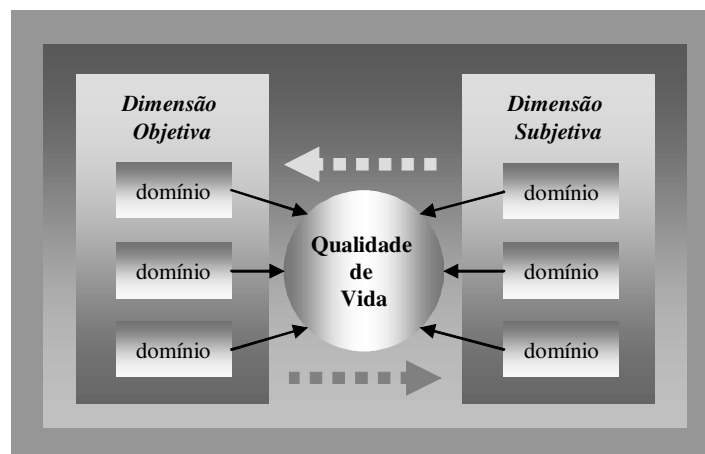


Figura 4: Dimensões da Qualidade de Vida. (Interpretação própria).

As duplas dimensões - objetiva e subjetiva - fazem com que seja necessária a montagem de uma abordagem indireta para sua avaliação. (ver figura 5).

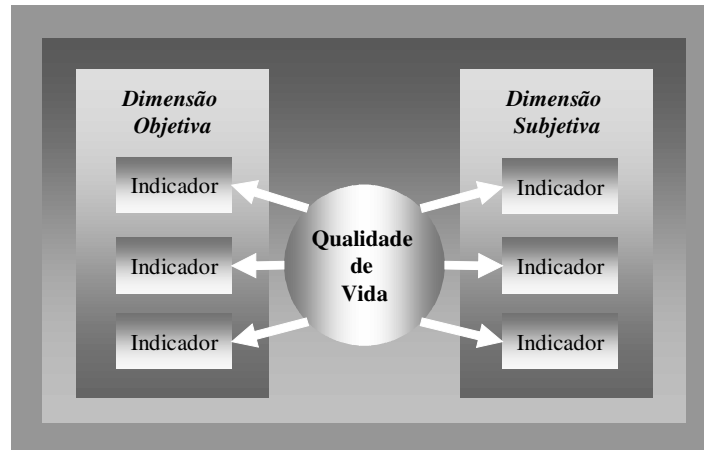


Figura 5: Abordagem da Qualidade de Vida usando indicadores objetivos e subjetivos. (Interpretação própria).

Assim, por englobar uma dimensão subjetiva, que tem a ver com o quadro de valores particular do indivíduo, a qualidade de vida exige uma definição do “nível ou unidade de análise” que se deseje estudar, que, pode ir desde o ser humano individual até sua agrupação em comunidade, na que a demarcação geográfica também é necessária (ver figura 6).

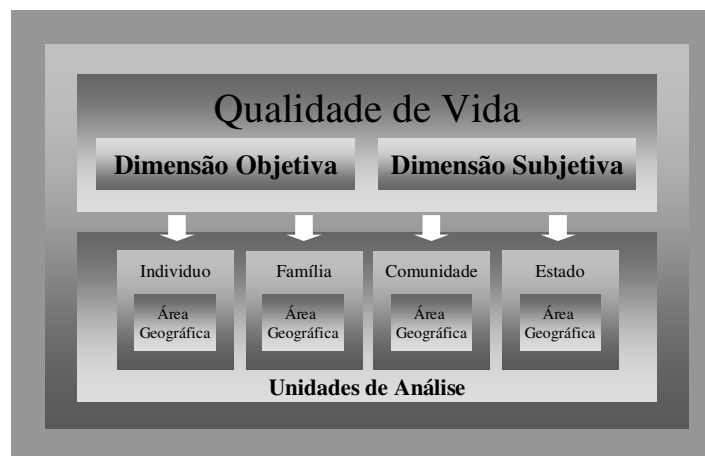


Figura 6: Definição do Nível ou Unidade de Análise. (Interpretação própria).

Dessa maneira, o conceito Qualidade de Vida, neste trabalho, será entendido em duas dimensões (objetiva e subjetiva); as que são operacionalizadas em vários domínios dependendo do nível de importância que eles representam para a unidade de análise em observação, os que são monitorados pela aplicação de indicadores (ver figura 7).

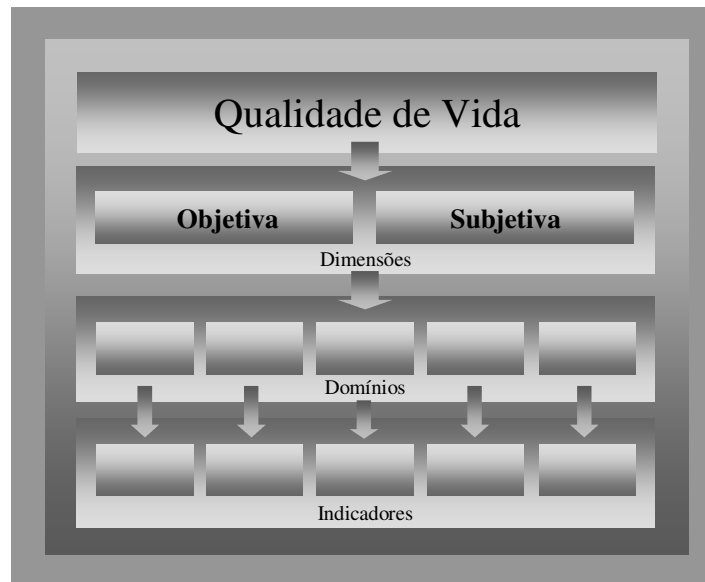


Figura 7: Operacionalização do estudo da Qualidade de Vida. (Interpretação própria).

A Qualidade de Vida pela sua abrangência, torna-se uma referência essencial para a elaboração e o monitoramento de políticas públicas nos diversos âmbitos: saúde, educação, trabalho, planejamento urbano etc. fornecendo informações que apoiem à formulação de estratégias, operações e ações em função das próprias necessidades da população.

Assim, Qualidade de Vida é um tema que tem que ser estudado dentro de um enfoque particular, considerando as singularidades da unidade de análise espacial que é objeto de observação.

2 MODELOS DE AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA

A avaliação da Qualidade de Vida, como já foi visto (no capítulo I), tem sido uma inquietude e necessidade de pesquisadores de diversos âmbitos do conhecimento humano, desde a década dos anos 30 do século passado, com o propósito de analisar e propor estratégias e políticas para a preservação ou melhoramento do bem-estar social.

Avaliação que no primeiro momento tem sido exclusiva dos pesquisadores, com um enfoque acadêmico, aos poucos, foi se estendendo às demais áreas dos afazeres humanos, como por exemplo: educação, saúde e serviços sociais em geral.

Dentre essas, tem-se o planejamento urbano que tem como objetivo organizar e ordenar o meio físico-social buscando o bom funcionamento dos sistemas da cidade e, por conseguinte o bem-estar da população.

Nesse contexto, a avaliação da Qualidade de Vida da população urbana aparece em apoio à tomada de decisões na formulação e implantação de estratégias e políticas destinadas à melhoria das condições sociais.

Com essa perspectiva, de uma utilização mais pragmática, pesquisadores e planejadores urbanos vêm trabalhando juntos na formulação de modelos de Avaliação da Qualidade de Vida no Meio Urbano. Diversas propostas têm sido desenvolvidas sob diferentes enfoques e maneiras de refleti-la. Geralmente, essas maneiras têm sido trabalhadas em forma de

instrumentos denominados índices ou sistemas de indicadores¹, através dos quais se procuraram fornecer valores para observar as mudanças na questão da Qualidade de Vida.

Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é apresentar quatro experiências de avaliação da Qualidade de Vida no Meio Urbano. Duas correspondentes aos instrumentos denominados como índice e; as outras duas, aos denominados sistemas de indicadores. Instrumentos que serão objeto de análise-crítica no capítulo seguinte (capítulo III).

Esses modelos foram escolhidos em função de três critérios: facilidade de acesso a informação sobre eles, atenção a realidades diferentes e relevância em seu contexto:

- Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil;
- Índice de Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá;
- Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal;
- Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades do Chillán e Ovalle no Chile.

Assim, nesse propósito, os instrumentos são expostos em duas categorias, categorias que foram baseadas na própria denominação dos instrumentos, abordando dois aspectos: generalidades sobre a cidade contexto de aplicação e descrição do modelo. O aspecto descrição do modelo é realizado através da revisão de cinco itens, como: entes gestores, objetivo, conceituação da expressão Qualidade de Vida no meio urbano, metodologia de construção e estrutura do instrumento.

¹ No respeito do uso de um índice ou um sistema de indicadores há duas posições predominantes. A primeira postura, apoiada pela maioria de autores, defende o uso de um índice (número simples), pela facilidade que apresenta para a população e planejadores urbanos, no acompanhamento das mudanças na questão da Qualidade de Vida no meio urbano. Enquanto que, na segunda posição advoga-se pelo uso em separado de valores para cada assunto (indicadores) que constitua a Qualidade de Vida, em função da prioridade de cada assunto para os cidadãos e da possibilidade de desenvolvimento de estratégias e políticas específicas para cada um deles (HAGERTY *et al.*, 2001, p. 6.).

2.1 Índices

2.1.1 Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil

2.1.1.1 Generalidades da cidade de Belo Horizonte

A cidade de Belo Horizonte é capital do estado brasileiro de Minas Gerais. Encontra-se localizada na região Sudeste do País e conta com uma população de 2 350 564 habitantes.²

A cidade foi considerada a metrópole com melhor qualidade de vida da América Latina pelo *Population Crisis Committee* da ONU e a 45ª entre as cem melhores do mundo.³

2.1.1.2 Descrição do sistema de informação

2.1.1.2.1 Gestores

O “Índice de Qualidade de Vida Urbana” (IQVU) foi desenvolvido pela Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), através da Secretaria Municipal de Planejamento (SMPL),

² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades@. Censo 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 18 mar. 2005.

³ A CIDADE de Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.pbh.gov.br/belotur/portugues/cidade/h-cid.htm>. Acesso em: 21 mar. 2005.

em colaboração com uma equipe multidisciplinar da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC - MG). O índice foi elaborado entre os anos de 1994 e 1996.

2.1.1.2.2 Objetivos

A Prefeitura de Belo Horizonte desenvolveu esse índice com o objetivo de guiar uma distribuição equânime dos recursos públicos municipais, através do dimensionamento da oferta e o acesso da população aos serviços e recursos urbanos (NAHAS, 2002, p. 89).⁴ Além de utilizá-lo, no planejamento do Orçamento Participativo, no Plano Diretor e na Lei de Uso e Ocupação do Solo.⁵

2.1.1.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano

No índice, o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano é apresentado como a interação de onze domínios, os quais são tratados nesse índice como “variáveis”. Essas “variáveis”: abastecimento, assistência social, cultura, educação, esporte, habitação, infra-estrutura urbana, meio ambiente, saúde, segurança urbana e serviços urbanos (ver figura 8).

⁴ NAHAS, M. I. P. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de belo horizonte.** 2002. 373 f. tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2002.

⁵ Mesma autora, mesma obra, p. 90.

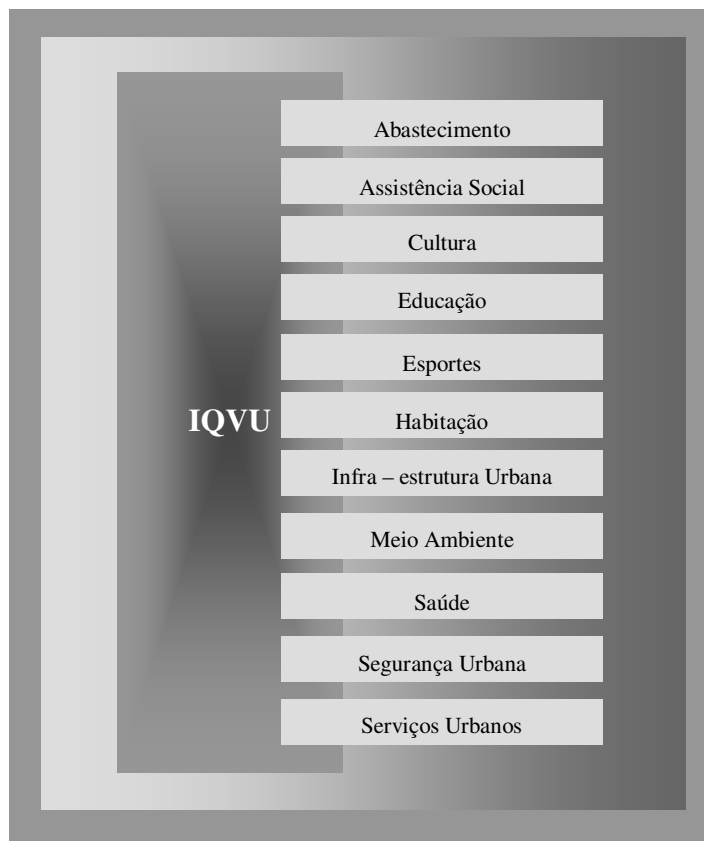


Figura 8: Variáveis do Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil. [Elaboração própria a partir de Nahas (2002, p. 94)].

2.1.1.2.4 Metodologia de construção

Utilizou-se a técnica *ad hoc* de consulta orientada a especialistas, denominada *Delphi*. O trabalho foi desenvolvido com representantes setoriais das secretarias municipais das administrações regionais e técnicos da Secretaria Municipal de Planejamento.⁶

⁶ Mesma autora, mesma obra, p. 94.

2.1.1.2.5 Estrutura do índice

O índice está estruturado em “variáveis”, “componentes” e “indicadores”. As “variáveis” estão constituídas de onze temas, as quais estão operacionalizadas em trinta “componentes” e setenta e cinco “indicadores” (ver quadro 1 e 2, respectivamente).

Quadro 1: Componentes por Variável do Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil. [Elaborado a partir de Nahas (2002, p. 117-119).]

VARIÁVEIS	COMPONENTES
Abastecimento	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos de abastecimento ▪ Cesta básica
Assistência social	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos
Cultura	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios de comunicação ▪ Patrimônio cultural ▪ Equipamentos culturais ▪ Programações artísticas - culturais
Educação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pré – escolar ▪ Primeira a quarta séries ▪ Quinta a oitava séries ▪ Segundo grau
Esporte	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos esportivos ▪ Promoções esportivas
Habitação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade de habitação
Infra-estrutura urbana	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Limpeza Urbana ▪ Saneamento ▪ Energia elétrica ▪ Telefonia ▪ Transporte coletivo
Meio Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Conforto acústico ▪ Qualidade do ar ▪ Área verde
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atenção à saúde ▪ Vigilância à saúde
Serviços urbanos	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviços pessoais ▪ Serviços de comunicação
Segurança urbana	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Atendimento policial ▪ Segurança pessoal ▪ Segurança patrimonial ▪ Segurança no trânsito ▪ Segurança habitacional

Quadro 2: Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo Horizonte do Estado de Minas Gerais no Brasil (NAHAS, 2002, p. 117-119).

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Abastecimento	Equipamentos de Abastecimento	Hiper e Supermercados	m ²	Área de Hiper e supermercados para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Mercearias e similares	m ²	Área de Mercarias e similares para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Restaurantes e similares	m ²	Área de Restaurantes e similares para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Cesta Básica	Economia de compra	\$ R.	Valor médio da Cesta na cidade, menor valor na Unidade de Planejamento (UP).
Assistência Social	Equipamentos	Entidades de Assistência Social	n ^o	Número de Entidades para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Médios de Comunicação	Abrangência de tiragem de publicações	n ^o	Número de locais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
Cultura	Patrimônio Cultural	Bens Tombados	n ^o	Número de Bens tombados para cada Unidade de Planejamento (UP).
		Grupos Culturais	n ^o	Número de Grupos Culturais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Equipamentos Culturais	Distribuição pro equipamentos	n ^o	Número de Equipamentos Culturais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Frequência cinema, bibliotecas e museus	n ^o	Somatória do público que frequenta cinemas, bibliotecas e museus para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Livrarias e Papelarias	m ²	Área de Livrarias e papelarias para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Programações artísticas - culturais	Oferta de atividades	n ^o	Número de atividades para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
Frequência às atividades		n ^o	Somatória do público que frequenta as atividades artísticas - culturais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).	

(continuação)

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Educação	Pré - escolar	Ingresso pré - escola	%	Percentagem de alunos matriculados.
		Tamanho por turma	n°	Número de alunos por turma.
	Primeira a quarta séries	Matricula 1ª a 4ª séries	%	Percentagem de alunos matriculados.
		Tamanho por turma	n°	Número de alunos por turma.
		Índice de aproveitamento	%	Percentagem de aprovações finais.
	Quinta a oitava séries	Matricula 5ª a 8ª séries	%	Percentagem de alunos matriculados.
		Tamanho por turma	n°	Número de alunos por turma.
		Índice de aproveitamento	%	Percentagem de aprovações finais.
	Segundo Grau	Matricula no 2º grau	%	Percentagem de alunos matriculados.
		Tamanho por turma	n°	Número de alunos por turma.
Índice de aproveitamento		%	Percentagem de aprovações finais.	
Esportes	Equipamentos esportivos	Clubes e congêneres	m²	Área de Clubes e congêneres para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Quadras, piscinas e campos	n°	Número de quadras, piscinas e campos para cada Unidade de Planejamento (UP).
	Promoções esportivas	Oferta de atividades	n°	Número de eventos esportivos para cada Unidade de Planejamento (UP).
		Abrangência por atendimento	n°	Somatória do público que frequenta os eventos esportivos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
Habitação	Qualidade de habitação	Área residencial por IPTU	m²/hab	Área residencial para cada habitante.
		Padrão de Acabamento	nota	Nota por acabamento moradias.
		Espaço interno	n°	Número de dormitórios para cada pessoa.

(continuação)

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES	
Infra-estrutura Urbana	Limpeza Urbana	Coleta de lixo	nota	Nota por coleta de lixo por Unidade de Planejamento (UP).	
		Varrição	nota	Nota por Varrição por Unidade de Planejamento (UP).	
		Capina	nota	Nota por Capina por Unidade de Planejamento (UP).	
	Saneamento	Disponibilidade de água tratada	%	Porcentagem de ruas com rede de água.	
		Frequência de fornecimento de água	%	Porcentagem da Unidade de Planejamento (UP) com fornecimento contínuo.	
	Energia Elétrica	Disponibilidade de rede de esgoto	%	Porcentagem da Unidade de Planejamento (UP) com rede de esgoto.	
		Fornecimento de energia elétrica	%	Porcentagem da Unidade de Planejamento (UP) com rede elétrica.	
		Iluminação pública	%	Porcentagem da Unidade de Planejamento (UP) com iluminação pública	
		Telefonia	Rede telefônica	%	Porcentagem de ruas com rede telefônica.
			Qualidade de ligações	%	Porcentagem de descongestionamento de linhas.
	Transporte coletivo	Possibilidade de acesso	%	Porcentagem de pavimentação.	
		Conforto	idade	Idade média da frota.	
Meio Ambiente	Conforto acústico	Nº de veículos	nº	Número de veículos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).	
		Tranqüilidade sonora	nº	Número de ocorrências superiores a 157 decibéis.	
	Qualidade do Ar	Ausência de coletivos poluidores	%	Porcentagem de veículos não autuados.	
	Área verde	Extensão de cobertura vegetal	%	Porcentagem de cobertura vegetal por Unidade de Planejamento (UP).	

(continuação)

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Saúde	Atenção à Saúde	Disponibilidade de leitos	n°	Número de leitos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Postos de saúde	n°	Número de Postos de Saúde para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Outros equipamentos de assistência médica	m ²	Número de outros equipamentos de assistência médica para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Equipamentos Odontológicos	m ²	Número de equipamentos odontológicos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Vigilância à Saúde	Peso ao nascer	%	Percentagem de nascidos com peso normal.
		Sobrevivência ao nascer	%	Percentagem de sobrevivência até 1 ano.
Serviços Urbanos	Serviços Pessoais	Agências Bancárias	n°	Número de agências bancárias para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Pontos de Táxi	n°	Número de Pontos de táxi para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Postos de Gasolina	m ²	Área de Postos de gasolina para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Serviços de Comunicação	Correios	n°	Número de agências de correio EBCT para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Bancas de Revistas	n°	Número de Bancas de Revistas para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Telefones Públicos	n°	Número de Telefones Públicos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Funcionamento de Telefones Públicos	%	Percentagem de telefones públicos que não necessitaram de reparos.

(continuação)

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Segurança Urbana	Atendimento Policial	Equipamentos	n°	Número de Delegacias, batalhões e companhias para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Recursos Humanos	n°	Número de efetivos da Polícia Militar de Minas Gerais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Viaturas	n°	Número de Viaturas para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Rapidez no atendimento	h	Tempo médio de espera 1,92
	Segurança Pessoal	Ausência se criminalidade	n°	Número de homicídios superior a 6 ocorrências para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Ausência de tentativas de homicídio	n°	Número de tentativas de homicídio superior a 33 ocorrências para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Ausência de invasões nos domicílios	n°	Número de invasões superior a 5 nos domicílios para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Ausência de estupro	n°	Número de estupro superior a 6 nos domicílios para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Possibilidade de segurança	n°	Número de porte ilegal de armas + números de atentados violentos ao pudor + número lesões corporais para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Ausência de roubo	n°	Número de ocorrências de roubos (inclusive a mão armada) superior a 820, a: transeuntes, residências, coletivos, motoristas de táxi e estabelecimentos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Segurança Patrimonial	Ausência de roubo de veículos	n°
	Ausência de roubos a moradias e estabelecimentos		n°	Número de ocorrências diversas de roubo e furtos superior a 520 a residências e estabelecimentos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).

(continuação)

VARIÁVEIS	COMPONENTES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Segurança Urbana (continuação)	Segurança no Trânsito	Ausência de acidentes	n°	Número de ocorrências com ou sem vítimas superior a 1803, a: direção perigosa de veículos, abalroamentos, colisões, choques, atropelamentos e capotamentos para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
		Ausência de acidentes graves	n°	Número de ocorrências com vítimas superior a 162, a: abalroamentos, capotamentos, choques e colisões para cada 1000 habitantes da Unidade de Planejamento (UP).
	Segurança Habitacional	Segurança do terreno	nota	Nota para o grau de predisposição ao risco geológico.

2.1.2 Índice de Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá

2.1.2.1 Generalidades da Província de Ontário

Ontário é a segunda maior província das 10 em que se divide o Canadá.¹ A província situa-se na parte sudoeste do país fazendo limite pelo sul com os Estados Unidos de América. Conta com uma população de 11 410 046 habitantes² e sua economia baseia-se na atividade da agricultura (parte norte) e da indústria (parte sul)³.

2.1.2.2 Descrição do Sistema de Informação

2.1.2.2.1 Gestores

O “Índice da Qualidade de Vida” de Ontário tem sido desenvolvido pelo Conselho de Desenvolvimento Social de Ontário em colaboração da Rede de Conselhos do Planejamento Social (SHOOKNER, 1998, p. 20.)⁴, Centro para a Promoção da Saúde da

¹ O Canadá divide-se em 10 províncias e 3 territórios.

² CANADÁ. Disponível em: <<http://www.citypopulation.de/Canada-Ontario.html#Land>> Acesso em: 18 mar. 2005.

³ ABOUT ONTÁRIO. Economy. Disponível em: <<http://www.gov.on.ca/MBS/english/about/economy/overview.html>>. Acesso em: 18 mar. 2005.

⁴ A Rede de Conselhos do Planejamento Social constituiu-se de: Conselho do Planejamento Social Comunitário de Toronto, Conselho do Planejamento Social de Kingston, Conselho do Planejamento de Peel, Conselho do Planejamento de Halton, Conselho de Pesquisa e Planejamento Social de Halmilton – Wentworth, Conselho do Planejamento Social de Peterborough, Conselho do Planejamento Social de Lakehead, Conselho do Desenvolvimento Comunitário de Quinte, Comunidade Pro Action, além do Conselho do Planejamento Social de Ontário (SHOOKNER, M. A quality of life index for Ontário. In: Conference on the State of Living Standards and the Quality of Life in Canada. 1998. Canadá: Ontario Social Development Council. 1998. Disponível em: <<http://www.csls.ca/events/oct98/shook.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2003.).

Universidade de Toronto, Coalizão das Comunidades Saudáveis de Ontário e Centro para a Sustentabilidade aplicada da Universidade York.

2.1.2.2.2 Objetivo

O índice tem como objetivo:

- Monitorar os aspectos que afetam as “condições de vida” da população para enfocar a ação comunitária na melhoria do bem-estar social.

2.1.2.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano

No índice, o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano é apresentado como a interação entre quatro domínios: social, saúde, econômico e ambiente (ver figura 9).

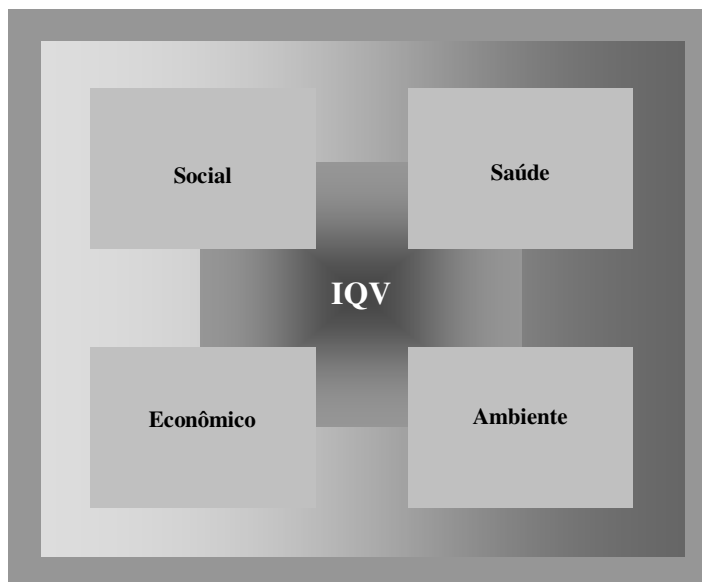


Figura 9: Dimensões do Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá.
[Figura modificada a partir de Shookner (1998, p. 4).]

2.1.2.2.4 Metodologia de construção

A metodologia de construção baseou-se na revisão dos modelos utilizados pelas instituições participantes.⁵ Em tal revisão foram identificados quatro dimensões: Social, Saúde, Ambiente e Economia.

Essas dimensões foram operacionalizadas por uma bateria de doze indicadores, os quais foram propostos pela Rede de Conselhos do Planejamento Social. Os indicadores foram escolhidos sob quatro critérios: relevância na definição da Qualidade de Vida, sensibilidade às mudanças através do tempo, informação disponível e atualização regular (mensal ou quinzenalmente), e confiabilidade das fontes de informação.

⁵ Ver item 2.1.2.2.1 Gestores.

2.1.2.2.5 Estrutura do índice

O índice está estruturado em “domínios” e “indicadores”. Os “domínios” se referem aos aspectos: social, econômico, saúde e ambiente. Esses domínios são operacionalizados em doze indicadores. (ver quadro 3)

Quadro 3: Dimensões e Indicadores do Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá. (elaborado a partir de Shookner (1998, p. 9-10).)

DIMENSÕES	INDICADORES
Social	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Beneficiários de Assistência Social ▪ Menores com Assistência Social ▪ Pessoas em espera por Moradia Social
Econômico	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoas empregadas ▪ Pessoas desempregadas ▪ Insolvências registradas
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mortes por suicídio ▪ Pessoas de idade avançada a espera por cuidados de saúde ▪ Nascidos com baixo peso
Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade do Ar ▪ Derramamentos ▪ Toneladas de resíduos sólidos

Quadro 4: Índice da Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá (SHOOKNER, 1998, p. 9-10).

DIMENSÕES	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
Social	Beneficiários de Assistência Social	n°	Número de pessoas beneficiárias em instituições de Assistência Social para cada 10000 habitantes.
	Menores com Assistência Social	n°	Número de menores em instituições de Assistência Social para cada 10000 habitantes.
	Pessoas a espera por Moradia Social	n°	Número de Pessoas a espera por moradia em programas de habitação social para cada 10000 habitantes.
Econômico	Pessoas empregadas	n°	Número de pessoas que contam com emprego para cada 10000 habitantes.
	Pessoas desempregadas	n°	Número de pessoas que não contam com emprego para cada 10000 habitantes.
	Insolvências registradas	n°	Número de ocorrências de insolvências econômicas reportadas para cada 10000 habitantes.
Saúde	Mortes por suicídio	n°	Número de óbitos por motivo de suicídio para cada 10000 habitantes.
	Pessoas de idade avançada em espera por cuidados de saúde	n°	Número de pessoas em lista de espera para acessar a serviços de saúde para cada 10000 habitantes.
	Nascidos com baixo peso	n°	Número de Nascimentos registrados com baixo peso corporal para cada 10000 habitantes.
Ambiente	Qualidade do Ar	h	Número de horas com Qualidade do Ar moderada ou pobre para cada 10000 habitantes.
	Derramamentos	n°	Número de derramamentos para cada 10000 habitantes.
	Toneladas de resíduos sólidos	t	Toneladas de resíduos sólidos dispostas em contêineres para cada 10000 habitantes.

2.2 Sistemas de Indicadores

2.2.1 Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal

2.2.1.1 Generalidades da cidade do Porto

Porto é um importante centro industrial e a segunda maior cidade do Portugal. A cidade situa-se no litoral norte do País. A área Metropolitana do Porto conta com uma população de 1 700 000 habitantes.¹

A UNESCO, em 1997, reconheceu o centro histórico da cidade como “Patrimônio Mundial da Humanidade”.²

2.2.1.2 Descrição do sistema de informação

2.2.1.2.1 Gestores

¹ CIDADE DO PORTO. Disponível em: <<http://homepage.oninet.pt/873mzj/default.htm>> Acesso em: 25 fev. 2005.

² VIRTUAL PORTUGAL. Disponível em: http://www.portugalvirtual.pt/_tourism/costaverde/porto/wecandip.html. Acesso em: 25 fev. 2005.

O “Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana” (SMQVU) foi desenvolvido pela Câmara Municipal do Porto (CMP), através do seu Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP), em colaboração do Centro de Estudos Macroeconômicos e Previsão (CEMPRE) da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (UP).³

O sistema de informação urbana teve como motivação o projeto *URBAN AUDIT – Assessing the Quality of Life of Europe’s Cities* promovido pela União europeia em 1998. Esse projeto teve como objetivo a avaliação das “condições de vida” e do “bem-estar” da população para disponibilizar uma base de informação comparável da situação individual dos mais de 57 centros urbanos que participaram nele. A população da cidade do Porto participou desse projeto.⁴

2.2.1.2.2 Objetivos

A Câmara Municipal do Porto tem desenvolvido esse sistema de informação urbana com o objetivo de monitorar em forma sistemática as dinâmicas que influenciam, direta ou indiretamente, a “condição de vida” e a percepção dos cidadãos respeito a essas dinâmicas.

Em tal propósito, a Câmara Municipal do Porto procura conhecer a situação da cidade em termos da “Qualidade de Vida” oferecida tanto aos seus residentes como não residentes assim como fornecer informações que fundamentem as estratégias e as políticas de intervenção para melhorar o bem-estar da população urbana.

³ SANTOS, L. D.; MARTINS, I. A. **Qualidade de vida urbana: o caso da cidade do porto.** Disponível em: <<http://www.fep.up.pt/investigacao/workingpapers/wp116.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

⁴ MARTINS, I. A.; SANTOS, L. D. (Coord.). **Sistema de monitorização da qualidade de vida urbana:** Porto. 2003. Disponível em: <<http://www.cm-porto.pt/document/449218/470032.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2004.

2.2.1.2.3. Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano

No sistema, o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano é entendido como a interação de quatro domínios: ambiente, material-coletivo, econômico e sociedade; apoiadas por uma sondagem de percepção da “satisfação” da população. (ver figura 10).

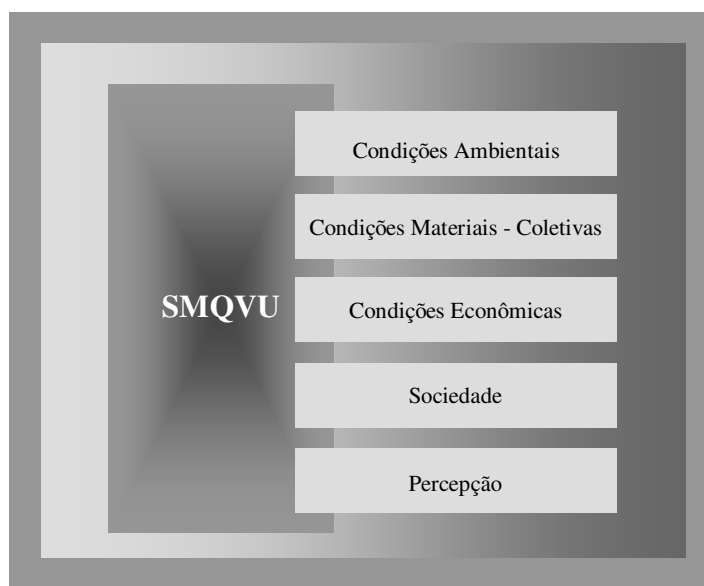


Figura 10: Domínios do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal. [Modificado de Santos; Martins (2002, p. 15.); Martins; Santos (Coord.) (2003, p. 13.)].

2.2.1.2.4 Metodologia de construção

O sistema de informação é o resultado de uma revisão bibliográfica da literatura sobre o tema, assim como da análise de experiências em outros países com objetivos operacionais idênticos.

2.2.1.2.5 Estrutura do sistema

O sistema de informação está estruturado em quatro domínios e uma sondagem de opinião da população (percepção). Os domínios são:

- “Condições Ambientais”, que se refere aos aspectos naturais e físicos da cidade.
- “Condições Materiais - Coletivas”, relativo aos equipamentos e infra-estruturas relacionados com as condições coletivas de vida na cidade.
- “Condições Econômicas”, que analisa a cidade enquanto núcleo de atividade econômica.
- “Sociedade”, que observa as questões decorrentes ligadas às condições sociais de vida da população, como o relacionamento entre as pessoas.

Esses domínios são operacionalizados em vinte e cinco áreas temáticas e setenta e dois indicadores (ver quadro 5 e 6, respectivamente).

Quadro 5: Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.

[Elaborado a partir de Santos; Martins (2002, p. 15.); Martins; Santos (Coord.) (2003, p. 13.)].

DOMÍNIOS	ÁREAS TEMÁTICAS
Condições Ambientais	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaços verdes ▪ Clima ▪ Ruído ▪ Qualidade do ar ▪ Qualidade da água balneária ▪ Recursos naturais ▪ Infra-estruturas básicas
Condições Materiais Coletivas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos culturais ▪ Equipamentos desportivos ▪ Património ▪ Equipamentos educativos ▪ Equipamentos sociais e de saúde ▪ Mobilidade ▪ Dotação em comércio e serviços

(continuação)

DOMÍNIOS	ÁREAS TEMÁTICAS
Condições Econômicas	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Renda e consumo ▪ Mercado de trabalho ▪ Mercado de habitação ▪ Dinamismo econômico
Sociedade	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Dinâmica cultural ▪ Educação ▪ População ▪ Segurança ▪ Participação cívica ▪ Problemas sociais ▪ Saúde
Percepção	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível de satisfação da população com a Qualidade de Vida Global, Qualidade de Vida no Porto, Qualidade de Vida Pessoal e Qualidade de Vida no local de Residência.

A sondagem de opinião, que tem por objetivo captar a percepção da população, está estruturada em quatro itens: qualidade de vida global, qualidade de vida na cidade do Porto, qualidade de vida pessoal e qualidade de vida na residência (moradia, bairro).

O item “Qualidade de Vida Global” está estruturado em duas questões que procuram determinar os aspectos relevantes na concepção do conceito “Qualidade de Vida” em um meio urbano qualquer. Essas questões são:

- Quais os aspectos mais relevantes para definição da qualidade de vida no meio urbano? colocada para resposta segundo o parecer do indivíduo.
- Quais os cinco aspectos mais relevantes para definição da qualidade de vida urbana?.

Segundo a lista de opções a seguir:

Quadro 6: Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.

[Elaborado a partir de Santos; Martins (2002, p. 15); Martins; Santos (Coord.) (2003, p. 13)].

OPÇÕES	
1. Existência de espaços verdes	10. Bons arranjos urbanísticos
2. Boas infra – estruturas básicas	11. Ensino de qualidade
3. Segurança e tranquilidade urbanas	12. Coesão social
4. Habitação acessível em boas condições	13. Comércio e serviços de apoio à população
5. Transporte público eficiente	14. Oferta de atividades culturais
6. Prestação de cuidados sociais e de saúde	15. Forte participação cívica
7. Ambiente não poluído	16. Oferta de atividades esportivas
8. Boa rede de equipamentos	17. Clima ameno
9. Oferta de emprego	

O item “Qualidade de Vida no Porto” está estruturado em três questões que procuram determinar os aspectos relevantes na concepção do conceito “Qualidade de Vida” na cidade do Porto. Essas questões são:

- Quais os três aspectos mais positivos e quais os três mais negativos na definição da qualidade de vida no meio urbano? (questão para resposta segundo o parecer do indivíduo)
- Como qualifica a qualidade de vida na cidade do Porto?. Resposta segundo as opções: muito má, má, razoável, boa e muito boa.
- Como qualifica a qualidade de vida na cidade do Porto, segundo as áreas temáticas a seguir?.

Resposta para cada uma das áreas, segundo as opções: muito má, má, razoável, boa e muito boa.

Quadro 7: Áreas temáticas por domínio do Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal.

[Elaborado a partir de Santos; Martins (2002, p. 15); Martins; Santos (Coord.) (2003, p. 13)].

ÁREAS TEMÁTICAS	
1. Espaços verdes	13. Estabelecimentos de ensino superior
2. Limpeza urbana	14. Hospitais (públicos e privados), centros de saúde, unidades de enfermagem.
3. Poluição (do ar, da água, ruído)	15. Creches, lares, centros de convívio, centros de dia, apoio domiciliário.
4. Densidade de ocupação	16. Comércio e serviços para a população
5. Qualidade arquitetônica e urbanística	17. Compra e aluguel de habitação
6. Trânsito	18. Qualidade e estado de conservação da habitação
7. Transportes públicos	19. Criminalidade e insegurança urbana
8. Equipamentos culturais	20. Pobreza e exclusão
9. Animação cultural da cidade	21. Comportamento social e cívico
10. Espaços recreativos e de lazer	
11. Locais para a prática esportiva	
12. Equipamentos educativos (jardins de infância, escolas)	

O item “Qualidade de Vida Pessoal” está estruturado em uma questão que procura determinar a satisfação do indivíduo em relação a sua qualidade de vida. Essa questão é:

- Como qualifica a sua qualidade de vida pessoal?. Resposta segundo as opções: insatisfeito, satisfeito, razoavelmente satisfeito, satisfeito e muito satisfeito.

E por último, o item “Qualidade de Vida na Residência” estruturado em uma questão que procura determinar a satisfação do indivíduo em relação a sua localidade de residência. Essa questão é:

- Como qualifica a sua qualidade de vida no local de residência?. Resposta segundo as opções: má, muito má, razoável, boa, muito boa.

Quadro 8: Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal (SANTOS; MARTINS, 2002, p. 16-20.).

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDIÇÕES AMBIENTAIS	Espaços verdes	Espaços verdes públicos per capita	m ² /hab.	Jardins e espaços verdes públicos e privados de acesso ao público, para cada habitante.
		Extensão de ruas com árvores	m	Extensão total de ruas ou segmento de ruas com árvores, no separador central ou nos passeios laterais. Não inclui ruas exclusivamente com arbustos.
	Clima	Dias com registro de precipitação	%	
		Média diária de horas de sol	nº	
	Ruído	Intensidade de ruído		
	Qualidade do Ar	Dias com índice de qualidade do ar bom ou muito bom	%	
	Qualidade da Água	Registros com qualidade da água balneária aceitável ou boa	%	
	Recursos Naturais	Extensão da frente fluvial e marítima	km	
	Infra – estruturas básicas	Águas residuais tratadas	%	Quantidade de águas residuais cujo tratamento é efetuado nas Estações de Tratamento de Águas Residuais (ETAR's).
		Resíduos urbanos reciclados	%	Coleta especial de papel, vidro, embalagens, madeira sucata e resíduos verdes que não são objeto de deposição separada por parte do detentor, com a finalidade de serem reciclados.

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDICÕES MATERIAIS COLETIVAS	Equipamentos Culturais	Bibliotecas de acesso ao público.	nº	Bibliotecas Municipais e Privadas de acesso ao público, para cada 1000 habitantes. Não inclui bibliotecas de estabelecimentos de ensino.
		Galerias de arte.	nº	Local de exposição e simultaneamente de venda de obras de artes plásticas com programação definida e com fins de lucro, para cada 1000 habitantes.
		Museus.	nº	Instituição permanente, sem fins de lucro, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público e que promove pesquisas relativas aos testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente para seu estudo, educação e lazer, para cada 1000 habitantes.
	Equipamentos Desportivos	Pavilhões.	nº	Recintos desportivos cobertos com dimensões iguais ou superiores a 28 metros de comprimento, 16 de largura e 7 de altura, para cada 1000 habitantes.
		Piscinas.	nº	Instalação para prática dos diversos tipos de atividades aquáticas possuindo um ou mais tanques cobertos ou descobertos, para cada 1000 habitantes.
		Outras instalações desportivas.	nº	Inclui campos de ténis, grandes campos, pequenos campos, pistas de atletismo, salas de desporto e instalações especiais, para cada 1000 habitantes.
	Património	Área classificada como Património Mundial da Humanidade.	Km ²	Área classificada como Património da Humanidade pela UNESCO.
		Imóveis de interesse Nacional e Público.	nº	Imóveis de interesse Nacional e Público, classificados pelo Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAAR).
		Espaço público re-qualificado.	m ²	Área correspondente a praças e ruas que foi objeto de intervenção de re-qualificação.

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDICÕES MATERIAIS COLETIVAS (continuação)	Equipamentos Educativos	Estabelecimentos do ensino básico e secundário.	nº	Unidades de carácter público ou privado que, funcionando em uma ou mais instalações, agrupam alunos para lhes ministrar ensino do nível fundamental e médio, por um ou mais professores, uns e outros colocados sob uma única direção administrativa e/ou pedagógica.
		Computadores no ensino básico e secundário.	nº	Computadores para fins pedagógicos, nos estabelecimentos de carácter público ou privado que ministram ensino dos níveis fundamental e médio para cada 100 alunos.
		Computadores com ligação à Internet.	nº	Computadores com ligação à Internet, nos estabelecimentos de ensino de carácter público e privado que ministram ensino dos níveis fundamental e médio, para cada 100 habitantes.
	Capacidade dos jardins de infância.	nº	Lugares disponíveis no equipamento sócio – educativo público ou privado que se destine a acolher, durante uma parte do dia, crianças desde os três anos de idade até a idade legal de ingresso no ensino fundamental, para cada 1000 habitantes.	
	Capacidade das creches.	nº	Lugares disponíveis no equipamento sócio – educativo público ou privado, destinado a acolher crianças de três meses e três anos durante o período diário do impedimento dos pais por motivos de ordem profissional ou outros, para cada 1000 habitantes.	
	Capacidade dos lares e centros dia e apoio domiciliário.	nº	Lugares disponíveis em equipamentos de apoio à vida quotidiana dos idosos e lugares disponíveis no âmbito da resposta social que consiste na prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio, para cada 1000 habitantes.	
	Camas de hospitais.	nº	Número de camas por internamento, para cada 1000 habitantes.	
	Centros de saúde e extensões.	nº	Centros de saúde e extensões de centros de saúde para cada 1000 habitantes.	
	Médicos.	nº	Médicos que exercem sua prática profissional nos hospitais, centros de saúde e extensões, para cada 1000 habitantes.	

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDIÇÕES MATERIAIS COLETIVAS (continuação)	Mobilidade	Lugares em parques de estacionamento.	nº	Lugares em parques de estacionamento privados e parques municipais pagos, gratuitos e em concessão.
		Velocidade média em transporte individual.	km/h	Velocidade observada em um circuito pré-estabelecido, em hora de ponta.
		Velocidade média em transporte público.	km/h	Velocidade comercial. Inclui as paragens para entrada e saída de passageiros e as paragens devidas ao congestionamento de trânsito.
	Dotação em comercio e serviços	Estabelecimentos de comércio.	nº	Estabelecimentos de comércio de bens novos ou usados da Classificação das Atividades Econômicas - CAE's 521, 522, 523, 524 e 525, para cada 1000 habitantes.
		Instituições bancárias e outros serviços.	nº	Estabelecimentos bancários (CAE 65121) e outros serviços (CAE's 633, 641, 66011, 66030, 711, 85141 e 930), para cada 1000 habitantes.
		Hotéis e restaurantes.	nº	Estabelecimentos hoteleiros e de restauração (CAE's 553, 5511 e 5512), para cada 1000 habitantes.

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDIÇÕES ECONÓMICAS	Rendimento e consumo	Levantamentos multibanco	euros	Valor dos levantamentos efetuados nas caixas multibanco. Inclui levantamentos nacionais e internacionais.
		Remuneração média mensal	euros	Valor médio da remuneração dos trabalhadores, com exceção dos trabalhadores da função pública e profissionais liberais.
		Quociente entre os percentuais 80 e 20 da remuneração média mensal	nº	Quociente entre os percentuais 80 e 20 da remuneração média mensal dos trabalhadores, com exceção dos trabalhadores da função pública e profissionais liberais.
		Pensionistas por invalidez ou sobrevivência.	nº	Indivíduos que auferem uma prestação pecuniária mensal por sobrevivência ou invalidez para cada 1000 habitantes.
		Beneficiários do RMG.	nº	Membros do agregado familiar do titular do rendimento mínimo garantido, incluindo o próprio titular, para cada 1000 habitantes.
		Consumo de gás per capita	ton/hab.	Consumo doméstico de gás butano, propano e natural, por habitante.
		Automóveis ligeiros.	nº	Veículos automóveis ligeiros com seguro, para cada 1000 habitantes.
	Lares com acesso à Internet.	nº	Lares com acesso à Internet para cada 1000 habitantes.	
	Mercado de trabalho	Desempregados inscritos nos centros de emprego	nº	Indivíduos inscritos nos centros de emprego e que nunca tiveram emprego, não têm emprego, que procuram um emprego e que estão disponíveis para trabalhar.
		Postos de trabalho por 1000 hab.	nº	Total de pessoal ao serviço e trabalhadores da administração pública, para cada 1000 habitantes.
Dirigentes e trabalhadores com qualificação média e superior		%	Porcentagem de dirigentes e trabalhadores com qualificação média e superior, no total de trabalhadores.	

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
CONDIÇÕES ECONÔMICAS (continuação)	Mercado de habitação	Custo médio de aquisição	euro/m. ²	Valores de avaliação bancaria (euros) por m. ² de área útil de alojamentos destinados à habitação, objeto de financiamento bancário.
		Custo médio de arrendamento	euro/m. ²	Valores médios de arrendamento mensal em euros por m. ² de área útil para casas destinadas à habitação.
		Licenças emitidas de re-construção	nº	Autorizações concedidas pela CMP ao abrigo de legislação específica, para execução de obras de re-construção, ampliação e alteração dos edifícios com destino à habitação.
	Dinamismo económico	Varição do número de estabelecimentos	%	Varição porcentual do número de estabelecimentos de comércio e serviços da Classificação de Atividades Económicas 521, 522, 523, 524, 525, 65121, 633, 641, 66011, 66030, 711, 85141, 930, 553, 5511, 5512.
		Vendas de combustíveis	ton.	Vendas de diesel e gasolina super, super aditivada, sem chumbo 95 e sem chumbo 98.
		Despesa total do Município.	euros	Despesas realizadas, para cada 1000 habitantes. Inclui despesas correntes e de capital.
		Passageiros em vôos comerciais	nº	Todo o ocupante de um lugar sentado, transportado por um avião comercial em serviço regular ou não regular.

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
SOCIEDADE	Dinâmica cultural	Sessões de espetáculos culturais	n°	Sessões de espetáculos de dança, música, teatro e musico – teatrais e de cinema (apenas quando integradas em festivais de cinema) das instituições com programação cultural regular (protocolo para agenda cultural de Porto) e dos festivais e das instituições de apoio à criação artística, desde que ocorram em espaços diferentes das instituições com programação cultural regular.
		Utilizadores de bibliotecas de acesso ao público	n°	Utilizadores de bibliotecas municipais e privadas de acesso ao público. Não inclui visitantes de bibliotecas de estabelecimentos de ensino.
		Visitantes de museus	n°	Visitantes de museus e espaços museológicos.
	Educação	Alunos no ensino superior.	n°	Indivíduos inscritos em estabelecimentos de ensino superior de carácter público ou privado para cada 1000 habitantes.
		Alunos em mestrados e pós – graduações.	n°	Indivíduos inscritos em estabelecimentos de ensino superior público ou privado, em cursos pós - licenciatura de duração superior a 9 meses não conferentes de grau e em cursos pós – licenciatura conferentes de grau, para cada 1000 habitantes.
		Taxa de abandono após a escolaridade obrigatória.	%	Porcentagem dos indivíduos que não prolongam os estudos para além da escolaridade mínima obrigatória.
	População	Nascidos vivos.	n°	Nascidos vivos para cada 1000 habitantes.
		Estrangeiros residentes	n°	Indivíduos de nacionalidade não portuguesa a quem foi concedida uma autorização de residência pelos serviços oficiais competentes.
	Segurança	Acidentes de viação com mortos ou feridos graves.	n°	Todo acidente de viação em que pelo menos uma pessoa tenha ficado gravemente ferida (sofrendo lesões que levem à sua hospitalização) ou morta, para cada 1000 habitantes.
		Taxa de criminalidade	%	Crimes contra pessoas, património, vida em sociedade e outros, para cada 1000 habitantes.

(continuação)

DOMÍNIO	ÁREA	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
SOCIEDADE (continuação)	Participação cívica	Associações de voluntariado.	nº	Associações de voluntariado para cada 1000 habitantes.
		Associações culturais e recreativas.	nº	Associações culturais e recreativas com atividade cultural regular, para cada 1000 habitantes.
		Associações desportivas.	nº	Associações desportivas com atividade cultural regular, para 1000 habitantes.
		Mulheres eleitas para órgãos municipais	%	Mulheres eleitas para a Assembleia e Câmara municipais nas últimas eleições Autárquicas.
		Votantes que exerceram o direito de voto nos últimos quatro atos eleitorais	%	Votantes que exerceram o direito de voto nas últimas eleições Presidenciais, Legislativas, Autárquicas e para o Parlamento Europeu.
	Problemas sociais	Suicídios.	nº	Óbito de todo indivíduo que dá a morte a si mesmo, para cada 1000 habitantes.
		População sem abrigo.	nº	Cidadãos que não possuem meios de subsistência, nem domicílio certo e pernoitam na rua ou recorrem a situações alternativas de carácter provisório (casa, carros ou fábricas abandonadas, estações de caminhos de ferro, quartos em pensões custeados pelos Serviços de Emergência da Segurança Social, albergues etc.). Além disso, consideram-se que estão em processo de ruptura, ou já romperam, com os principais “espaços de referência social: família, trabalho, comunidade”.
		Usuários ativos dos CAT.	nº	Usuários que tiveram pelo menos uma consulta semestral nos centros de atendimento a Tóxico-dependentes.
		Pedidos para habitação social.	nº	Primeiros pedidos para habitação social à Câmara Municipal.
		Saúde	Taxa de mortalidade precoce.	%

2.2.2 Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile

2.2.2.1 Generalidades das cidades de Chillán e Ovalle

Chillán e Ovalle são importantes cidades intermediárias ou médias com vocação às atividades de turismo e mineração, respectivamente; além da agrícola.¹

Chillán situa-se ao Sul da capital chilena, Santiago, na zona sul, província do Ñuble da região do Bio-Bio (VIII região), sua capital é a cidade de Concepción.² A cidade conta com uma população de 199 363 habitantes.³

Entanto que, Ovalle situa-se ao norte da capital chilena, na zona do Norte Chico, província do Limarí da região do Coquimbo (IV região), sua capital é a cidade do Coquimbo.⁴ A cidade conta com uma população de 100 073 habitantes.⁵

2.2.2.2 Descrição do Sistema de Informação

¹ As cidades intermediárias ou médias são conceituadas como as cidades que se destacam por suas relações de importância nas funções urbanas em um determinado contexto; tamanho médio populacional na estrutura do país; nível de especialização econômica – produtiva e perspectiva de desenvolvimento em função desses fatores mencionados (OLAVE FARIAS, D.; GONZÁLEZ V., S.; MARDONES H., M. A.; GONZÁLEZ G., E.; BODINI CC. H. **Metodología básica para medir la calidad de vida en ciudades intermedias de Chile**. Disponível em: <<http://www.terrassa.org/laciutat/xifres/estudis/perfildeciutat/informes/seminariargentina/1reflexionsteoriques/17metodcdv.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2003.).

² CHILE Y SUS REGIONES. Disponível em: <http://www.vi-e.cl/internas/aprende/lo_mejor/regiones/bio-bio.htm>. Acesso em: 16 mar. 2005.

³ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS DE CHILE (INE). *Censo 2002*. Disponível em: <<http://www.ine.cl/12-pobla/Ambossepocnov.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2005.

⁴ CHILE Y SUS REGIONES, obra citada.

⁵ INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS DE CHILE (INE), obra citada.

2.2.2.2.1 Gestores

O “Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias” (SIQVCI) foi o resultado do projeto: Metodología básica para medir la Calidad de Vida em Ciudades Intermedias de Chile, patrocinado pela Universidade do Bio - Bio (Chillán), coordenado pelo Departamento de Historia, Geografía y Ciencias Sociales da Facultad de Educación y Humanidades, com financiamento da Comisión Nacional de Investigación Científica y Tecnológica (CONICYT) do governo chileno, através do programa público “Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico” (FONDECYT). Projeto N° 192 – 0544 do 1992.⁶

2.2.2.2.2 Objetivos

O Projeto teve como objetivos gerais:

- Gerar uma metodologia multidisciplinar para analisar e determinar a Qualidade de Vida do meio ambiente em cidades intermediárias de Chile;
- Aplicar um enfoque integral e sistêmico baseado em variáveis objetivas e de percepção;
- Avaliar comparativamente a aplicabilidade dessa metodologia em diferentes meios urbanos: Chillán e Ovalle.

E como objetivos específicos:

- Identificar os componentes básicos, variáveis e indicadores que incidem na Qualidade de Vida;

⁶ PROGRAMA FONDO NACIONAL DE DESARROLLO CIENTÍFICO Y TECNOLÓGICO (FONDECYT). Disponível em: <<http://www.fondecyt.cl/index.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2005.

- Analisar as inter-relações dos componentes do sistema ambiental urbano;
- Delimitar setores em função dos graus de Qualidade de Vida;
- Identificar unidades espaciais de acordo aos graus de Qualidade de Vida.

2.2.2.2.3 Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano

O conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano é apresentado como a interação de seis domínios: natural, social, econômico, comunicações, recreação, equipamento comunitário e percepção; apoiado por uma sondagem de percepção da “satisfação” da população (ver figura 11).

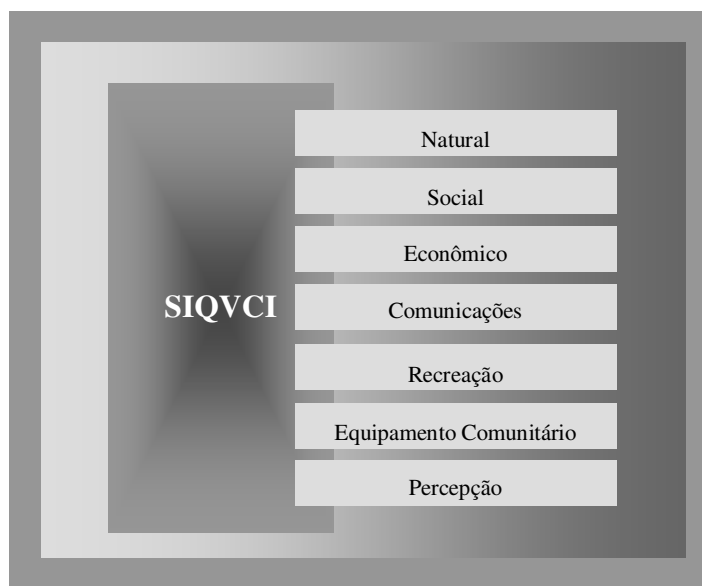


Figura 11: Dimensões do Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile.

[Elaboração própria a partir de Olave; Cruz – Carrera, Gonzáles, (Coord.) (1995, p. 13-23.).]

2.2.2.2.4 Metodologia de construção

A metodologia de construção baseou-se na revisão da literatura sobre o tema.⁷ O SIQVCI foi desenvolvido por uma equipe de pesquisa de caráter multidisciplinar. A equipe constituiu-se de três geógrafos, uma ecóloga, uma nutricionista e uma estatística.

2.2.2.2.5 Estrutura do sistema

O sistema está estruturado em “dimensões”, “variáveis” e “indicadores”. As “dimensões” estão operacionalizadas em vinte “variáveis” e sessenta “indicadores” (ver quadro 7 e 8, respectivamente).

As dimensões referem sete aspectos, como:

- “Natural”, que se refere às condições naturais da cidade;
- “Social”, relativo às características objetivas dos grupos humanos na cidade;
- “Econômico”, relativo ao uso do solo urbano e seu valor monetário;
- “Comunicações”, acesso e oferta de serviços de comunicação à população;
- “Recreação”, oferta de espaços para lazer e cultura;
- “Equipamento Comunitário”, oferta de serviços de uso coletivo como saúde, educação dentre outros;
- “Percepção”, avalia o nível de satisfação da população respeito às suas condições de vida.

⁷ OLAVE FARIAS, D.; GONZÁLES GONZÁLES, E. (Coord.). Ciudades intermedias y calidad de vida: conceptos básicos. Universidad del Bio – Bio. Facultad de Educación y Humanidades. Departamento de Ciencias Sociales. Chillan. Chile. *Série – Investigación y Docencia*, año 6. n° 14. 2. ed. 2001. 47p.

Quadro 9: Variáveis por Dimensão do Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile.
 [Elaborado a partir de Olave; Cruz-Carrera, González (Coord.) (1995, p. 13-23).].

DIMENSÕES	VARIÁVEIS
Natural	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Topografia ▪ Clima ▪ Água ▪ Riscos ▪ Contaminação
Social	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Moradia ▪ Saúde e Alimentação ▪ Educação ▪ Ocupação e Renda ▪ Infra-estrutura
Econômica	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Uso do Solo ▪ Preço do Solo
Comunicações	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Telefonia ▪ Jornais
Recreação	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaços Abertos ▪ Espaços Cobertos ▪ Espaços Culturais
Equipamento comunitário	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviços Públicos ▪ Educação ▪ Infra-estrutura de Saúde
Percepção	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível de satisfação com as condições de vida

Quadro 10: Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile (OLAVE; CRUZ-CARRERA; GONZÁLEZ, 1995, p. 13-23).

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
NATURAL	Topografia	Altitude		
		Declividade		
	Clima	Oscilação térmica		
		Umidade		
		Pluviometria		
		Ventos		
	Água	Corpos de água superficial		
	Riscos	Alagamento		
		Inundação		
		Sismo		
		Deslizamentos de terra		
	Contaminação	Corpos de água		
		Resíduos sólidos		

(continuação)

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
SOCIAL	Moradia	Uso de materiais de construção		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paredes ▪ Piso ▪ Teto
		Tipo de moradia		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Moradia individual ▪ Moradia bi - familiar ▪ Departamento ▪ Duas águas ▪ Uma água
		Posse		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Própria ▪ Alugada ▪ Cedida
		Tamanho		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Número de cômodos ▪ Número de dormitórios ▪ Número de pessoas por dormitório
		Infra-estrutura e conforto		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Cozinha ▪ Cozinha comedor ▪ Cozinha – quintal ou depósito ▪ Rede de água ▪ Esgoto <ul style="list-style-type: none"> Instalação de Rede Fossa séptica Fossa negra Espaço habilitado temporário
		Combustível usado para cozinha		
		Disposição do lixo		

(continuação)

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
SOCIAL (continuação)	Saúde e Alimentação	Nutrição		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consumo de Calorias ▪ Consumo de Proteínas
		Morbidez em adultos e crianças		
		Acessibilidade a serviços de saúde		
		Riscos de Saúde		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Consumo de óleo daninho ▪ Consumo do sal excessivo ▪ Consumo de bebidas alcoólicas ▪ Percentagem de Fumantes ▪ Sedentarismo
		Percentagem gasto em alimentação		
	Educação	Nível de escolaridade da mãe		
		Acessibilidade educativa		
		Cobertura educacional		
	Ocupação e Renda	Ocupação		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ocupação do chefe de família Profissional Empregado Operário Trabalhador independente Empregada doméstica Trabalhadora ocasional Dona de casa Cessante

(continuação)

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES	
SOCIAL (continuação)	Ocupação e Renda (continuação)	Renda		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Renda familiar Pessoas que aportam renda no lar Mãe Mãe e Pai Outros 	
		Previdência		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Chefe de família com Previdência 	
	Infra - estrutura	Energia elétrica na moradia		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Rede pública ▪ Fossa séptica ▪ Fossa negra ▪ Espaço habitado temporário 	
		Consumo de água doméstica			
		Eliminação de águas servidas			
		Coleta de lixo			
		Rede de ruas pavimentada			
	ECONÔMICA	Uso do solo	Residencial		
			Serviços		
			Industrial		
Cultural					
Áreas verdes e esparecimento					
Recreação					
Preço do solo	Preço do solo por Unidade Estrutural Urbana (UEU)				

(continuação)

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES
COMUNICAÇÕES	Telefonia	Telefones em % por Unidade Estrutural Urbana (UEU)		
		Postos de venda		
	Jornais	Percentagem de vendas nos postos		
		Percentagem de vendas		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Diária ▪ Semanal ▪ Mensal
RECREAÇÃO	Espaços abertos	Áreas verdes		
		Espaços desportivos		
	Espaços cobertos	Cinemas		
		Recintos desportivos		
	Espaços culturais	Biblioteca		
		Salões de Pintura		
		Salões de Música		
		Museus		

(continuação)

DIMENSÃO	VARIÁVEL	INDICADOR	UNIDADE	OBSERVAÇÕES	
EQUIPAMENTO COMUNITÁRIO	Serviços públicos	Número de estabelecimentos de Serviço Público		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Prefeitura ▪ Correio ▪ Tribunal 	
		Serviço de polícia		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Guarda Militar ▪ Polícia de Investigações 	
		Serviço de Bombeiros		<ul style="list-style-type: none"> ▪ 	
	Educação	Estabelecimentos educativos			<ul style="list-style-type: none"> ▪ Jardins de infância ▪ Ensino básico ▪ Ensino Médio ▪ Ensino Técnico ▪ Ensino Superior
	Infra – estrutura de Saúde	Número de estabelecimentos de Serviço de Saúde		<ul style="list-style-type: none"> ▪ Hospitais ▪ Escritórios médicos 	

3 ANÁLISE CRÍTICA DOS MODELOS

Este capítulo está dedicado à análise crítica dos instrumentos apresentados no capítulo anterior (capítulo II).

O objetivo perseguido nessa análise-crítica é identificar os avanços e limitações da operacionalização do conceito “Qualidade de Vida” quando referido ao meio urbano.

Baseado no coletado na literatura técnico-científica sobre o tema, selecionou-se as variáveis de análise: gestores do modelo, objetivo perseguido, conceituação da “Qualidade de Vida” no meio urbano, dimensões nas que é conceituada a “Qualidade de Vida” no meio urbano, metodologia de construção do instrumento, estrutura, domínios- variáveis, características dos indicadores e desagregação espacial do instrumento.

Esses itens foram estruturados em uma matriz padrão, aplicada para cada um dos instrumentos. Na matriz foram descritas as características do modelo examinado em relação a cada um dos itens objeto de análise-crítica e, os aspectos que o instrumento apresenta contrapostos com o referencial teórico montado no primeiro capítulo.

Dessa maneira, a análise-crítica dos modelos de avaliação da “Qualidade de Vida” no meio urbano é apresentada, a seguir, respeitando a ordem e classificação utilizada no capítulo II.

3.1 Índices

3.1.1 Matriz de Análise-Crítica:

Índice de Qualidade de Vida Urbana (IQVU) da cidade de Belo do Estado de Minas Gerais no Brasil

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Gestores	Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), através da Secretaria de Planejamento, em colaboração de equipe multidisciplinar da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG).	O IQVU é resultado da parceria entre o Setor Público (PBH) e Setor Acadêmico (PUC-MG) em procura de avaliar a “Qualidade de Vida” Urbana na cidade de Belo Horizonte.
Objetivo	Avaliar a “Qualidade de Vida” no meio urbano através do dimensionamento e distribuição espacial dos serviços urbanos e; o acesso da população a esses serviços. Onde, esses serviços podem ser de caráter público ou privado.	<p>A Prefeitura e Universidade, em parceria, têm desenvolvido o IQVU entendendo a “Qualidade de Vida” no meio urbano como a quantificação da oferta e localização espacial dos serviços urbanos e o acesso da população aos mesmos.</p> <p>Nesse objetivo, essas instituições associam a “Qualidade de Vida” no meio urbano com a medição das “condições de vida” nas que a população desenvolve suas atividades. Onde, as “condições de vida” são interpretadas como o conjunto de elementos objetivo-materiais oferecidos à população no meio, e o acesso dela a esses elementos.</p> <p>Assim, no IQVU, a “Qualidade de Vida” no meio urbano é enfocada como medida de acesso social, a que ao monitorar questões objetivo-materiais pode se encaixar dentro da observação das “condições de vida” da população.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano</p>	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é conceituada como a interação das variáveis: abastecimento, assistência social, cultura, educação, esportes, habitação, infra-estrutura urbana, meio ambiente, saúde, segurança urbana e serviços urbanos.</p>	<p>No enfoque, da “Qualidade de Vida” no meio urbano como sinônimo das “condições de vida” da população. Os gestores, do IQVU, conceituam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como o produto da interação de um número determinado de elementos objetivo-materiais-quantificáveis de caráter coletivo.</p> <p>Nessa conceituação, os gestores, do IQVU, relacionam a “Qualidade de Vida” no meio urbano com a “dimensão objetiva” desse conceito. A Qualidade de Vida é um conceito que abrange duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva, as quais não são necessariamente dependentes, mas que em conjunto constituem o referencial da mesma (pelos diferentes assuntos que abordam). Nesse sentido, a medição (quantificação) dos elementos objetivo-materiais (condições de vida), os quais correspondem à “dimensão objetiva”; e avaliação (qualificação) dos componentes subjetivos-imateriais (satisfação da população), os quais correspondem à “dimensão subjetiva”, são indissociáveis na montagem desse referencial, qualquer seja a unidade de análise. No caso, da “Qualidade de Vida” no meio urbano não poderia ser de maneira diferente.</p> <p>Assim, a conceituação da “Qualidade de Vida” no meio urbano como sinônimo de uma só de suas dimensões (objetiva ou subjetiva) significa uma visão limitada desse fenômeno.</p> <p>Em tal sentido, a conceituação da “Qualidade de Vida” no meio urbano, no IQVU, pela abordagem só da “dimensão objetiva” desse conceito não deveria ser entendida como “Qualidade de Vida”, senão, só como “índice de acessibilidade a serviços urbanos”.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano (continuação)		<p>A conceituação da “Qualidade de Vida” como sinônimo das “condições de vida” tem sido um modelo conceitual insuficiente na interpretação da Qualidade de Vida (ver item 1.2 Conceituação da expressão “Qualidade de Vida”).</p>
Dimensões da Qualidade de Vida	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é associada unicamente à “dimensão objetiva”, dimensão que alude às “condições de vida” da população, a qual entende a quantificação do conjunto de elementos objetivos- materiais presentes no contexto físico-espacial da população.</p>	<p>Embora exista discrepância entre as acepções da “Qualidade de Vida”, na conceituação e definição no IQVU; a “Qualidade de Vida” no meio urbano é expressamente associada só à “dimensão objetiva”.</p>
Construção do Modelo	<p>O IQVU foi construído por uma equipe técnica. Essa equipe foi constituída por representantes das secretarias municipais das administrações regionais e técnicos da secretaria do planejamento de Belo Horizonte.</p>	<p>O IQVU reflete uma visão tecnocrata do conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano. Essa característica deve-se à participação somente de funcionários e técnicos (das administrações regionais e Prefeitura, além da equipe multidisciplinar coordenadora) na sua construção.</p> <p>Dessa maneira, o IQVU representa o que os funcionários e técnicos entendem por “Qualidade de Vida” no meio urbano; mas não, o que a população alvo entende pela mesma.</p> <p>Nahas (2002, p. 305.) aponta a falta de parâmetros subjetivos e a participação da população na construção do índice como suas limitações.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Estrutura	O IQVU é operacionalizado em onze domínios, as quais são tratadas como variáveis, trinta variáveis, tratadas como componentes e setenta e cinco indicadores.	<p>As onze variáveis consideradas no IQVU abordam assuntos relacionados com o oferecimento de bens e serviços urbanos de caráter coletivo.</p> <p>Essas variáveis (domínios) são desagregadas em um número diferente de componentes (variáveis) em função de seu requerimento, os quais, da mesma maneira, são medidos em indicadores.</p> <p>Esses indicadores são as unidades mínimas a partir dos quais é montado o referencial dos componentes e, esses componentes constituem o suporte das variáveis.</p> <p>Assim, o conjunto de variáveis compõe o referencial do que no IQVU é referido como “Qualidade de Vida” no meio urbano.</p>
Variáveis (domínios) e Componentes (variáveis)	Variável Abastecimento: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos de abastecimento ▪ Cesta básica Variável Assistência Social: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos 	Variável Infra – estrutura urbana: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Limpeza Urbana ▪ Saneamento ▪ Energia elétrica ▪ Telefonia ▪ Transporte coletivo

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Variáveis e Componentes (domínios) (variáveis) (continuação)	<p>Variável Cultura:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Meios de comunicação ▪ Patrimônio cultural ▪ Equipamentos culturais ▪ Programações artístico – culturais <p>Variável Educação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pré – escolar ▪ Primeira a quarta séries ▪ Quinta a oitava séries ▪ Segundo grau <p>Variável Esporte:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos esportivos ▪ Promoções esportivas <p>Variável Habitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade de habitação 	<p>Variável Meio Ambiente:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Conforto acústico ▪ Qualidade do ar ▪ Área verde <p>Variável Saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Atenção à saúde ▪ Vigilância à saúde <p>Variável Serviço Urbano:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviços pessoais ▪ Serviços de comunicação <p>Variável Segurança Urbana:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Atendimento policial ▪ Segurança pessoal ▪ Segurança patrimonial ▪ Segurança no trânsito ▪ Segurança habitacional
Indicadores	<p>O IQVU tem a maioria dos indicadores de caráter quantitativo - cinquenta e sete -, contra os dezoito que são qualitativos.</p>	<p>Embora, os indicadores que operacionalizam o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano, no IQVU, estejam classificados como indicadores de caráter quantitativo e qualitativo; por meio de todos eles é obtida uma leitura quantitativa das “condições de vida” nas que se desenvolvem as atividades da população. Esse fato confere-se no item 2.1.1.2.5 Estrutura do Índice (quadro 2).</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Indicadores (continuação)</p>		<p>No IQVU, os indicadores que são considerados de caráter qualitativo, por variável, são:</p> <p>Variável Cultural:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Grupos Culturais (<i>Componente: Patrimônio cultural</i>) ▪ Freqüência cinema, bibliotecas e museus (<i>Componente: Equipamentos culturais</i>) ▪ Freqüência às atividades (<i>Componente: Programações artístico – culturais</i>) <p>Variável Educação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Tamanho por turma (<i>Componente: Pré - escolar</i>) ▪ Tamanho por turma (<i>Componente: Primeira a quarta séries</i>) ▪ Índice de aproveitamento (<i>Componente: Primeira a quarta séries</i>) ▪ Tamanho por turma (<i>Componente: Quinta à oitava séries</i>) ▪ Índice de aproveitamento (<i>Componente: Quinta à oitava séries</i>) ▪ Tamanho por turma (<i>Componente: segundo grau</i>) ▪ Índice de aproveitamento (<i>Componente: segundo grau</i>) <p>Variável Esportes:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Abrangência por atendimento (<i>Componente: Promoções esportivas</i>) <p>Variável Habitação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Padrão de Acabamento (<i>Componente: Qualidade da habitação</i>) ▪ Espaço interno (<i>Componente: Qualidade da habitação</i>)

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Indicadores (continuação)</p>		<p>Variável Infra-estrutura urbana:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Freqüência de fornecimento de água (<i>Componente: Saneamento</i>) ▪ Qualidade de ligações (<i>Componente: Telefonía</i>) ▪ Conforto (<i>Componente: Transporte coletivo</i>) ▪ Nº de veículos (<i>Componente: Transporte coletivo</i>) <p>Variável Serviços urbanos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Funcionamento de Telefones Públicos (<i>Componente: Serviços de comunicação</i>) <p>Variável Infra-estrutura urbana:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Rapidez no atendimento (<i>Componente: Atendimento policial</i>)
<p>Desagregação Espacial</p>	<p>O IQVU é calculado a partir da avaliação de oitenta e um unidades espaciais, denominadas Unidades de Planejamento (UP); as quais foram tomadas da regionalização utilizada para o Plano Diretor do Município de Belo Horizonte de 1995. ¹</p>	<p>No IQVU, seus gestores procuram representar, em um “número simples”, as condições urbanas da cidade de Belo Horizonte. Eles têm dividido a cidade (unidade de análise) em unidades menores (Unidades e Planejamento – UP), em função da homogeneidade de suas condições, para detectar a situação particular de cada uma delas. Dessa maneira, eles colocam que as condições urbanas não são as mesmas em toda a cidade.</p>

¹ As Unidades de Planejamento foram determinadas em função dos critérios de limite das Regiões Administrativas, grandes barreiras físicas naturais ou construídas, continuidade de ocupação e articulação viária interna (OLIVEIRA et al., 1995, citados por NAHAS, 2002, p. 97).

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Desagregação Espacial (continuação)		<p>Nesse sentido, o IQVU global é a síntese do IQVU de cada UP. Onde, o IQVU de cada UP é calculado a partir dos índices de Oferta Local de serviços de cada variável; os quais, com a incorporação da medida de acessibilidade, dos moradores de uma UP em relação aos serviços existentes em outras UP, determinam o IQVU de cada UP. Assim, os IQVU das UP em conjunto indicam o IQVU global.</p> <p>Assim, com a desagregação espacial do IQVU global da cidade de Belo Horizonte, os gestores desse índice conseguem acompanhar e detectar as mudanças de cada uma das variáveis em cada UP. Fato que, permite-lhes priorizar a formulação e implantação das estratégias e políticas necessárias nas áreas e espaços urbanos que as demandam.</p>

3.1.2 Matriz de Análise-Crítica:

Índice de Qualidade de Vida (IQV) da Província de Ontário no Canadá

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Gestores	Conselho de Desenvolvimento Social de Ontário (CDSO) em colaboração da Rede de Conselhos do Planejamento Social de Ontário (RCPSO), Centro para a Promoção da Saúde da Universidade de Toronto (CPS/ UT), Coalizão das Comunidades Saudáveis de Ontário (CCSO) e o Centro para a Sustentabilidade aplicada da Universidade York (CSA/ UY). ²	O IQV é o resultado da parceria entre Setor Público (CDSO, RCPSO, CCSO) e Setor Acadêmico (CPS/ UT e CSA/ UY) em procura de avaliar a Qualidade de Vida Urbana nas cidades que compõem a Província de Ontário e na Província como um todo.
Objetivo	Melhorar a Qualidade de Vida nas comunidades da Província de Ontário e na Província como um todo; através da promoção e sustentação de condições ótimas para o desenvolvimento humano e social (SHOOKNER, 1998, p. 4).	CDSO, RCPSO, CPS/UT, CCSO e CSA/UY, em parceria, têm desenvolvido o IQV entendendo a “Qualidade de Vida” no meio urbano como o conjunto de aspectos que afetam as “condições de vida” da população. Nesse objetivo, essas instituições associam a “Qualidade de Vida” no meio urbano com o monitoramento dos aspectos (de caráter social, econômico, ambiental e de saúde) que afetam as “condições de vida e trabalho” da população. Onde, esses aspectos estão relacionados com o oferecimento de serviços coletivos, os quais significam uma quantificação dos beneficiários dos mesmos (fato que pode ser observado no Quadro 4: Índice da Qualidade de Vida da Província de Ontário no Canadá).

² Ver item 2.1.2.2.1. Gestores.

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Objetivo (continuação)</p>		<p>Dessa maneira, a quantificação dos aspectos que afetam as “condições de vida e trabalho” da população, implicitamente, referem às questões objetivas-materiais do contexto no qual a população desenvolve suas atividades. Nesse sentido, o monitoramento deles não deixa de refletir só a “dimensão objetiva” do conceito Qualidade de Vida.</p> <p>Assim, no IQV, A “Qualidade de Vida” no meio urbano é enfocada como sinônimo das “condições de vida” da população.</p>
<p>Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano</p>	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é conceituada como o conjunto de aspectos de caráter objetivo-material-quantificáveis que afetam as “condições de vida” da população.</p>	<p>Os gestores, do IQV, conceituam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como o produto da interação de um número determinado de elementos objetivo-materiais-quantificáveis de caráter coletivo.</p> <p>Nessa conceituação, relacionam a “Qualidade de Vida” no meio urbano com a “dimensão objetiva” desse conceito. A QV é um conceito que abrange duas dimensões, uma objetiva e outra subjetiva, as quais não são necessariamente dependentes, mas que em conjunto constituem o referencial da QV (pelos diferentes assuntos que abordam). Nesse sentido, a medição (quantificação) dos elementos objetivo-materiais (condições de vida), que correspondem à “dimensão objetiva”; e a avaliação (qualificação) dos componentes subjetivos-imateriais (satisfação da população), que correspondem à “dimensão subjetiva”, são indissociáveis na montagem desse referencial, qualquer seja a unidade de análise.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano (continuação)</p>		<p>Assim, a conceituação da “Qualidade de Vida” no meio urbano como sinônimo de só uma de suas dimensões (objetiva ou subjetiva) significa uma visão limitada desse fenômeno.</p> <p>Em tal enfoque, a conceituação da “Qualidade de Vida” no meio urbano, no IQV, pela abordagem só da “dimensão objetiva” desse conceito não deveria ser entendida como “Qualidade de Vida”, senão, só como “índice das condições de vida da população”.</p> <p>A conceituação da “Qualidade de Vida” como sinônimo das “condições de vida” tem sido um modelo conceitual insuficiente na interpretação da “Qualidade de Vida” (ver item 1.2 Conceituação da expressão “Qualidade de Vida”).</p>
<p>Dimensões da Qualidade de Vida</p>	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é associada unicamente à “dimensão objetiva”, dimensão que alude às “condições de vida” da população, a qual entende a quantificação do conjunto de aspectos que afetam os elementos objetivos-materiais presentes no contexto físico-espacial da população.</p>	<p>No IQV, os gestores expressamente apontam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como a consequência das “condições de vida” da população.</p> <p>Nesse sentido, os gestores enfocam a “Qualidade de Vida” no meio urbano só na “dimensão objetiva” do conceito. Esse enfoque mostra uma abordagem limitada do fenômeno “Qualidade de Vida”, por quanto, o referencial da QV só pode ser montado a partir da combinação das duas dimensões do conceito: objetiva e subjetiva.</p> <p>Assim, no IQV, o enfoque da “Qualidade de Vida” no meio urbano apresenta uma visão parcial do fenômeno, por só abordar as “condições de vida” da população e não a percepção que a população mesmo tem dessas condições.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Construção do Modelo	O IQV foi construído por um conjunto de instituições públicas e acadêmicas (CDSO, RCPSO, CPS/UT, CCSO e CSA/UY) ³ tendo como base modelos desenvolvidos por eles mesmos.	<p>O IQV reflete uma visão tecnocrata do conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano. Essa característica deve-se à participação somente de funcionários e técnicos (das instituições participantes) na sua construção.</p> <p>Dessa maneira, o IQV representa o que os funcionários e técnicos entendem por “Qualidade de Vida” no meio urbano; mas não, o que a população alvo entende pela mesma.</p>
Estrutura	O IQV é operacionalizado em quatro domínios e doze indicadores.	<p>No IQV são considerados quatro domínios, os quais abordam assuntos relacionados com o oferecimento de serviços urbanos de caráter coletivo.</p> <p>Esses quatro domínios são desagregados em doze indicadores, os quais são distribuídos em número de três para cada domínio. Os indicadores constituem as unidades mínimas para montar o referencial de cada domínio e; os quatro domínios em conjunto constituem o suporte do IQV.</p> <p>Assim, o IQV é estruturado em quatro domínios e doze indicadores a partir do que é montado o referencial do que nesse caso é referido como “Qualidade de Vida” no meio urbano.</p>

³ Ver item 2.1.2.2.1 Gestores.

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Domínios e Indicadores	<p>Domínio Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Beneficiários de Assistência Social ▪ Menores com Assistência Social ▪ Pessoas em espera por Moradia Social <p>Domínio Econômico:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pessoas empregadas ▪ Pessoas desempregadas ▪ Falências registradas 	<p>Domínio Saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Mortes por suicídio ▪ Pessoas de idade avançada em espera por cuidados de saúde ▪ Nascidos com baixo peso <p>Domínio Ambiente:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade do Ar ▪ Derramamentos ▪ Toneladas de resíduos sólidos <p>Os indicadores, através dos quais é operacionalizado o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano, no IQV, são classificados como indicadores quantitativos, por quanto, por meio deles é obtida só a situação das “condições de vida” da população.</p>
Desagregação Espacial	<p>O IQV da província de Ontário é calculado a partir da avaliação do IQV para cada uma das comunidades que compõem a província.</p>	<p>O IQV tem sido desenvolvido para monitorar as mudanças das condições sociais, econômicas, ambientais e de saúde da província de Ontário, como um todo e em suas comunidades constituintes.</p> <p>Dessa maneira, o IQV é calculado para cada comunidade e para a província como um todo. O propósito perseguido com essa forma de cálculo é poder fazer comparações entre as comunidades que constituem a província.</p> <p>Assim, o IQV da província de Ontário, além de refletir o que nele é considerado como “Qualidade de Vida” no meio urbano na província como um todo, também pode ser desagregado nas diferentes comunidades que a constituem.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Desagregação Espacial (continuação)		<p>Nessa desagregação do IQV provincial em IQV comunitários, os gestores procuram estabelecer um <i>ranking</i> comparativo entre as comunidades que constituem a província. No respeito desses <i>rankings</i>, Myers (1987, p. 111.), já tinha assinalado, que a “Qualidade de Vida” é uma experiência local sujeita aos julgamentos da população respeito a suas “vivências” ao longo do tempo (ver item 1.6 O caráter singular); e não uma padronização que possa ser extrapolada ou generalizada para toda população.</p> <p>Os aspectos observados por Myers a esses <i>rankings</i> comparativos, foram:</p> <ul style="list-style-type: none">▪ Falta da informação subjetiva;▪ Tendenciosa escolha e hierarquização dos indicadores;▪ Pobre disponibilidade de informação comparativa;• Falta de atenção aos aspectos locais.

3.2 Sistemas de Indicadores

3.2.1 Matriz de Análise-Crítica:

Sistema de Monitoramento da Qualidade de Vida Urbana (SMQVU) da cidade do Porto no Portugal

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Gestores	Câmara Municipal da cidade do Porto (CMP), através do Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP), em colaboração do Centro de Estudos Macroeconômicos e Previsão (CEMPRE) da Faculdade de Economia da Universidade do Porto (UP).	O SMQVU é resultado da parceria entre o Setor Público (CMP) e Setor Acadêmico (UP) em busca para avaliar a Qualidade de Vida Urbana na cidade do Porto.
Objetivo	Avaliar a “Qualidade de Vida” no meio urbano através do monitoramento das dinâmicas que influenciam, direta ou indiretamente, as “condições de vida” da população urbana; a fim de proporcionar um instrumento de apoio para a formulação de estratégias e políticas que a preservem e propiciem sua melhoria.	<p>A Câmara Municipal da cidade do Porto e a Universidade do Porto, em conjunto, têm desenvolvido o SMQVU entendendo a “Qualidade de Vida” no meio urbano como um conjunto de dinâmicas, de caráter objetivo e subjetivo, que influenciam o bem-estar da população.</p> <p>Nesse objetivo, essas instituições associam a “Qualidade de Vida” no meio urbano com o monitoramento dos assuntos objetivo-materiais-quantificáveis e subjetivo-ímateriais-qualificáveis. Onde, os primeiros referem às condições físicas nas quais a população desenvolve suas atividades e, os seguintes à satisfação percebida pela população em relação ao meio no qual se desenvolve.</p> <p>Assim, no SMQVU, a “Qualidade de Vida” no meio urbano é enfocada como a combinação das “condições de vida” e “satisfação” da população.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano</p>	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é conceituada como a combinação de elementos objetivo-materiais e componentes subjetivo-imateriais.</p>	<p>No enfoque, da “Qualidade de Vida” no meio urbano como a combinação das “condições de vida” e “satisfação”. Os gestores, do SMQVU, conceituam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como o produto dos elementos objetivo-materiais-quantificáveis e componentes subjetivos-imateriais-qualificáveis.</p> <p>Nessa conceituação, os gestores, do SMQVU, relacionam a “Qualidade de vida” no meio urbano com a “dimensão objetiva”, tanto como, com a “dimensão subjetiva” desse conceito. Dessa maneira, os gestores deixam em claro a necessidade do monitoramento dos elementos e componentes que em conjunto estabelecem o referencial da “Qualidade de Vida” no meio urbano.</p> <p>Assim, a “Qualidade de Vida” no meio urbano, no SMQVU, é conceituada em suas duas dimensões, objetiva e subjetiva.</p> <p>A conceituação da “Qualidade de Vida” como a combinação das “condições de vida” e “satisfação” da população tem sido um modelo conceitual insuficiente na interpretação da “Qualidade de Vida” (ver item 1.2 Conceituação da expressão “Qualidade de Vida”).</p>
<p>Dimensões da Qualidade de Vida</p>	<p>Apresenta uma dimensão “objetiva” e outra “subjetiva”. A “dimensão objetiva” é operacionalizada em domínios, áreas temáticas e indicadores de caráter quantitativo. Entanto que, a “dimensão subjetiva” é operacionalizada em questões sobre a Qualidade de Vida em forma global, na cidade do Porto, no âmbito pessoal e no local de residência.</p>	<p>No SMQVU, os gestores apontam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como o produto combinado das “condições de vida” e a “satisfação” da população.</p> <p>Nesse sentido, apesar de que, os gestores enfocam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como a combinação das dimensões “objetiva” e “subjetiva”, elas não referem os mesmos assuntos; pelo que, não é possível observar qual é o “nível de satisfação” da população em relação aos temas monitorados quantitativamente.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Dimensões da Qualidade de Vida (continuação)		<p>Assim, no SMQVU, o enfoque da “Qualidade de Vida” no meio urbano apresenta uma visão integral do fenômeno, mas ao mesmo tempo, apresenta limitação na congruência entre os assuntos monitorados quantitativamente e qualitativamente.</p>
Construção do Modelo	<p>O SMQVU foi construído por um conjunto de técnicos, do Gabinete de Estudos e Planejamento (GEP) - Câmara Municipal da cidade do Porto (CMP) e do Centro de Estudos Macroeconômicos e Previsão (CEMPRE) - Faculdade de Economia - Universidade do Porto (UP) através da revisão e análise de experiências em outros países⁴.</p>	<p>O SMQVU reflete uma visão tecnocrata do conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano. Essa característica deve-se à participação somente de funcionários e técnicos (das instituições participantes) na sua construção.</p> <p>Dessa maneira, o SMQVU representa o que os técnicos entendem por “Qualidade de Vida” no meio urbano; mas não, o que a população alvo entende pela mesma.</p>
Estrutura	<p>O SMQVU é operacionalizado em quatro domínios, vinte e cinco áreas temáticas e setenta e dois indicadores. Esses domínios, áreas temáticas e indicadores são apoiados por uma sondagem de opinião da população (pesquisa da percepção da população).</p>	<p>No SMQVU são considerados quatro domínios e uma sondagem de opinião da população. Os domínios abordam assuntos relacionados com o oferecimento de serviços urbanos de caráter coletivo, entanto que, a sondagem de opinião aborda a percepção de “satisfação” da população.</p> <p>Esses quatro domínios são desagregados em vinte e cinco áreas temáticas, as quais por sua vez são desagregadas em setenta e dois indicadores. Esses indicadores constituem as unidades mínimas para montar o referencial de cada área temática, e elas em conjunto o referencial de cada domínio. Dessa maneira, os domínios em conjunto montam o referencial da “dimensão objetiva” do conceito.</p>

⁴ A construção do sistema teve como motivação principal o projeto *URBAN AUDIT – Assessing the Quality of life of Europe's Cities* promovido pela União Européia em 1998. O objetivo do projeto foi avaliar as “condições de vida” e o “bem-estar” das cidades européias e; disponibilizar uma base de informação para realizar comparações entre essas cidades (SANTOS; MARTINS, 2002, p. 11.) (MARTINS; SANTOS, 2003, p. 11.).

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Estrutura (continuação)</p>		<p>A sondagem de opinião é desagregada em quatro itens (Qualidade de vida: global, na cidade do Porto, pessoal, na área de residência), os quais são dissociadas em questões específicas para cada item. Dessa maneira, a partir desses quatro itens é montado o referencial da “dimensão subjetiva” do conceito.</p> <p>Assim, O SMQVU é estruturado em duas dimensões, objetiva e subjetiva. Onde, a “dimensão objetiva” é refletida por uma bateria de indicadores quantitativos e, a “dimensão subjetiva” é refletida por uma bateria de questões que procuram captar a percepção de “satisfação” da população.</p>
<p>Domínios e Áreas temáticas (variáveis)</p>	<p>Domínio Condições Ambientais:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaços verdes ▪ Clima ▪ Ruído ▪ Qualidade do ar ▪ Qualidade da água ▪ balneária ▪ Recursos naturais ▪ Infra-estruturas ▪ básicas 	<p>Domínio Condições Materiais - Coletivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos culturais ▪ Equipamentos desportivos ▪ Patrimônio ▪ Equipamentos educativos ▪ Equipamentos sociais e de saúde ▪ Mobilidade ▪ Dotação em comércio e serviços

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Domínios e Áreas temáticas (variáveis)</p> <p>(continuação)</p>	<p>Domínio Condições Econômicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Renda e consumo ▪ Mercado de trabalho ▪ Mercado de habitação ▪ Dinamismo econômico <p>Domínio Sociedade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Dinâmica cultural ▪ Educação ▪ População ▪ Segurança ▪ Participação cívica ▪ Problemas sociais ▪ Saúde <p>Sondagem de Opinião (nível de satisfação da população) com:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Qualidade de Vida Global ▪ Qualidade de Vida na cidade do Porto ▪ Qualidade de Vida Pessoal ▪ Qualidade de Vida no local de Residência. 	
<p>Indicadores</p>	<p>O SMQVU está composto de uma bateria de indicadores e questões. Os indicadores, de caráter quantitativo, abordam setenta e dois assuntos relacionados, na sua maioria, aos serviços urbanos coletivos (dimensão objetiva); entanto que, as questões se referem à “satisfação” da população (dimensão subjetiva) em relação aos serviços urbanos em quatro níveis: em forma global, na cidade do Porto, na vida pessoal, no local de residência (dimensão subjetiva).</p>	<p>O conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano, no SMQVU, esteja operacionalizado através de indicadores e questões de caráter quantitativo e qualitativo, respectivamente; o que já representa um grande avanço em termos de conceituação do fenômeno “Qualidade de Vida”, em suas duas dimensões.</p> <p>No entanto, no SMQVU, o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano não é entendido como o produto de essas duas dimensões, porquanto, os indicadores e questões não abordam os mesmos assuntos. Fato pelo qual resulta difícil relacionar o “nível de satisfação” da população com sua “condição de vida”. Essa característica já foi observada no item Dimensões da Qualidade de Vida.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Desagregação Espacial	O SMQVU monitora a “Qualidade de Vida” da cidade do Porto através da divisão da cidade em quatro zonas: histórica, tradicional, Ocidental e Oriental. Essa divisão foi realizada em função de características de homogeneidade entre os bairros.	<p>No SMQVU, seus gestores monitoram a “Qualidade de Vida” no meio urbano através da divisão da cidade em zonas, entendendo que cada uma das zonas apresenta uma realidade diferente. Essa divisão da cidade é realizada em função da homogeneidade entre os bairros que a constituem.</p> <p>Dessa forma, os problemas específicos de cada zona são detectados respeitando a particularidade das mesmas.</p> <p>Assim, a “Qualidade de Vida” no meio urbano, na cidade do Porto, é o resultado da avaliação de cada uma das zonas detectadas em relação a sua homogeneidade em conjunto. Fato que permite desagregar a cidade em pequenas áreas geográficas para incidir sobre os problemas particulares.</p> <p>Nesse sentido, Wish, desde 1986 (TÜRKSEVER; ATALIK, 2001, p. 167.), assinalava que a “Qualidade de Vida” é diferente em cada unidade geográfica de análise e que essas unidades geográficas de análise devem ser definidas em função de sua homogeneidade.</p>

3.2.2 Matriz de Análise-Crítica:

Sistema de Indicadores da Qualidade de Vida em Cidades Intermediárias (SIQVCI) das cidades de Chillán e Ovalle no Chile

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Gestores	Governo chileno (GC), através de Programa Público ⁵ , com a participação de pesquisadores das Universidades do Bio – Bio (UB-B) e a Serena (US).	O SIQVCI é o resultado da parceria entre o Setor Público (GC) e Setor Acadêmico (UB-B e US) na procura de avaliar a “Qualidade de Vida” Urbana nas cidades de Chillán e Ovalle.
Objetivo	Avaliar a “Qualidade de Vida” no meio urbano, em cidades intermediárias do Chile (Chillán e Ovalle), através da aplicação de uma metodologia de caráter comparativa (OLAVE, CRUZ-CARRERA, GONZÁLEZ, 1995, p. 10).	<p>O Governo do Chile e Universidades, em parceria, têm desenvolvido o SMQVCI entendendo a “Qualidade de Vida” no meio urbano como um fenômeno que pode ser comparado entre os diferentes contextos urbanos.</p> <p>Nesse objetivo, a comparação entre os diferentes contextos urbanos, em termos de “Qualidade de Vida”, deixa apontar uma limitação na conceituação desse fenômeno, porquanto, a “Qualidade de Vida” é um fenômeno particular, o qual difere de grupo para grupo segundo os valores particulares.</p> <p>Assim, no SMQVCI, a “Qualidade de Vida” no meio urbano é limitada em sua conceituação.</p>
Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano	A “Qualidade de Vida” no meio urbano é conceituada como a interação de sete dimensões (domínios): natural, social, econômica, comunicações, recreação, equipamento comunitário e percepção.	No SMQVCI, a “Qualidade de Vida” no meio urbano é conceituada, implicitamente, como a combinação das “condições de vida” da população e a percepção de “satisfação” da mesma.

⁵ Ver item 2.2.2.2.1 Gestores

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
<p>Conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano (continuação)</p>		<p>Nessa conceituação, os gestores, do SMQVCI, relacionam a “Qualidade de vida” no meio urbano com a “dimensão objetiva”, tanto como, com a “dimensão subjetiva” desse conceito. Dessa maneira, os gestores deixam clara a necessidade do monitoramento dos elementos e componentes que em conjunto estabelecem o referencial da “Qualidade de Vida” no meio urbano.</p> <p>A conceituação da “Qualidade de Vida” como a combinação das “condições de vida” e “satisfação” da população tem sido um modelo conceitual insuficiente na interpretação da “Qualidade de Vida” (ver item 1.2. Conceituação da expressão “Qualidade de Vida”).</p>
<p>Dimensões da Qualidade de Vida</p>	<p>A “Qualidade de Vida” no meio urbano é apresentada em duas dimensões. Uma dimensão “objetiva”, a qual refere às questões materiais comuns para o grupo humano; e outra “subjetiva” que alude à percepção do indivíduo sobre o “nível de satisfação” em relação a suas “condições de vida” (OLAVE; GONZÁLEZ, 2001, p. 24).</p>	<p>No SMQVCI, os gestores apontam a “Qualidade de Vida” no meio urbano como a conseqüência das “condições de vida” da população e sua “satisfação” com essas condições. Em tal sentido, o fenômeno da “Qualidade de Vida” é abordado em suas duas dimensões, objetiva e subjetiva.</p> <p>Dos sete domínios, que são tratados como dimensões, seis deles, associam-se à “dimensão objetiva” do conceito (condições de vida). Esses domínios são: natural, social, econômico, comunicações, recreação, equipamento comunitário. Entretanto que, um desses domínios é relacionado à “dimensão subjetiva” (satisfação da população). Esse domínio o da percepção.</p> <p>Assim, apesar do conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano, no SMQVCI, esteja conceituado em suas duas dimensões, objetivo e subjetivo; o domínio da percepção não guarda relação com o “nível de satisfação” da população em cada um dos domínios que referem as “condições de vida” (condições de vida). Fato que é uma limitação.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Construção do Modelo	O SMQVCI foi construído por uma equipe de pesquisadores (UB-B e US) a partir da revisão da literatura especializada. Essa equipe de caráter multidisciplinar foi constituída por três geógrafos, uma ecóloga, uma nutricionista e uma estatística (OLAVE; CRUZ-CARRERA; GONZÁLEZ, 1995, p. 13.).	<p>O SMQVCI reflete uma visão academicista do conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano. Essa característica deve-se à participação somente de pesquisadores (das instituições participantes) na sua construção.</p> <p>Dessa maneira, o SMQVCI representa o que os pesquisadores entendem por “Qualidade de Vida” no meio urbano; mas não, o que a população alvo entende pela mesma.</p>
Estrutura	O SMQVCI é operacionalizado em seis domínios, os quais são tratados como dimensões, vinte variáveis e sessenta indicadores, apoiados por uma sondagem de percepção da “satisfação” da população.	<p>No SMQVCI são considerados seis domínios, os que abordam assuntos relacionados com o oferecimento de serviços urbanos de caráter coletivo e, apoiados por uma sondagem de percepção da “satisfação” da população com esses serviços.</p> <p>Desses sete domínios, seis são desagregados em vinte variáveis. As variáveis, a sua vez, são desagregadas em sessenta indicadores, os quais são distribuídos em número para cada variável. Os indicadores constituem as unidades mínimas para montar o referencial de cada domínio e; os seis domínios em conjunto constituem o referencial das “condições de vida” da população ou “dimensão objetiva”.</p> <p>De outro lado, o domínio da percepção é operacionalizado através de um questionário de perguntas de respostas fechadas e abertas.</p>

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Estrutura	O SMQVCI é operacionalizado em sete domínios, os quais são tratados como dimensões, vinte variáveis e sessenta indicadores.	<p>As questões formuladas abordam assuntos relacionados com localização do setor (área geográfica), referência da pessoa entrevistada, nível de educação, número de membros da família, nível de satisfação com o setor (área geográfica) de localização, preferência de localização espacial, satisfação com o nível de vida (condições de vida) [OLAVE; CRUZ-CARRERA; GONZÁLEZ, 1995, p. 43-45].</p> <p>Assim, o SMQVCI é estruturado em sete domínios, vinte variáveis e sessenta indicadores.</p>
Domínios e Variáveis	<p>Dimensão (domínio) Natural:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Topografia ▪ Clima ▪ Água ▪ Riscos ▪ Contaminação <p>Dimensão (domínio) Social:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Moradia ▪ Saúde e Alimentação ▪ Educação ▪ Ocupação e Renda ▪ Infra – estrutura 	<p>Dimensão (domínio) Comunicações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Telefonia ▪ Jornais <p>Dimensão (domínio) Recreação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaços Abertos ▪ Espaços Cobertos ▪ Espaços Culturais <p>Dimensão (domínio) Econômica:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Uso do Solo ▪ Preço do Solo

(continuação)

ITEM	CARACTERÍSTICA	ANÁLISE - CRÍTICA
Domínios e Variáveis (continuação)	Dimensão (domínio) Equipamento Comunitário: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Serviços Públicos ▪ Educação ▪ Infra - estrutura de Saúde 	Dimensão (domínio) Percepção: <ul style="list-style-type: none"> ▪ Nível de satisfação com as condições de vida
Indicadores	<p>O SQVCI é operacionalizado através de uma bateria de sessenta indicadores de caráter objetivo-material-quantitativo. e, um questionário de perguntas de resposta de caráter subjetivo-imaterial-qualitativo.</p>	<p>Embora, o conceito “Qualidade de Vida” no meio urbano, no SMQVCI, esteja operacionalizado em indicadores de caráter objetivo e questões de resposta de caráter subjetivo; o referencial montado por cada um deles não relaciona os mesmos assuntos, pelo qual, resulta difícil apontar o “nível de satisfação” da população com suas “condições de vida”.</p>
Desagregação Espacial	<p>Com o SMQVCI se procura monitorar a “Qualidade de Vida” urbana nas cidades de Chillán e Ovalle, esse monitoramento é realizado através da divisão de cada cidade em 32 e 34 zonas, respectivamente.</p> <p>Essas zonas são denominadas como Unidades Estruturais Urbanas (UEU) e foram delimitadas em função da homogeneidade dos bairros, levando em conta suas características naturais, culturais e sociais (OLAVE; CRUZ-CARRERA; GONZÁLEZ, 1995, p. 24-30).</p>	<p>No SMQVCI, seus gestores procuram monitorar a “Qualidade de Vida” no meio urbano nas cidades de Chillán e Ovalle a partir de unidades homogêneas (Unidades estruturais urbanas). Nesse sentido, no SMQVCI, seus gestores salientam a particularidade do fenômeno “Qualidade de Vida”.</p>

3.3 Síntese

Os instrumentos têm sido formulados, em geral, envolvendo uma parceria entre o setor público - Governos, Prefeituras, Conselhos de Desenvolvimento e Planejamento Social -, e o setor acadêmico - universidades através dos seus centros de pesquisa - (ver Quadro 11: item gestores).

Essa parceria, setor público e setor acadêmico, tem tido como objetivo avaliar o bem-estar da população, procurando informações da sociedade que sirvam de apoio ou suporte no processo de tomada de decisões na formulação de estratégias e políticas para preservar ou melhorar esse bem-estar. As avaliações desenvolvidas têm sido abordadas, implicitamente, desde duas perspectivas: uma perspectiva objetiva-material-quantitativa e; uma subjetiva-imaterial-qualitativa (ver Quadro 11: item objetivo).

Essas perspectivas, objetiva-material-quantitativa e subjetiva-imaterial-qualitativa, têm-se relacionado com a condição de vida e satisfação da população com essa condição. Condição de vida e satisfação que independentemente ou em forma combinada têm conceituado a Qualidade de Vida no meio urbano nas experiências examinadas (ver Quadro 11: item conceituação). O enfoque da Qualidade de Vida como sinônimo da condição de vida da população tem representado um entendimento parcial desse tema - tal como sustentaram Borthwick-Duffy (1992, citado por FELCE; PERRY, 1995), Felce e Perry (1995); Gómez-Vela e Sabeh (2000) argumentando que a Qualidade de Vida é um tema que não só relaciona-se a assuntos objetivos materiais (ver item 1.3 modelos conceituais - primeiro modelo) - e, o enfoque combinado da condição de vida e satisfação da população com essa condição tem representado uma conceituação mais elaborada mas não suficiente - tal como sustentaram Borthwick-Duffy (1992, citado por FELCE; PERRY, 1995), Felce e Perry (1995); Gómez-Vela e Sabeh (2000) apontando que além do tema se relacionar com assuntos objetivos-materiais e subjetivos-

imateriais também envolve o quadro de valores da população em observação (ver item 1.3 modelos conceituais - terceiro modelo). No caso dos instrumentos do SMQVU e SIQVCI, apesar de considerar a combinação dos assuntos objetivos-materiais e subjetivos-imateriais, nesses apresenta-se uma dissociação entre os fatores que se observa em cada uma das perspectivas, o que se aponta como uma limitação para identificar-se os problemas urbanos que enfrenta a população, a partir da percepção da própria população.

A conceituação da Qualidade de Vida no meio urbano tem-se associado com assuntos objetivos-materiais e subjetivos-imateriais. Assuntos objetivos e subjetivos que em forma independente ou combinada têm determinado as dimensões da Qualidade de Vida no meio urbano (ver Quadro 11: item dimensões). Dimensões que em forma combinada constituem o referencial do tema - tal como sustentaram Doyal e Gough; Dasgupta; Nausbaum e Sem, (1991, 1993, 1993, citados por SCOTT; AL-ROUMI, 1999, p. 74.), Felce e Perry (1995) (ver item 1.2.2 dimensões) -, as que não necessariamente são interdependentes. Nos SMQVU e SIQVCI, apesar de considerar ambas as dimensões, essas não referem os mesmos fatores.

Os instrumentos têm sido construídos sob uma visão tecnocrata e academicista (ver Quadro 11: item construção). A visão tecnocrata - visão pragmática de funcionários públicos e técnicos relacionados com a atividade de planejamento urbano, encerra o que os funcionários públicos e técnicos entendem como Qualidade de Vida no meio urbano e; a visão academicista - visão utópica de pesquisadores envolvidos no tema. Visões que independentemente incorrem em subestimações pelo excesso no prático e ideal, mas que em conjunto permitem aproximações racionais e ponderadas. Nos casos do IQVU, IQV e SMQVU, uma visão tecnocrata tem sido desenvolvida e; no caso do SIQVCI, uma academicista.

Quadro 11: Síntese dos modelos analisados.

ITEM	ÍNDICES		SISTEMAS	
	IQVU	IQV	SMQVU	SIQVCI
GESTORES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Setor Público ▪ Setor Acadêmico 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Setor Público ▪ Setor Acadêmico 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Setor Público ▪ Setor Acadêmico 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Setor Público ▪ Setor Acadêmico
OBJETIVO	Quantificar a oferta e localização espacial dos serviços urbanos e acesso a esses serviços.	Avaliar o desenvolvimento humano e social	Monitorar as dinâmicas que afetam a condição de vida da população para assistir a formulação de estratégias e políticas	Avaliar a condição de vida e satisfação da população com essa condição fazendo uma comparação entre cidades.
CONCEITUAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condição de vida 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condição de vida 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condição de vida ▪ Satisfação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condição de vida ▪ Satisfação
DIMENSÕES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetiva ▪ Subjetiva 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Objetiva ▪ Subjetiva
CONSTRUÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipe técnica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipe técnica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipe técnica 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipe acadêmica
ESTRUTURA	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Domínios ▪ Variáveis ▪ Indicadores 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Domínios ▪ Indicadores 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Domínios ▪ Variáveis ▪ Indicadores 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Domínios ▪ variáveis ▪ Indicadores
DOMÍNIOS - VARIÁVEIS *	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 11 domínios ▪ 30 variáveis 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 4 domínios 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 4 domínios ▪ 25 variáveis 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 6 domínios ▪ 20 variáveis
INDICADORES	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 75 indicadores (quantitativos) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 12 indicadores (quantitativos) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 72 indicadores (quantitativos) ▪ Pesquisa de satisfação (qualitativos) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 60 indicadores (quantitativos) ▪ Pesquisa de satisfação (qualitativos)
DESAGREGAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 81 áreas geográficas (homogeneidade) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Província de Ontário ▪ Comunidades 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 4 áreas geográficas (homogeneidade) 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 32 e 34 áreas geográficas (homogeneidade)

* Ver Quadro 12: Comparação dos domínios e variáveis nos modelos analisados.

Quadro 12: Comparação dos domínios e variáveis nos modelos analisados.

ITEM	ÍNDICES		SISTEMAS	
	IQVU	IQV	SMQVU	SIQVCI
DOMÍNIOS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Abastecimento ▪ Assistência social ▪ Cultura ▪ Educação ▪ Esporte ▪ Habitação ▪ Infra-estrutura urbana ▪ Meio Ambiente ▪ Saúde ▪ Serviços urbanos ▪ Segurança urbana 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Social ▪ Econômico ▪ Saúde ▪ Ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Condições Ambientais ▪ Condições Materiais-Coletivas ▪ Condições Econômicas ▪ Sociedade 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Natural ▪ Social ▪ Econômica ▪ Comunicações ▪ Recreação ▪ Equipamento comunitário
VARIÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Equipamentos de abastecimento ▪ Cesta básica ▪ Equipamentos ▪ Meios de comunicação ▪ Patrimônio cultural ▪ Equipamentos culturais ▪ Programações artístico-culturais ▪ Pré-escolar ▪ Primeira a quarta séries ▪ Quinta a oitava séries ▪ Segundo grau ▪ Equipamentos esportivos ▪ Promoções esportivas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Beneficiários de Assistência Social ▪ Menores com Assistência Social ▪ Pessoas em espera por Moradia Social ▪ Pessoas empregadas ▪ Pessoas desempregadas ▪ Insolvências registradas ▪ Mortes por suicídio ▪ Pessoas de idade avançada a espera por cuidados de saúde ▪ Nascidos com baixo peso ▪ Qualidade do Ar 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Espaços verdes ▪ Clima ▪ Ruído ▪ Qualidade do ar ▪ Qualidade da água balneária ▪ Recursos naturais ▪ Infra-estruturas básicas ▪ Equipamentos culturais ▪ Equipamentos desportivos ▪ Patrimônio ▪ Equipamentos educativos ▪ Equipamentos sociais e de saúde 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Topografia ▪ Clima ▪ Água ▪ Riscos ▪ Contaminação ▪ Moradia ▪ Saúde e Alimentação ▪ Educação ▪ Ocupação e Renda ▪ Infra-estrutura ▪ Uso do Solo ▪ Preço do Solo ▪ Telefonia ▪ Jornais ▪ Espaços Abertos

(continuação)

ITEM	ÍNDICES		SISTEMAS	
	IQVU	IQV	SMQVU	SIQVCI
VARIÁVEIS (continuação)	▪ Equipamentos esportivos	▪ Derramamentos	▪ Mobilidade	▪ Espaços Cobertos
	▪ Promoções esportivas	▪ Toneladas de resíduos sólidos	▪ Dotação em comércios e serviços	▪ Espaços Culturais
	▪ Qualidade de habitação		▪ Renda e consumo	▪ Serviços Públicos
	▪ Conforto acústico		▪ Mercado de trabalho	▪ Educação
	▪ Qualidade do ar		▪ Mercado de habitação	▪ Infra-estrutura de Saúde
	▪ Área verde		▪ Dinamismo econômico	
	▪ Atenção à saúde		▪ Dinâmica cultural	
	▪ Vigilância à saúde		▪ Educação	
	▪ Serviços pessoais		▪ População	
	▪ Serviços de comunicação		▪ Segurança	
	▪ Atendimento policial		▪ Participação cívica	
	▪ Segurança pessoal		▪ Problemas sociais	
	▪ Segurança patrimonial		▪ Saúde	
	▪ Segurança no trânsito			
	▪ Segurança habitacional			

Esses instrumentos têm sido estruturados em três níveis: domínios, variáveis e indicadores (ver Quadro 11: item estrutura). Os domínios representam os grandes grupos dos assuntos objetivo-materiais-quantitativos a partir dos que é montado o referencial do que se entende por Qualidade de Vida; as variáveis referem aos fatores que são observados em cada grupo de assuntos objetivo-materiais-quantitativos e; os indicadores constituem as unidades mínimas de medição desses fatores, através dos quais se acompanham as mudanças ao longo do tempo. No caso o IQV, o instrumento é operacionalizado em domínios e indicadores.

Entre os domínios, variáveis e indicadores nos que se tem operacionalizado os instrumentos é difícil encontrar o mesmo número deles, assim como os mesmos (ver Quadro 11: itens domínios-variáveis; indicadores). O número de domínios difere entre os instrumentos: 11 (IQVU), 4 (IQV), 4 (SMQVU) e 6 (SIQVCI), mas é possível identificar alguns comuns: domínio econômico (IQV, SMQVU, SIQVCI), domínio ambiente (IQVU, IQV, SMQVU), domínio social (IQV, SIQVCI) e domínio saúde (IQVU, IQV); entre as variáveis: clima (SMQVU, SIQVCI), qualidade do ar (IQVU, SMQVU), equipamentos culturais (IQVU, SMQVU), equipamentos esportivos (IQVU, SMQVU), dentre outros. Apesar de se encontrarem domínios e variáveis comuns, esses são medidos de maneira diferente e com unidades de medição diferentes - o que já tinha sido apontado por alguns autores como Ülengin B.; Ülengin, F.; Güvenç (2001, p. 362) na revisão de outros instrumentos -, o que também acontece com os indicadores utilizados¹.

Entre as unidades de medição e avaliação encontram-se além dos indicadores - os que têm a ver com assuntos objetivos-materiais - as pesquisas do nível de satisfação da população, pesquisas relacionadas com os assuntos subjetivos-ímateriais (ver Quadro 11: item indicadores). Os indicadores e pesquisas de satisfação refletem a situação dos assuntos objetivo-materiais-quantitativos e subjetivo-ímaterias-qualitativos - a necessidade dessas medições e avaliações em conjunto é um fato que já foi assinalado por autores como Diener e Suh (1997); Cobb (2000); Shin, Rutkowski, Park (2003) [ver item 1.5 necessidade da medição objetiva e

¹ Ver Quadros 2, 4, 8, 10: item indicadores.

avaliação subjetiva]. No caso do SMQVU e SIQVCI, apesar de considerar a medição e avaliação dos assuntos objetivos e subjetivos, os que se relacionam com a dimensão objetiva - condição de vida - e subjetiva - satisfação da população-, não tratam os mesmos assuntos limitando a montagem do referencial da Qualidade de Vida. O que poderia ser superado com a possibilidade de que os indicadores tiverem a capacidade de refletir tanto a situação dos assuntos objetivos como subjetivos a partir do acompanhamento dos mesmos assuntos em suas duas dimensões.

Finalmente, respeito da desagregação espacial, o que tem a ver com a definição do nível ou unidade de análise (indivíduo ou grupo de indivíduos), os instrumentos operacionalizam-se em um número diferente de áreas geográficas (ver Quadro 11: item desagregação). Essa desagregação espacial tem sido realizada a partir da homogeneidade de características econômicas, sociais, culturais etc. de cada grupo populacional. No caso do IQV, a desagregação espacial corresponde a cada uma das diferentes comunidades que aderirem ao uso do instrumento e à Província de Ontário em forma integral. O que não permite distinguir as demandas dos diferentes grupos que podem constituir cada comunidade.

4 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

O estudo da “Qualidade de Vida”, cada vez mais, é uma preocupação crescente entre os encarregados pelo planejamento do meio urbano. A potencialidade que oferece seu estudo, como suporte à formulação de estratégias e políticas destinadas à preservação e/ou melhoramento do bem-estar social, têm sido sua principal característica.

Nesse sentido, governos, prefeituras, universidades e organizações sociais, envolvidas na tarefa de disposição e ordenamento do espaço urbano e intra-urbano, estão desenvolvendo instrumentos que operacionalizam o estudo da “Qualidade de Vida”, com múltiplos objetivos, procurando suporte para o planejamento do meio urbano. Como já visto, há diferentes abordagens para esse estudo, que têm produzido diferentes instrumentos com esse foco (instrumentos que têm sido denominados como: índices ou sistemas de indicadores).

Instrumentos que, apesar de se constituir em um avanço considerável no assunto, ainda apresentam algumas limitações. Limitações relacionadas com a conceituação, dimensões e participação da população alvo na construção desses instrumentos; as que têm sido identificadas a partir da contraposição das experiências analisadas e o referencial teórico construído no primeiro capítulo.

As conceituações refletem um entendimento parcial do tema Qualidade de Vida. Conceituações que têm sido associadas com a “condição de vida” da população ou “condição de vida combinada com a satisfação da população”. No primeiro caso a limitação tem a ver com a

consideração só da condição de vida da população e, no segundo caso que, apesar de considerar a condição de vida e satisfação da população de maneira combinada, não atendem os mesmos fatores. Sendo que o referencial da Qualidade de Vida é montado a partir desses dois aspectos em forma combinada, mas tratando os mesmos fatores; de tal maneira de medir os elementos objetivos-materiais-quantificáveis e, ao mesmo tempo, avaliar a percepção de bem-estar da população (componentes subjetivos-ímateriais-qualificáveis) respeito a esses elementos objetivos.

As dimensões, geralmente, são confundidas com os domínios nos que se pode decompor o estudo da “Qualidade de Vida”. As dimensões são os grandes grupos nos que os domínios se organizam e as que são constituídas por uma perspectiva objetiva-material e outra subjetiva-ímateriais, perspectivas relacionadas com a condição de vida da população e a satisfação da mesma, respectivamente.

A falta da participação da população alvo de estudo na construção dos instrumentos é outra limitante. A participação da população constitui-se em uma característica importante, na construção dos instrumentos, porquanto, é a partir dela que se deve identificar os fatores que ela entende como reflexo de sua Qualidade de Vida. Fatores que ao mesmo tempo refletem os valores particulares dessa população e determinam seu caráter singular.

Assim, a Qualidade de Vida é uma questão particular de cada contexto, resultado da combinação de uma dimensão objetiva - dimensão que tem a ver com a condição de vida da população - e outra dimensão subjetiva - dimensão relacionada à satisfação da população -. Pelo que seu estudo no meio urbano recomenda-se ser abordado a partir de:

- A Qualidade de Vida é o produto da combinação das “condições de vida” e “satisfação” da população avaliada segundo o “quadro de valores” da mesma população.
- Constitui-se de duas dimensões. A “dimensão objetiva” (condições de vida - elementos objetivo-materiais-quantificáveis) e a “dimensão subjetiva” (satisfação da população - componentes subjetivo-ímateriais-qualificáveis).

- Construir os instrumentos, para seu estudo, a partir da identificação e participação do grupo alvo de estudo, além da participação dos pesquisadores, funcionários públicos e técnicos na matéria. A identificação do grupo alvo de estudo deve partir das questões: O que é a Qualidade de Vida para o grupo?, Quais os fatores que a definem no grupo? e, em que contexto?; o que já tinham assinalado, desde 1986, Proshansky e Fabian (citados por SIRGY *et al.*, 2000, p. 282.).

Desse modo, a partir da conceituação, entendimento das dimensões e a identificação e participação do grupo alvo na construção dos instrumentos, é possível montar um referencial da Qualidade de Vida quando voltado para o suporte da formulação de estratégias e políticas destinadas à preservação e/ou melhoramento do bem-estar da população no meio urbano.

Em tal sentido, este trabalho é uma tentativa de fornecer delineamentos para estudo da Qualidade de Vida no meio urbano, delineamentos obtidos da análise comparativa dos instrumentos observados, sob uma perspectiva objetiva e subjetiva montada a partir da participação da própria população urbana. Ao mesmo tempo em que, tem como finalidade encorajar a pesquisadores, funcionários públicos e técnicos relacionados com o Planejamento Urbano à abordagem do estudo da Qualidade de Vida nessa perspectiva.

No entanto, no presente trabalho recomenda-se aprofundar a pesquisa sobre as metodologias de construção e cálculo dos instrumentos aqui analisados (IQVU, IQV, SMQVU, SIQVCI). Assim como pesquisar sobre metodologias de construção de instrumentos que avaliem a Qualidade de Vida no meio urbano sob a perspectiva objetiva e subjetiva com a participação da população.

REFERÊNCIAS

A CIDADE de Belo Horizonte.

Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br/belotur/portugues/cidade/h-cid.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2005.

ABOUT ONTÁRIO. **Economy.**

Disponível em: <<http://www.gov.on.ca/MBS/english/about/economy/overview.html>>.

Acesso em: 18 mar. 2005.

ATKISSON, A.; BESLEME, K.; MULLIN, M.; RIXFORD, C.; GENDEREN, H.; NORRIS, T.; PALMER, K.; CONLIN, R.; HATCHER, L.; AALFS, A. **The community indicators handbook: measuring progress toward healthy and sustainable communities.** *Redefining Progress.* 1997.

BECKIE, T. M.; HAYDUK, L. A. Measuring quality of life. *Social Indicators Research*, v. 42, n. 1, p. 21-39, 1997.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 abr. 2003.

BOWLING, A.; WINDSOR, J. **Towards the good life: a population survey of dimensions of quality of life.** *Journal of Happiness Studies*, v. 2, n. 1, p. 55-81, 2001.

Disponível em: <http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>. Acesso em: 26 maio 2003.

BRAMSTON, P.; PRETTY, G.; CHIPUER H. **Unravelling subjective quality of life: an investigation of individual and community determinants.** *Social Indicators Research*, v. 59, n. 3, p. 261-274. 2002. Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2003.

CANADÁ.

Disponível em: <<http://www.citypopulation.de/Canada-Ontario.html#Land>> Acesso em: 18 mar. 2005.

CARLEY, M. **Indicadores Sociais: teoria e prática.** Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES S. A., 1985.

CHILE Y SUS REGIONES.

Disponível em: <http://www.vi-e.cl/internas/aprende/lo_mejor/regiones/bio-bio.htm>.

Acesso em: 16 mar. 2005.

CIDADE DO PORTO.

Disponível em: <<http://homepage.oninet.pt/873mzj/default.htm>> Acesso em: 25 fev. 2005.

COBB, C. W. Measurement tools and the quality of life. *Redefining Progress*. 2000. 32p.

Disponível em: <http://www.redefiningprogress.org/publications/pdf/measure_qol.pdf>
Acesso em: 01 nov. 2004.

COBB, C. W.; RIXFORD, C. Lessons learned from the history of social indicators. *Redefining Progress*. 1998. 36p.

Disponível em: <<http://www.redefiningprogress.org/publications/pdf/SocIndHist.pdf>>.
Acesso em: 15 out. 2003.

DIENER, E.; SUH, E. **Measuring quality of life:** economic, social, and subjective indicators. *Social Indicators Research*, v. 40, n. 1, p. 189-216, 1997.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

DISSART, J. C.; DELLER, S. C. **Quality of life in the planning literature.** CPL Bibliography 360. *Journal of Planning Literature*, v. 15, n. 1, p. 135-161, 2000.

Disponível em: <<http://jpl.sagepub.com/cgi/reprint/15/1/135>>. Acesso em: 7 maio 2004.

EUROSTAT.

Disponível em:

<http://epp.eurostat.cec.eu.int/portal/page?_pageid=1090,30070682,1090_30298591&_dad=portal&_schema=PORTAL>. Acesso em: 14 abr. 2005.

FAISHAL, M. I.; WEI S. C. Quality of life of residents living near industrial estates in Singapore. *Social Indicators Research*, v. 61, n. 2, p. 203-225, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

FELCE, D.; PERRY, J. **Quality of life:** its definition and measurement. *Research in Development Disabilities*, v. 16, n. 1, p. 51-74, 1995.

Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

GÓMEZ-VELA, M.; SABEH, E. N. **Calidad de vida:** evolución del concepto y su influencia en la investigación y la práctica. *Integra*, v. 3, n. 9, p. 1-4. 2000.

Disponível em: <<http://www3.usal.es/~inico/investigacion/invesinico/calidad.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

HAGERTY, M. R.; CUMMINS, R. A.; FERRISS, A. L.; LAND, K.; MICHALOS, A. C.; PETERSON, M.; SHARPE, A.; SIRGY, J.; VOGEL, J. **Quality of life indexes for national policy: review and agenda research.** *Social Indicators Research*, v. 55, n. 1, p. 1-96, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

HOLMES, T. P. Forest and the quality of life.

Disponível em: <http://www.srs.fs.usda.gov/sustain/report/pdf/chapter_12e.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Cidades@. Censo 2000*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 18 mar. 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS DE CHILE (INE). *Censo 2002*.

Disponível em: <<http://www.ine.cl/12-pobla/Ambossepocnov.htm>>. Acesso em: 17 mar. 2005.

JANUZZI, P. M. **Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fontes de dados e aplicações.** Campinas, SP: Editora Alínea, 141p, 2001.

MARTINS, I. A.; SANTOS, L. D. (Coord.). **Sistema de monitorização da qualidade de vida urbana:** Porto. 2003.

Disponível em: <<http://www.cm-porto.pt/document/449218/470032.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2004.

MICHALOS, A. C. Social indicators research and health-related quality of life research. *Social Indicators Research*, v. 65, n. 1, p. 27-72, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

MYERS, D. Building knowledge about quality of life for urban planning. *Journal of the American Planning Association*, v. 54, p. 347-358, 1988.

Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/build.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

MYERS, D. Community relevant measurement of quality of life: a focus on local trends. *Urban Affairs Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 108-125, 1987.

Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/community.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

NAHAS, M. I. P. **Bases teóricas, metodologia de elaboração e aplicabilidade de indicadores intra-urbanos na gestão municipal da qualidade de vida urbana em grandes cidades: o caso de Belo Horizonte.** 2002. 373 f. tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2002.

NAHAS, M. I. P. **Indicadores intra-urbanos como instrumentos de gestão da qualidade de vida urbana em grandes cidades:** discussão teórico-metodológica. (artigo)

Disponível em:

<<http://www.google.com.br/search?q=IQVU&hl=pt-BR&lr=&start=20&sa=N>>. Acesso em: 03 jan. 2004.

NEWTON, P. Urban indicators and the management of cities.

Disponível em: <http://www.adb.org/Documents/Books/Cities_Data_Book/02chapter2.pdf>.

Acesso em: 15 maio 2003.

OLAVE FARIAS, D.; CRUZ – CARRERA, H. B.; GONZÁLEZ GONZÁLEZ, E. (Coord). **Metodología básica para medir la calidad de vida en ciudades intermedias.** Universidad del Bio – Bio. Facultad de Educación y Humanidades. Departamento de Historia, Geografía y Ciencias Sociales.. Chillán, Chile. *Série Investigación y Docencia*, año 1. n° 2. 1995. Proyecto FONDECYT – 92-0544.

OLAVE FARIAS, D.; GONZÁLEZ V., S.; MARDONES H., M. A.; GONZÁLEZ G., E.; BODINI CC. H. **Metodología básica para medir la calidad de vida en ciudades intermedias de Chile.**

Disponível em:

<<http://www.terrasa.org/laciuat/xifres/estudis/perfildelaciuat/informes/seminariargentina/1reflexionsteoriques/17metodcdv.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2003.

OLAVE FARIAS, D.; GONZÁLES GONZÁLES, E. (Coord.). **Ciudades intermedias y calidad de vida: conceptos básicos.** Universidad del Bio – Bio. Facultad de Educación y Humanidades. Departamento de Ciencias Sociales. Chillan. Chile. *Série – Investigación y Docencia*, año 6. n° 14. 2. ed. 2001. 47p.

PALOMAR, L. J. The development of an instrument to measure quality of life in Mexico City. *Social Indicators Research*, v. 50, n. 2, p. 187-208, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 14 ago. 2003.

PROGRAMA FONDO NACIONAL DE DESARROLLO CIENTÍFICO Y TECNOLÓGICO (FONDECYT). Disponível em: <<http://www.fondecyt.cl/index.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2005.

ROYUELA, V.; SURINACH, J.; REYES, M. Measuring quality of life in small areas over different periods of time. *Social Indicators Research*, v. 64, n. 1, p. 51-74, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 10 ago. 2004.

SANTOS, L. D.; MARTINS, I. A. **Qualidade de vida urbana:** o caso da cidade do porto.

Disponível em: <<http://www.fep.up.pt/investigacao/workingpapers/wp116.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

SCOTT, F. R.; AL-ROUMI A. **Political democracy and the physical quality of life:** the cross-national evidence. *Social Indicators Research*, v. 47, n. 1, p. 73-97, 1999.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 20 maio 2003.

SHALOCK, R. L. The concept of quality of life: what we know and do not know. *Journal of Intellectual Disability Research*, v. 48, n. 3, p.203-216, 2004.

Disponível em:

<<http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1111/j.1365-2788.2003.00558.x/enhancedabs/>>.

Acesso em: 26 maio 2004.

SHIN, D. C.; RUTKOWSKI, C. P.; PARK, C. **The quality of life in Korea:** comparative and dynamic perspectives. *Social Indicators Research*, v. 62-63, n. 1-3, p. 3-16, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2004.

SHOOKNER, M. A quality of life index for Ontário. In: Conference on the State of Living Standards and the Quality of Life in Canada. 1998. Canadá: Ontario Social Development Council. 1998. Disponível em: <<http://www.csls.ca/events/oct98/shook.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2003.

SIRGY, M. J.; RAHTZ, D. R.; CICIC, M.; UNDERWOOD, R. **A method for assessing residents' satisfaction with community-based services:** a quality of life perspective. *Social Indicators Research*, v. 49, n. 3, p. 279-316, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 18 jul. 2003.

TÜRKSEVER, E. N.; ATALIK G. Possibilities and limitations for the measurement of the quality of life in urban areas. *Social Indicators Research*, v. 53, n. 2, p. 163-187, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

ÜLENGİN B.; ÜLENGİN, F.; GÜVENÇ, Ü. **A multidimensional approach to urban quality of life:** the case of Istanbul. *European Journal of Operational Research*, v. 130, n. 2, p. 361-374, 2001.

Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 20 nov. 2003.

VAN KAMP, I.; LEIDELMEIJER, K.; MARSMAN, G.; HOLLANDER, A. **Urban environmental quality and humanwell-being:** towards a conceptual framework and demarcation of concepts; a literature study. *Landscape and Urban Planning*, v. 65, n. 1-2, p. 5-18, 2003.

Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/landurbplan>> Acesso em: 15 jan. 2004.

VEENHOVEN, R. Why social policy needs subjective indicators. *Social Indicators Research*, v. 58, n. 1, p. 33-46, 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

VERDUGO, A. M. A.; VICENT, R. C. **Evaluación de la calidad de vida en empleo con apoyo**. Proyecto ALSOI. Publicações do INICO, Salamanca - 2004.

Disponível em: <<http://sid.usal.es/idocs/F8/FDO7020/Investigacionalsoi.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

VIRTUAL PORTUGAL.

Disponível em: http://www.portugalvirtual.pt/_tourism/costaverde/porto/wecandip.html. Acesso em: 25 fev. 2005.

FONTES RECOMENDADAS

ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR QUALITY OF LIFE RESEARCH, 8., 2001. Amsterdam, the Netherlands. **Abstracts.** *Quality of Life Research*, v. 10, n. 3, p. 193-306, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR QUALITY OF LIFE RESEARCH, 6., 1999, Barcelona, Spain. **Abstracts.** *Quality of Life Research*, v. 8, n. 7, p. 555-675, 1999.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR QUALITY OF LIFE RESEARCH, 5., 1998, Baltimore, Maryland, USA. **Abstracts.** *Quality of Life Research*. v. 7, n. 7, p. 561-682, 1998.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR QUALITY OF LIFE RESEARCH. 4., 1997, Vienna, Austria. **Abstracts.** *Quality of Life Research*, v. 6, n. 7, p. 613-747, 1997.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ALGUACIL, J. G. **La calidad de vida y el tercer sector:** nuevas dimensiones de la complejidad.

Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/boletin/n3/a1jalg.html>>. Acesso em: 25 jul. 2003.

ALON, L. D. B.; AMIR, M. Quantitative assessment of response shift in qol research. *Social Indicators Research*, v. 49, n. 1, p.37-49, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2003.

ARCHIBUGI, F. **Measuring urban life quality:** some methodological warnings. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON QUALITY OF LIFE IN CITIES: ISSUES AND PERSPECTIVES. 1998.

Disponível em: <http://www.francoarchibugi.it/pdf/1998_singapore%5Be%5D.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2004.

ARCHIBUGI, F. City effect and urban overload as program indicators of the regional policy. *Social Indicators Research*, v. 54, n. 2, p. 209-230, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2003.

ASSESSING quality of life.

Disponível em:

<http://www.newcentury.org/publications/vitalsigns1999/vitalsigns1999_assessing.pdf>.

Acesso em: 13 fev. 2004.

BAROFSKY, I. **Quality of life research:** a critical introduction. *Quality of Life Research*, v. 13, n. 5, p. 1021-1024, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

BAROFSKY, I. **Individual quality of life:** approaches to conceptualization and assessment.

Quality of Life Research, v. 11, n. 3, p. 293, 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

BECKIE, T. M.; HAYDUK, L. A. Using perceived health to test the construct-related validity of global quality of life. *Social Indicators Research*, v. 65, n. 3, p. 279-298, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

BELLET, C. S.; LLOP, J. M. T. **II. Las líneas de trabajo del programa UIA-CIMES:** ciudades intermedias y urbanización mundial. CEPAL - Série Medio Ambiente y Desarrollo n° 48.

Disponível em:

<http://www.eclac.cl/publicaciones/MedioAmbiente/2/LCL1692P/lcl1692e_2.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2004.

BENAVIDES, I. M. O. La calidad de vida como herramienta del diseño urbano. In: SEMINARIO LATINOAMERICANO DE CALIDAD DE VIDA URBANA. 4.; 1998, Tandil, Argentina.

Disponível em:

<<http://www.terrassa.org/laciuat/xifres/estudis/perfildelaciuat/informes/seminariargentina/1reflexionsteoriques/15semcvurb.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2003.

BLOOM, D. E.; CRAIG, P. H.; MALANEY, P. N. **The quality of life in rural asia.** 2001a.

Disponível em:

<http://www.adb.org/Documents/Books/Rural_Asia/Quality_of_Life/prelims.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2004.

BLOOM, D. E.; CRAIG, P. H.; MALANEY, P. N. **The quality of life in rural asia.** 2001b. Disponível em: <http://www.adb.org/Documents/Books/Rural_Asia/Quality_of_Life/chap_01.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2004.

BLOOM, D. E.; CRAIG, P. H.; MALANEY, P. N. **The quality of life in rural asia.** 2001c. Disponível em: <http://www.adb.org/Documents/Books/Rural_Asia/Quality_of_Life/chap_02.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2004.

BROWN, I. et al. (Ed.). **Quality of life:** its conceptualization, measurement, and application. a consensus document. Prepared by: The special interest research group on the quality of life. The international association for the scientific study of intellectual disabilities. Who – IASSID Work plan draft. 2000. Disponível em: <<http://www.insos.ch/pdf/ArtikelRSchalock.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2003.

CALVERT-HENDERSON QUALITY OF LIFE INDICATORS. **A new tool for assessing national trends:** about us. Disponível em: <<http://www.calvert-henderson.com/about.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CALVERT-HENDERSON QUALITY OF LIFE INDICATORS. **A new tool for assessing national trends:** update. Disponível em: <<http://www.calvert-henderson.com/update.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CALVERT-HENDERSON QUALITY OF LIFE INDICATORS. **A new tool for assessing national trends:** background. Disponível em: <<http://www.calvert-henderson.com/background.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CALVERT-HENDERSON QUALITY OF LIFE INDICATORS. **A new tool for assessing national trends:** research methodology. Disponível em: <<http://www.calvert-henderson.com/meth.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CALVERT-HENDERSON QUALITY OF LIFE INDICATORS. **A new tool for assessing national trends:** editors. Disponível em: <<http://www.calvert-henderson.com/editors.htm>>. Acesso em: 03 fev. 2005.

CHACÓN, R. M. **La dimensión cualitativa en la definición de indicadores de calidad de vida urbana.** Venezuela. Universidad Simón Bolívar. Departamento de Planificación Urbana. Disponível em: <<http://www.insos.ch/pdf/ArtikelRSchalock.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2003.

CHAMBERS, M. **Quality indicators for progress: a guide to community quality of life assessments.** Florida. 1994.

Disponível em:

<<http://www.jcci.org/statistics/documents/JCCI%20indicators%20manual.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2005.

CHRISTOPH, B.; NOLL, H. Subjective well-being in the European Union during the 90ies. *Social Indicators Research*, v. 64, n. 3, p. 521-546, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2004.

COMMUNITY INDICATORS PROJECTS. In: **Local government guide to the internet.**

Disponível em: <http://www.rural.org/lgg/Ch15_CommIndic.html>. Acesso em: 04 ago. 2005.

COMMUNITY INITIATIVES. Introduction from the community indicators handbook.

Disponível em: <<http://www.communityinitiatives.com/indicats.html>> Acesso em: 04 ago. 2005.

CONCEPT of living conditions.

Disponível em:

<http://www.iser.uaa.alaska.edu/projects/Living_Conditions/living_conditions.htm> Acesso em: 28 ago. 2004.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E QUALIDADE DE VIDA. 1., 2003, Curitiba. Documento Síntese. Curitiba.

CORRALIZA, J. A. R. **Vida urbana y experiencia social:** discusión sobre la calidad de los espacios urbanos. Universidad Autónoma de Madrid. Departamento de Psicología Social y Metodología, 2000.

Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/bv/gbd11.html>>. Acesso em: 16 jul. 2003.

CRAMER, V.; TORGERSEN, S.; KRINGLEN, E. **Quality of life in a city:** the effect of population density. *Social Indicators Research*, v. 69, n. 1, p. 103-116, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

CUMMINS, R. A. **Comprehensive quality of life scale – School Version (Grades 7 – 12).** Deakin University, School of Psychology. 5. ed. (ComQoL-S5). Manual, 1997.

Disponível em: <http://acqol.deakin.edu.au/instruments/ComQoL_S5.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2003.

CUMMINS, R. A. **Objective and subjective quality of life:** an interactive model. *Social Indicators Research*, v. 52, n. 3, p. 55-72, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 16 jul. 2003.

DELGADO, M. T. de B.; Propuesta de medición de la calidad de vida urbana como objetivo de planificación y gestión local. Universidad de los Andes. Instituto de Geografía. Mérida, Venezuela.

Disponível em:

<<http://www.terrassa.org/lacitat/xitres/estudis/perfildelaciutat/informes/seminariargentina/1reflectionstereotiques/19prompedcdv.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2003.

DIENER, E.; RAHTZ, D. R. Advances in quality of life theory and research. *Social Indicators Research*, v. 13, n. 1, p. 869-870, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 09 dez. 2004.

DUNNING, H. et al. **Placing gender.** making policy. Proceedings Toronto. 2002.

Disponível em:

<http://www.yorku.ca/geograph/igu_ugi/proceedings/PDFs/A_WILLIANS.PDF>. Acesso em: 15 dez. 2003.

FADDA, G.; JIRÓN, P. **Quality of life and gender:** a methodology for urban research. *Environment & Urbanization*, v. 1, n. 2, 1999.

Disponível em:

<<http://puck.ingentaselect.com/vl=5112749/cl=28/nw=1/fm=docpdf/rpsv/cw/iiid/09562478/v11n2/s19/p261>>. Acesso em: 20 jan. 2004.

FALERO, A. **Calidad de vida:** ¿eslogan afortunado o categoría de análisis?. Apuntes en torno a su aplicación al caso de las ciudades latinoamericanas.

Disponível em: <http://www.rau.edu.uy/fcs/soc/revista_12/falero12.htm>. Acesso em: 04 ago. 2003.

FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. **Quality of life:** the differential conditions. Autónoma University of Madrid, 1998.

Disponível em:

<<http://www.psychologyinspain.com/content/repri.ts/1998/7.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

FERNÁNDEZ, G.; GUZMÁN, R. A. **La calidad de vida desde la perspectiva latinoamericana:** un análisis de las ponencias presentadas al IV Seminario Latinoamericano de Calidad de Vida Urbana. Biblio 3W. *Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona. n° 242. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-242.htm>>. Acesso em: 03 jan. 2005.

GARCÉS, C. El concepto de calidad de vida. In: Estudio comparativo de la triada Calidad de vida – Genero – Medio ambiente en tres comunidades del Gran Santiago: Vias para metodologia de indicadores útiles en la gestión urbana, 2000. Proyecto FONDECYT 1000414-00.

GYOURKO, J.; KAHN, M.; TRACY, J. Quality of life and environmental comparisons. In: MILLS, E. S.; CHESHIRE, P. (Ed.). *The handbook of applied urban economics*, 1997, 62 p.
Disponível em: <<http://www.ny.frb.org/research/economists/tracy/handbook.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2003.

HAGERTY, M. R. **Testing maslow's hierarchy of needs:** national quality of life across time. *Social Indicators Research*, v. 46, n. 3, p. 249-271, 1999.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

HANCOCK, T. **Quality of life indicators and the DHC.** 2000.
Disponível em: <http://www.seo-dhc.org/reports/29_QOLIndicators.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2003.

HEINONEN, H. et al. Is the evaluation of the global quality of life determined by emotional status?. *Quality of Life Research*, v. 13, n. 8, p. 1347-1356, 2004.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

HELGESON, V. S. Social support and quality of life. *Quality of Life Research*, v. 12, n. 1, p. 25-31, 200.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

HENDERSON, H. **A systems approach:** calvert-henderson quality of life indicators.
Disponível em: <www.hazelhenderson.com>. Acesso em: 03 jan. 2005.

HENDERSON, H.; CALVERT GROUP PRESS BRIEFING. Globalization and quality of life.
Disponível em: <www.calvert-henderson.com>. Acesso em: 03 jan. 2005.

HOLMES, S. **Assessing the quality of life:** reality or impossible dream?. *International Journal of Nursing Studies*, 2004. 16p.
Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 02 set. 2004.

HUNT, S. M. The problem of quality of life. *Quality of Life Research*. v. 6, n. 3, p. 205-212, 1997.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

ISLAM, S. M. N.; CLARKE, M. **The relationship between economic development and social welfare:** a new adjusted GDP measure of welfare. *Social Indicators Research*, v. 57, n. 2, p. 201-229 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

JACKSONVILLE COMMUNITY COUNCIL INC. A brief history of social and community indicators.

Disponível em:

<http://www.cedworks.com/files/pdf/free/Developing_Civic_Indicators02.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2005.

JACKSONVILLE COMMUNITY COUNCIL INC. Guidelines for selecting and maintaining meaningful and useful community indicators.

Disponível em: <http://www.jcci.org/statistics/documents/indicator_guidelines.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2005.

JACKSONVILLE COMMUNITY COUNCIL INC. Understanding indicators.

Disponível em: <<http://www.jcci.org/statistics/understandingindicators.aspx>>. Acesso em: 04 ago. 2005.

JOHANSSON, S. **Conceptualizing and measuring quality of life for national policy:** from the Swedish level of living survey to an epistemology of the democratic process. *Social Indicators Research*, v. 58, n. 1, p. 13-32, 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

JONES, A.; RISEBOROUGH, M. (Ed). **Comparing quality of life research international lessons:** from an innovation and good practice project funded by the Housing Corporation. 2002.

Disponível em:

<<http://www.curs.bham.ac.uk/pdfs/COMPARING%20QUALITY%20OF%20LIFE.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2004.

JOYCE, C. R. B. et al. **A theory-based method for the evaluation of individual quality of life:** the SEIQoL. *Quality of Life Research*, vol. 12, n. 3, p. 275-280, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

KAYANO, J.; CALDAS, E. L. Indicadores para o diálogo. In: BARC, S. C., PAULICS, V. SPINK, P. Novos contornos da gestão local: conceitos em construção. São Paulo: Polis; FGV_EA ESP, 2002. p. 336.

LAND, K. Social indicators. 2002.

Disponível em: <<http://market1.cobvt.edu/isqols/kenlandessay.htm>>. Acesso em: 26 jan. 2004.

LUPER, M. I. **Quality of life differences and urban and regional outcomes:** a review. *Housing Policy Debate*, v. 7, n. 4, 1996.

Disponível em:

<http://www.fanniemaefoundation.org/programs/hpd/pdf/hpd_0704_luger.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2004.

MACHADO, L. M. C. P. Qualidade ambiental: indicadores quantitativos e perceptivos. In: LESJAK, H. e MAIO, N. B. (Coord.). *Indicadores ambientais*. Sorocaba: Editora ou instituição, 1997. p.15-21.

McCOLL, E.; MEADOWS, K.; BAROFSKY, I. Cognitive aspects of survey methodology and quality of life assessment. *Social Indicators Research*, v. 12, n. 3, p. 217-218, 2003.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 09 dez. 2004.

McMAHON, S. K. **The development of quality of life indicators:** a case of study from the city of Bristol, UK. *Ecological Indicators*, v. 2, n. 1-2, p. 177-185, 2002.

Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 02 set. 2004.

MARANS, R. W. **Understanding environmental quality through quality of life studies:** the 2001 DAS and its use of subjective and objective indicators.

Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/landurbplan>>. Acesso em: 03 jan. 2005.

MASSAM, B. H. **Quality of life:** public planning and private living. *Progress in Planning*, v. 58, n. 3, p. 141-227, 2002.

Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 10 out. 2003.

MENDES, J. F. G.; MOTIZUKI, W. S. **Urban quality of life evaluation scenarios:** the case of São Carlos in Brazil. 2001.

Disponível em: <<http://www.lehigh.edu/ctbuh/journal/2001/1/jm.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2003.

Mesa redonda: En Torno a la Calidad de Vida Urbana. *Revista Urbano*, nº 6.

Disponível em: <<http://zeus.dci.ubiobio.cl/~laboplan/revista/revista6/03.pdf>>. Acesso em: 11 dez. 2003.

MOLLER, V.; SARIS, W. E. The relationship between subjective well-being and domain satisfactions in South Africa. *Social Indicators Research*, v. 55, n. 1, p. 97-114, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

NORDENFELT, L. Introduction. *Ethical Theory and Moral Practice*, v. 2, n. 1, p. 3-10, 1999.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

NOTES on "Quality of Life".

Disponível em: <<http://www.gdrc.org/uem/qol-define.html>>. Acesso em: 13 fev. 2004.

PORTA, S. **Formal indicators:** quantifying the contribution of form to urban (social) sustainability.

Disponível em: <<http://www.transport.wa.gov.au/conferences/walking/pdfs/A7.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2003.

QUALITY of Life Issues.

Disponível em: <<http://www.hdbhousing.com/qoljuly2000.htm>>. Acesso em: 25 jul. 2003.

REDEFINING PROGRESS; EARTH DAY NETWORK. **Sustainability stars in your community:** a community indicators guide. 2002. 26 p.

Disponível em: <<http://www.rprogress.org/newpubs/2002/ciguide.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2005.

REVICKI, D. Advances in quality of life theory and research. *Quality of Life Research*, v. 13, n. 4, p. 869-870, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

RIBEIRO, H. e VARGAS, H. C. (Orgs.). **Qualidade ambiental urbana:** ensaio de uma definição. novos instrumentos de gestão ambiental. São Paulo: Edusp, 2001.

ROSENFELD, E. et al. **Índice de calidad de vida urbana para una gestión territorial sustentable.** Disponível em: <<http://mail.inenco.net/~asadedit/avermas/averma4/01-35.pdf>>.

Acesso em: 25 ago. 2003.

RUEDA, S. **Habitabilidad y calidad de vida.**

Disponível em: <<http://habitat.aq.upm.es/cs/p2/a005.html>>. Acesso em: 25 jul. 2003.

SALVARIS, M. **Community and social indicators:** how citizens can measure progress. Institute for Social Research. 2000. 41p.

Disponível em: <http://www.sisr.net/programcsp/publised/com_socind.PDF> Acesso em: 01 nov. 2004.

SCULLY, G. W. Government expenditure and quality of life. *Public Choice*, v. 108, n. 1, p. 123-145, 2001.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

SÉNÉCAL, G. Urban spaces and quality of life: moving beyond normative approaches. Policy Research Initiative. *Horizons*, v. 5, n. 1, p. 20-22, 2002.

Disponível em: <http://policyresearch.gc.ca/page.asp?pagenm=v5n1_art_06>. Acesso em: 25 jul. 2003.

SIRGY, M. J.; CORNWELL, T. Further validation of sirgy et al's measure of community quality of life. *Social Indicators Research*, v. 56, n. 2, p. 125-143, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 18 jul. 2003.

SIRGY, M. J. **Materialism and quality of life**. *Social Indicators Research*, v. 43, n. 3, p. 227-260, 1998.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

SKEVINGTON, S. M. Advancing cross-cultural research on quality of life: observations drawn from the WHOQOL development. *Quality of Life Research*, v. 11, n. 2, p. 135-144, 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

SONDOE, P. **Quality of life**: three competing views. *Ethical Theory and Moral Practice*, v. 2, n. 1, p. 11-23, 1999.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 20 jan. 2005.

SWAIN, D. **Measuring progress**: community indicators and the quality of life. Florida, 2002. 21 p. Disponível em: <http://www.jcci.org/statistics/documents/measuring_progress.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2005.

TUAN, F. S. Subjective assessment of urban quality of life in Singapore (1997 – 1998). *Habitat International*, v. 24, n. 1, p. 31-49, 2000.

Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 04 jul. 2003.

UNITED NATIONS CENTRE FOR HUMAN SETTLEMENTS. Global urban observatory: monitoring human settlements with urban indicators. Nairobi, Kenya.

UNITED NATIONS HUMAN SETTLEMENTS PROGRAMME. Urban indicators guidelines: monitoring the Habitat Agenda and the Millennium development goals. Nairobi, Kenya. 2004.
Disponível em:

<http://www.unhabitat.org/programmes/guo/documents/urban_indicators_guidelines.pdf>.
Acesso em: 04 ago. 2005.

URBAN Audit.

Disponível em: <<http://www.urbanaudit.org/index.aspx>>. Acesso em: 14 abr. 2005.

VARELIUS, J. **Quality of life in a city:** the effect of population density. *Journal of Happiness Studies*, v. 5, n. 1, p. 73-91, 2004,

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

VEENHOVEN, R. **The four qualities of life:** ordering concepts and measures of the good life. *Journal of Happiness Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-39, 2000.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 20 jan. 2005.

WONG, C. **The relationship between quality of life and local economic development:** an empirical study of local authority areas in England. *Cities*, v. 18, n. 1, p. 25-32. 2002.

Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/cities>>. Acesso em: 26 maio 2004.

ZAPF, W. Social reporting in the 1970s and in the 1990s. *Social Indicators Research*, v. 51, n. 1, p. 1-15. 2002.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/article.asp?PIPS=211114&PDF=1>>. Acesso em: 26 maio 2004.

LEITURAS DE APOIO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** Informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação, Rio de Janeiro, 2002, 6. p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** Informação e documentação: citações em documentos – apresentação, Rio de Janeiro, 2002, 7. p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** Informação e documentação: referências – elaboração, Rio de Janeiro, 2002, 24. p.

CRUZ, C.; RIBEIRO, U. **Metodologia científica:** teoria e prática. Rio de Janeiro. Axel Books do Brasil Editora. 2003. 218p.

DUPAS, M. A. **Pesquisando e normalizando:** noções básicas e recomendações para a elaboração de trabalhos científicos. São Carlos: EdUFSCar, 2004. 71 p.

DUPAS, M. A. **Pesquisando e normalizando:** noções básicas e recomendações para a elaboração de trabalhos científicos. São Carlos: EdUFSCar, 2002. 73 p.

APÊNDICE

Anotações: Revisão da literatura sobre a Qualidade de Vida

1. BECKIE, T. M.; HAYDUK, L. A. Measuring quality of life. *Social Indicators Research*, v. 42, n. 1, p. 21-39, 1997.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 abr. 2003.

As autoras sustentam que a “Qualidade de Vida” tem uma “única dimensão”, a que é resultado da avaliação global e subjetiva da satisfação dos indivíduos com suas vidas. Essa avaliação é produto de várias causas que interagem entre si no desenvolvimento da vida dos indivíduos.

2. BOWLING, A.; WINDSOR, J. **Towards the good life: a population survey of dimensions of quality of life.** *Journal of Happiness Studies*, v. 2, n. 1, p. 55-81, 2001.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 26 maio 2003.

Os autores observam que a “Qualidade de Vida” pode significar diferentes coisas para cada indivíduo em função dos elementos objetivos (materiais) e componentes subjetivos (imateriais) que eles acham importantes. Os autores exploram os elementos e componentes que podem representar a Qualidade de Vida de uma determinada unidade de análise.

3. BRAMSTON, P.; PRETTY, G.; CHIPUER H. **Unravelling subjective quality of life: an investigation of individual and community determinants.** *Social Indicators Research*, v. 59, n. 3, p. 261-274. 2002.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2003.

Os autores apontam a falta de consenso nas definições da “Qualidade de Vida” e as várias terminologias usadas para referi-la. De outro lado, eles assinalam que a maioria dos pesquisadores aceita a Qualidade de Vida como um fenômeno “Subjetivo” de “múltipla dimensão”. Nesse sentido, o conceito compreende vários domínios da vida dos indivíduos, domínios que são valorados de forma diferente de acordo ao nível de importância para eles.

O modelo proposto por Cummins e Cahill (2001), que entende a “Qualidade de Vida” como um fenômeno “Subjetivo” é testado. O modelo consiste de três níveis de determinantes: peculiaridade pessoal, aquisição de conhecimento e experiências com o mundo externo.

4. COBB, C. W.; RIXFORD, C. Lessons learned from the history of social indicators. *Redefining Progress*. 1998. 36p.
Disponível em: <<http://www.redefiningprogress.org/publications/pdf/SocIndHist.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2003.

Os autores apresentam a evolução dos “indicadores sociais” desde a perspectiva descritiva à analítica, os principais conflitos no desenvolvimento dos indicadores sociais, a história do “Movimento dos Indicadores Sociais” e as lições aprendidas no desenvolvimento dos indicadores ao longo do tempo.

5. DIENER, E.; SUH, E. **Measuring quality of life: economic, social, and subjective indicators.** *Social Indicators Research*, v. 40, n. 1, p. 189-216, 1997.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

Os Autores apresentam uma revisão dos pontos fortes e fracos das aproximações para avaliar a “Qualidade de Vida”. Eles argumentam a necessidade das “medições dos indicadores sociais”, as “avaliações do bem-estar subjetivo” e, as “medições econômicas” para estimar a Qualidade de Vida da sociedade. Essas medições e avaliações fornecem informação diferente.

6. DISSART, J. C.; DELLER, S. C. **Quality of life in the planning literature.** CPL Bibliography 360. *Journal of Planning Literature*, v. 15, n. 1, p. 135-161, 2000.
Disponível em: <<http://jpl.sagepub.com/cgi/reprint/15/1/135>>. Acesso em: 7 maio 2004.

Os autores examinam o conceito “Qualidade de Vida” através da revisão de definições, conceitos, modelos e métodos. Eles fazem uma revisão da literatura sobre a noção “Qualidade de Vida” e seu efeito no

planejamento. Discutem a relação da Qualidade de Vida e as áreas geográficas, principalmente nas áreas urbanas, assim como sua relação com as áreas rurais e bairros; seu papel nos movimentos migratórios humanos; seu impacto na localização de empresas; e sua relação com o crescimento econômico regional.

7. FAISHAL, M. I.; WEI S. C. Quality of life of residents living near industrial estates in Singapore. *Social Indicators Research*, v. 61, n. 2, p. 203–225, 2003.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

Os autores assinalam que o estudo sobre a “Qualidade de Vida” é importante para políticos e economistas na procura de atingir o “bem-estar” da população. Eles sustentam que a Qualidade de Vida é um conceito subjetivo devido à incerteza dos fatores que a podem constituir, esses fatores podem ser da ordem econômica, política, ambientais, sociais e componentes individuais (componentes subjetivos).

Em tal sentido, os autores apontam que não existe uma única forma de avaliar a Qualidade de Vida, mas ressaltam que sua avaliação comumente é feita usando indicadores objetivos ou subjetivos. Os indicadores objetivos (quantificação), geralmente, são usados em áreas geográficas (bairros, cidades ou países) procurando determinar a condição das necessidades básicas como alimentação e abrigo, dentre outras. Entanto que, os indicadores subjetivos (qualificação) são enfocados na determinação do nível de satisfação do indivíduo com sua vida.

De outro lado, eles indicam que as avaliações subjetivas são preferíveis para apoiar o planejamento urbano e a formulação de políticas públicas. Essas avaliações permitem identificar a satisfação da população com os aspectos de suas vidas.

8. FELCE, D.; PERRY, J. **Quality of life: its definition and measurement.** *Research in Development Disabilities*, v. 16, n. 1, p. 51- 74, 1995.
Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 04 ago. 2003.

Os autores apontam que a “Qualidade de Vida” é um conceito complexo, o qual pode ser observado desde diferentes níveis de aproximação ou unidades de análise. Essas unidades de análise podem ser desde um indivíduo ou grupo de indivíduos (micro contexto) até uma comunidade ou sociedade (macro contexto).

A diversidade das definições sobre a Qualidade de Vida é apresentada pelos autores, citando Liu (1976), Baker e Intagliata (1982).

Eles apresentam um quarto modelo conceitual sobre Qualidade de Vida, além dos três apresentados por Borhwick-Duffy em 1992.

9. GÓMEZ-VELA, M.; SABEH, E. N. **Calidad de vida: evolución del concepto y su influencia en la investigación y la práctica.** *Integra*, v. 3, n. 9, p. 1– 4. 2000.
Disponível em: <<http://www3.usal.es/~inico/investigacion/invesinico/calidad.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2003.

As autoras apresentam a evolução do conceito “Qualidade de Vida”. Elas indicam que o interesse na Qualidade de Vida vem desde tempos imemoriais; mas a preocupação por avaliá-la em forma sistemática e científica corresponde à década dos anos 80 do século passado (século XX). A idéia da Qualidade de Vida começou-se popularizar na década dos anos 60 do mesmo século.

O surgimento do conceito é associada, pelas autoras, ao debate político sobre a questão ambiental e a deterioração das condições de vida no meio urbano, o que aconteceu entre as décadas dos anos 50 e 60.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento das avaliações da Qualidade de Vida são relacionados com o “Movimento dos Indicadores Sociais”, o qual tem marcado como início o ano 1966 com a publicação do relatório *Social Indicators* de Raymond Bauer, nos EEUU.

As autoras fazem referência aos autores Felçe e Perry (1995) para apresentar os modelos conceituais sobre a Qualidade de Vida.

10. HAGERTY, M. R.; CUMMINS, R. A.; FERRISS, A. L.; LAND, K.; MICHALOS, A. C.; PETERSON, M.; SHARPE, A.; SIRGY, J.; VOGEL, J. **Quality of life indexes for national policy: review and agenda research.** *Social Indicators Research*, v. 55, n. 1, p. 1-96, 2001.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

Os autores assinalam que escritores desde a época de Platão têm especulado sobre como a “boa vida” (Qualidade de Vida) pode ajudar na formulação das políticas públicas. Eles apontam que desde a década dos anos 70 do século passado, citando FERRISS (2000), muitas têm sido as tentativas por avaliá-la.

Uma revisão de 22 índices de Qualidade de Vida é apresentada identificando sua utilidade na formulação das políticas públicas. Os autores desenvolveram 14 critérios para determinar os pontos fortes e fracos

desses índices na formulação dessas políticas. Entre os pontos fortes que foram encontrados em alguns índices, eles distinguem:

- “Confiabilidade”
- “Periodicidade de suas avaliações”
- “Capacidade de desagregação para estudar a população em grupos homogêneos”

Entanto que, entre os pontos fracos identificaram:

- Variação na abrangência e a definição dos domínios da vida da população.
- Falta de distinção entre o input, *throughput* e *output*, os quais são usados pelos analistas das políticas públicas.
- Falta de sensibilidade dos indicadores que monitoram as *output* frente às *input*.
- Falta de validação entre os índices.

11. HOLMES, T. P. Forest and the quality of life.

Disponível em: <http://www.srs.fs.usda.gov/sustain/report/pdf/chapter_12e.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2004.

O autor aponta que a “Qualidade de Vida” é um conceito de “múltipla dimensão”, o qual é usado indistintamente como sinônimo de outros termos (bem-estar, riqueza, condição de vida). O termo é usado para se referir à medição resumo do “bem-estar” do indivíduo e a sociedade.

O autor apresenta uma discussão de como a floresta e seus usos influenciam a “Qualidade de Vida”. Ele toca temas como os índices de Qualidade de Vida (Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, o Indicador de Progresso Genuíno – IPG, etc.) e indicadores relacionados com o uso das florestas (indicadores econômicos, indicadores sociais e demográficos, e indicadores de conforto com as bondades visuais das paisagens).

12. MICHALOS, A. C. Social indicators research and health-related quality of life research. *Social Indicators Research*, v. 65, n. 1, p. 27-72, 2004.

Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

O autor assinala que os estudos sobre a “Qualidade de Vida” começaram na década dos anos 60 do século passado (século XX) com o surgimento do “Movimento dos Indicadores Sociais”.

Conceitos e definições sobre os indicadores sociais são apresentados, assim como uma revisão das origens e motivos do começo da pesquisa sobre os indicadores sociais.

13. MYERS, D. Building knowledge about quality of life for urban planning. *Journal of the American Planning Association*, v. 54, p. 347-358, 1988.

Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/build.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

O autor sustenta que a “Qualidade de Vida” é um conceito poderoso politicamente, o qual serve para descrever a satisfação dos cidadãos com os diferentes aspectos de suas vidas, principalmente os relacionados com sua localização geográfica. Em tal sentido defende, o desenho da avaliação da Qualidade de Vida em função das características particulares das comunidades.

No trabalho é apresentado um modelo de relações entre o desenvolvimento econômico, a qualidade de vida e o planejamento urbano; o papel do planejamento urbano e uma estratégia para avaliar a Qualidade de Vida para os planejadores urbanos.

14. MYERS, D. **Community relevant measurement of quality of life: a focus on local trends.** *Urban Affairs Quarterly*, v. 23, n. 1, p. 108-125, 1987.

Disponível em: <<http://www-rcf.usc.edu/~dowell/pdf/community.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2004.

O autor associa o surgimento da expressão “Qualidade de Vida” com o “Movimento dos Indicadores Sociais”. Ele distingue os estudos sobre o “bem-estar do indivíduo” e os de “Qualidade de Vida Urbana” no “Movimento dos Indicadores Sociais”.

O conceito “Qualidade de Vida” é apontado como “vivências” dos indivíduos em função de duas premissas do autor: a Qualidade de Vida é resultado da experiência local dos indivíduos, e os indivíduos a julgam ao longo do tempo e não por comparações.

Ele critica as avaliações comparativas da Qualidade de Vida em quatro pontos:

- A falta de considerar a informação subjetiva dos indivíduos.
- A tendenciosa escolha e hierarquização dos indicadores para avaliá-la.
- A falta de informação comparativa.

- A falta de atenção aos aspectos singulares locais.
Assim, o autor apresenta a proposta do método de “Avaliação local da Qualidade de Vida”.

15. PALOMAR, L. J. The development of an instrument to measure quality of life in Mexico City. *Social Indicators Research*, v. 50, n. 2, p. 187-208, 2000.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 14 ago. 2003.

A autora indica que o conceito “Qualidade de Vida” é definido na relação entre “importância” e “satisfação”. Ela sustenta que a Qualidade de Vida é um fenômeno “subjetivo” e de “múltipla dimensão”, o qual faz referência ao grau de satisfação do indivíduo com os aspectos de sua vida, em função da importância que esses lhe significam.

16. ROYUELA, V.; SURINACH, J.; REYES, M. Measuring quality of life in small areas over different periods of Time. *Social Indicators Research*, v. 64, n. 1, p. 51-74, 2003.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 10 ago. 2004.

Os autores sustentam que a “Qualidade de Vida” é o resultado da combinação dos aspectos objetivos e subjetivos da vida dos indivíduos, o qual tem uma “múltipla dimensão”, citando Liu (1978) e Wish (1986), respectivamente.

De outro lado, eles apontam a importância de definir a unidade de análise geográfica para realizar o estudo da Qualidade de Vida. Eles baseiam sua observação no argumento de Wish (1986), quem indica que a Qualidade de Vida difere entre nações, regiões e estados, pelo qual, é necessário delimitar as áreas a serem estudadas a partir de sua homogeneidade.

17. SCOTT, F. R.; AL-ROUMI A. **Political democracy and the physical quality of life: the cross-national evidence.** *Social Indicators Research*, v. 47, n. 1, p. 73-97, 1999.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>> Acesso em: 20 maio 2003.

Os autores sustentam que a “Qualidade de Vida” é um conceito “complexo”, o qual tem a ver com alguma forma de escolha em função da maior quantidade de oportunidades. A escolha é geralmente definida em termos econômicos.

A Qualidade de Vida é entendida como um fenômeno meramente objetivo, o qual é refletido pela medição dos bens materiais que possui o indivíduo (condição de vida).

18. SHALOCK, R. L. **The concept of quality of life: what we know and do not know.** *Journal of Intellectual Disability Research*, v. 48, n. 3, p.203-216, 2004.
Disponível em: <<http://www.blackwell-synergy.com/links/doi/10.1111/j.1365-2788.2003.00558.x/enhancedabs/>>. Acesso em: 26 maio 2004.

O autor sustenta que o conceito “Qualidade de Vida” é uma ferramenta que apóia à formulação de políticas sociais destinadas a atingir o “bem-estar” dos indivíduos, o qual permite avaliar e monitorar a aplicação dessas políticas. Em tal sentido, o conceito Qualidade de Vida é utilizado como uma “noção sensível” à percepção dos indivíduos, como “tema unificador” dos aspectos da vida dos indivíduos, e como “conceito social” por procurar o “bem-estar” dos indivíduos por meio de estratégias e políticas para atingi-lo.

Dessa maneira, o conceito Qualidade de Vida é entendido como um conjunto de fatores (domínios) que interagem na definição do “bem-estar” dos indivíduos. Esses domínios constituem o referencial da Qualidade de Vida, pelos quais pode-se obter uma indicação dessa situação. Os domínios podem ser diversos e para avaliá-los e monitorá-los é necessário utilizar uma múltipla variedade de indicadores, os quais podem ser de caráter objetivo (condição de vida) e subjetivo (satisfação do indivíduo).

19. SHIN, D. C.; RUTKOWSKI, C. P.; PARK, C. **The quality of life in Korea: comparative and dynamic perspectives.** *Social Indicators Research*, v. 62-63, n. 1-3, p. 3-16, 2003.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 26 maio 2004.

Os autores indicam que a “Qualidade de Vida” é um conceito relacionado:

- A um processo de avaliação (NAUSSBAUM; SEM, 1993; ALLARD, 1976; STORRS, 1975);
- Às preferências e prioridades dos indivíduos, as quais variam entre eles (CANTRIL, 1965);
- Os vários fatores da vida dos indivíduos, os quais envolvem muito mais que às condições econômicas;
- A uma dimensão objetiva e outra subjetiva, as quais são distintas, mas ao mesmo tempo complementarias (FREY; STUTZER, 2002; LANE, 2000; MULLIS, 1990).

Nesse sentido, eles assinalam que a avaliação da Qualidade de Vida pode ser aproximada desde a combinação das perspectivas objetiva (condição de vida) e subjetiva (satisfação) dos indivíduos (VEENHOVEN, 2000; DIENER; SUH, 1997; ALLARD, 1976).

20. SIRGY, M. J.; RAHTZ, D. R.; CICIC, M.; UNDERWOOD, R. **A method for assessing residents' satisfaction with community-based services: a quality of life perspective.** *Social Indicators Research*, v. 49, n. 3, p. 279-316, 2000.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 18 jul. 2003.

Os autores assinalam que a “Qualidade de Vida” pode ser avaliada em diferentes “níveis” ou “unidades de análise” e usando uma perspectiva objetiva (condição de vida) ou subjetiva (satisfação) dos indivíduos. As “unidades de análise” podem ir desde o indivíduo até o mundo em forma integral (SIRGY et al., 1995).

De outro lado, eles observam que o conceito Qualidade de Vida tem uma característica intrínseca de “múltipla dimensão” pela qual, sugerem determinar em forma específica sua concepção. Nesse sentido, as respostas às questões como: que se entende por Qualidade de Vida?, para que tipo de indivíduos é essa Qualidade de Vida?, e em que lugar é observada essa Qualidade de Vida?; são necessária (PROSHANSKY; FABIAN, 1986).

Em tal sentido, eles apresentam um modelo que avalia a Qualidade de Vida no nível comunitário e na dimensão subjetiva.

21. TÜRKSEVER, E. N.; ATALIK G. Possibilities and limitations for the measurement of the quality of life in urban areas. *Social Indicators Research*, v. 53, n. 2, p. 163-187, 2001.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

Os autores observaram cinco características do conceito “Qualidade de Vida”, as quais são:

- A definição e avaliação da Qualidade de Vida requerem um enfoque interdisciplinar;
- A Qualidade de Vida está relacionada com as oportunidades de desenvolvimento do indivíduo;
- Existe pouca correlação entre as medições objetivas (condição de vida) e avaliações subjetivas (satisfação) dos aspectos da vida dos indivíduos (WISH, 1986);
- Os fatores econômicos não determinam por si o “bem-estar” dos indivíduos; e
- A satisfação tem uma hierarquia de requerimentos que vão desde o nível mais baixo até o mais alto (Teoria de Necessidades de Maslow).

De outro lado, eles assinalam que o tema (Qualidade de Vida) vem sendo estudado desde a década dos anos 30; mas na década dos anos 90 do mesmo século (século XX), os esforços têm sido maiores. Apesar desses esforços, os pesquisadores no tema não têm concordado em uma definição.

Embora não exista uma definição única do conceito, a maioria das definições aponta à situação ou condição de satisfação do indivíduo em um lugar determinado, em função de seu quadro de valores (WISH, 1986).

Em relação à avaliação da qualidade de Vida, os autores indicam que o assunto tem que ser abordado desde uma perspectiva objetiva (condição de vida) e subjetiva (satisfação), como já tinha apontado Murherjee (1989); a fim de identificar os fatores que contribuem à definição do fenômeno da Qualidade de Vida (SUFIAN, 1993). A identificação desses fatores determina os “domínios” em que é entendida a Qualidade de Vida, os que devem ser avaliados com “indicadores” objetivos e subjetivos.

22. ÜLENGİN B.; ÜLENGİN, F.; GÜVENÇ, Ü. **A multidimensional approach to urban quality of life: the case of Istanbul.** *European Journal of Operational Research*, v. 130, n. 2, p. 361–374, 2001.
Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>>. Acesso em: 20 nov. 2003.

Os autores apontam que a “Qualidade de Vida” tem sido estudada desde a década dos anos 30 do século XX por pesquisadores de diferentes disciplinas (WISH, 1986). Fato que reflete a necessidade de uma abordagem com caráter interdisciplinar.

Eles ressaltam a “múltipla dimensão” da Qualidade de Vida (WISH, 1986), além de assinalar que é quase impossível encontrar na literatura os mesmos “domínios” para sua definição. Embora sejam encontrados os mesmos “domínios”, esses são avaliados ou medidos com diferentes unidades.

23. VAN KAMP, I.; LEIDELMEIJER, K.; MARSMAN, G.; HOLLANDER, A. **Urban environmental quality and humanwell-being: towards a conceptual framework and demarcation of concepts; a literature study.** *Landscape and Urban Planning*, v. 65, n. 1-2, p. 5-18, 2003.
Disponível em: <<http://www.elsevier.com/locate/landurbplan>> Acesso em: 15 jan. 2004..

Os autores apresentam algumas definições do conceito “Qualidade de Vida”, como:

- Szalai (1980) refere a Qualidade de Vida como o grau de excelência ou caráter satisfatório da vida. Um estado de existência do indivíduo, bem-estar, onde a satisfação é determinada pelos fatores exógenos (objetivos) e endógenos (subjetivos).
 - WHO-QOL Group (1993) a define como a percepção do indivíduo em relação a sua vida, conteúdo cultural e o sistema de valores comparados com suas metas, aspirações e *standard* de vida.
 - Diener e Suh (1997) como sinônimo da “satisfação com a Vida”
 - Raphael *et al.* (1996) a entendem como o grau de desfrute das oportunidades oferecidas para o indivíduo.
 - Veenhovem (1996) como a felicidade em relação à expectativa de vida.
 - Musschenga (1997) a define como uma combinação que produz prazer, a qual é constituída pelo estado psicológico positivo (predisposição), satisfação (avaliação de metas), e excelência (valores dos indivíduos).
 - Cheung (1997) define a Qualidade de Vida como sinônimo de “boa vida”, a qual é uma combinação de:
 - ✦ A “boa vida hedônica” (satisfação de vida positiva ou negativa);
 - ✦ A “boa vida dialética” (entendimento dos diferentes pontos de vista, o qual implica dialogo);
 - ✦ A “boa vida humanista” (desenvolvimento das potencialidades humanas); e
 - ✦ A “boa vida formalista” (conformidade com as convenções morais).
 - RIVM (2000) a define como a percepção do indivíduo dos elementos matérias (objetivos) e componentes imateriais (subjetivos) que constituem seu contexto, onde esses elementos e componentes determinam uma variedade de “domínios”.
23. VEENHOVEN, R. Why social policy needs subjective indicators. *Social Indicators Research*, v. 58, n. 1, p. 33-46, 2002.
Disponível em: <<http://www.kluweronline.com/issn/0303-8300/current>>. Acesso em: 24 jul. 2003.

O autor faz uma revisão das objeções do uso dos “indicadores subjetivos” no monitoramento das políticas sociais. Eles argumentam a necessidade de usar esses indicadores baseados em por cinco observações:

- As políticas sociais não só limitam-se aos problemas de índole material;
 - O progresso em termos materiais não sempre pode ser medido objetivamente;
 - As medições objetivas não representam a satisfação dos indivíduos com a aplicação das políticas sociais;
 - Os indicadores objetivos fornecem pouca informação das preferências públicas; e
 - Os planejadores de políticas precisam distinguir entre os “desejos” e “necessidades” dos indivíduos.
24. VERDUGO, A. M. A.; VICENT, R. C. **Evaluación de la calidad de vida en empleo con apoyo.** Proyecto ALSOI. Publicações do INICO, Salamanca - 2004.
Disponível em: <<http://sid.usal.es/idocs/F8/FDO7020/Investigacionalsoi.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2004.

Os autores indicam que o conceito “Qualidade de vida” está sendo utilizado como:

- Uma “noção sensível” às percepções dos indivíduos, o qual oferece uma referência do estado dos diferentes “domínios” que constituem sua concepção de Qualidade de Vida;
- “Conceito social” para avaliar os principais aspectos da vida dos indivíduos;
- “Tema unificador” para abordar em forma sistemática e integral a formulação de estratégias e políticas para a melhoria do “bem-estar” dos indivíduos.